

“Queremos o futebol de volta!”

A Copa da FIFA e o conflito público/privado

Christian Russau:

Por um futebol sem o controle da FIFA

Laura

Burocco:

A Copa na África: falsa coesão social

Edison

Gastaldo:

Uma Copa para assistir pela televisão

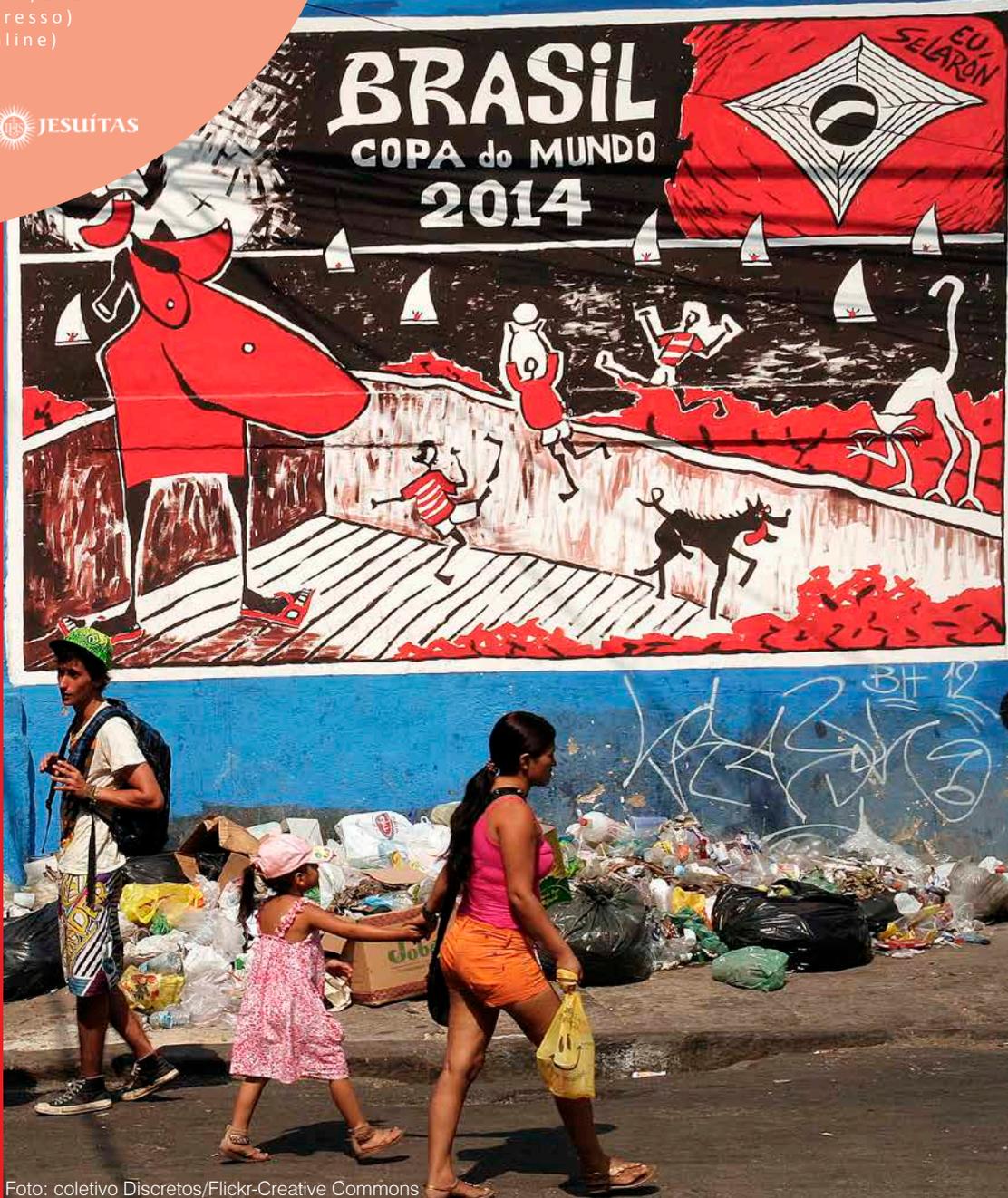


Foto: coletivo Discretos/Flickr-Creative Commons

Alfonso De Toro:

“A pós-modernidade é um Renascimento ressignificado”

Édil Guedes:

A representação da economia na vida humana

Gláucia Campregher:

Internet: ferramenta para construir a economia pós-capitalista

Queremos o futebol de volta! A Copa da FIFA e o conflito público/privado

Copa do Mundo. Para quem e para quê? era o tema de capa da edição nº 422 da **IHU On-Line**, publicada no dia 10-06-2013, na semana de abertura da Copa das Confederações, e disponível no link <http://bit.ly/IHUon422>. Agora, na semana em que tem início a Copa do Mundo de 2014, a revista retoma o tema.

O jornalista e cientista político alemão **Christian Russau**, que defende um futebol sem o controle da FIFA, relata a experiência da Alemanha como país sede da Copa de 2006 e os impactos do evento para o país. É dele a frase “Queremos o futebol de volta!” que dá título à edição desta semana da **IHU On-Line**.

Laura Burocco, pesquisadora em Políticas Urbanas e Desenvolvimento, trata da Copa de 2010, que mostrou ao mundo uma falsa integração nacional na África do Sul, nação que ainda hoje enfrenta as consequências do *apartheid*. Laura e Christian também assinam artigos no livro *Copa para quem e para quê? Um olhar sobre os legados dos mundiais no Brasil, África do Sul e Alemanha*, publicado em maio de 2014 pela Fundação Heinrich Böll Brasil e disponível no link <http://bit.ly/1n1XoLJ>.

Paulo Roberto Rodrigues Soares, professor do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

– UFRGS, aborda o modelo de políticas de mobilidade urbana adotado na atualidade no Brasil e a privatização do futebol.

Marcelo Kunrath Silva, do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFRGS, ao tratar das manifestações contra a Copa, destaca que os movimentos reivindicatórios podem não ter ligação com uma piora das condições de trabalho e de vida, como supõe o senso comum, e sim o contrário: a melhoria das condições incentiva a busca por mais conquistas sociais.

Francisco Xavier Freire Rodrigues, professor da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, destaca os legados intangíveis e os intercâmbios culturais com os povos indígenas como possíveis grandes marcos simbólicos da Copa de 2014 no Norte e Centro-Oeste.

A ativista social e advogada **Magnólia Said** analisa as intervenções realizadas pelos governos nas cidades nordestinas dentro do planejamento ao Mundial e a alegada carência de recursos para políticas de enfrentamento aos problemas sociais. Ela denuncia o crime de exploração sexual de crianças e adolescentes nas cidades-sede da Copa do Mundo.

Por fim, **Édison Gastaldo**, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, analisa o

modelo comercial de gestão do futebol e o processo de *aburguesamento* dos estádios, o qual reserva às classes populares o *direito* de acompanhar os jogos apenas pela televisão.

Complementam esta edição mais três entrevistas.

O filósofo e economista **Édil Guedes**, professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC/MG e da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, de Belo Horizonte, discute a economia na obra de Karl Marx enquanto sistema da representação, tema do seu livro recentemente publicado pela Editora Unisinos.

Gláucia Campregher, professora de economia da UFRGS, trata da internet como ferramenta para compreensão e, ao mesmo tempo, de formação da economia pós-capitalista. Já o filólogo chileno **Alfonso de Toro**, da Universidade de Leipzig, Alemanha, descreve as características da pós-modernidade, destacando o que ela conserva e supera na compreensão do humano.

A edição desta semana ainda traz a resenha do livro *Pesquisa participativa, emancipação e (des)colonialidade*, de Telmo Adams e Danilo Streck, que pesquisaram o Centro de Formação Irmã Araújo – Cefuria, de Curitiba/PR, apresentada por Caroline Lisian Gasparoni e Luciane Rocha Ferreira.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana!



Instituto Humanitas
Unisinos

UNISINOS

Endereço: Av.
Unisinos, 950,
São Leopoldo/RS.
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 – ramal 4128.

E-mail: humanitas@unisinos.br.

Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling.
Gerente Administrativo: Jacinto
Schneider (jacintos@unisinos.br).

IHU

IHU On-Line é a revista
semanal do Instituto
Humanitas Unisinos – IHU
ISSN 1981-8769.

IHU On-Line pode ser
acessada às segundas-feiras,
no site www.ihu.unisinos.br.

Sua versão impressa circula em
terças-feiras, a partir das 8h,
na Unisinos.

REDAÇÃO

Diretor de redação: Inácio
Neutzling (inacio@unisinos.br).

Redação: Inácio Neutzling,
Andriolli Costa MTB 896/MS
(andriolibc@unisinos.br),
Luciano Gallas MTB 9660
(lucgallas@unisinos.br),
Márcia Junges MTB 9447
(mjunges@unisinos.br),
Patrícia Fachin MTB 13.062
(prfachin@unisinos.br) e
Ricardo Machado MTB 15.598
(ricardom@unisinos.br).
Revisão: Carla Bigliardi

Colaboração: César Sanson,
André Langer e Darli Sampaio,
do Centro de Pesquisa e Apoio
aos Trabalhadores – CEPAT, de
Curitiba-PR.

Projeto gráfico: Agência
Experimental de Comunicação
da Unisinos – Agexcom.
Editoração: Rafael Tarcísio
Forneck

Atualização diária do site:
Inácio Neutzling, Patrícia Fachin,
Fernando Dupont, Suélen
Farias, Julian Kober e Larissa
Barbieri Tassinari

LEIA NESTA EDIÇÃO

TEMA DE CAPA | Entrevistas

- 5 **Christian Russau** – Por um futebol sem o controle da FIFA
- 10 **Laura Burocco** – A Copa na África do Sul: falsa coesão social
- 14 **Paulo Roberto Rodrigues Soares** – A apropriação privada da cidade nos megaeventos
- 17 **Marcelo Kunrath Silva** – Melhores condições de vida favorecem mobilizações
- 20 **Francisco Xavier Freire Rodrigues** – Trocas culturais como o mais importante legado dos megaeventos
- 24 **Magnólia Said** – Um modelo de evento direcionado ao turista
- 28 **Édison Gastaldo** – Uma Copa para assistir pela televisão
- 33 **Baú da IHU On-Line**

DESTAQUES DA SEMANA

- 35 **Destques On-Line**
- 37 **Estante: Édil Guedes** – A representação da economia na vida humana
- 41 **Entrevista da Semana: Alfonso de Toro** – “A pós-modernidade é um Renascimento resignificado”
- 47 **Resenha: Pesquisa Participativa: por uma dialética entre teoria e prática**

IHU EM REVISTA

- 51 **Entrevista de Evento: Gláucia Campregher** – Internet: parte e ferramenta para construir, mostrar e medir a economia pós-capitalista
- 57 **Publicações em Destaque: Cadernos Teologia Pública – André Wénin: O feminino no Gênesis**
- 58 **Publicações em Destaque: Cadernos IHU ideias – Jorge Barrientos-Parra: As possibilidades da Revolução em Ellul**
- 59 **Retrovisor**



twitter.com/ihu



<http://bit.ly/ihuon>



www.ihu.unisinos.br

**Tema
de
Capa**

**Destques
da Semana**

**IHU em
Revista**

Por um futebol sem o controle da FIFA

Para o jornalista Christian Russau, a Copa de 2006 na Alemanha surpreendeu pelo clima festivo, mas foi marcada principalmente pelo lucro econômico obtido pela Federação Internacional de Futebol

POR LUCIANO GALLAS

“Diferentemente do Brasil, na Alemanha não houve protestos e a grande maioria dos alemães era a favor da Copa. Por que isso? Na Alemanha não houve remoções, não houve os custos sociais que ocorreriam caso fosse realizada uma tentativa política de reestruturação das cidades em torno do argumento da Copa, porque os estádios já estavam lá, e a infraestrutura também”, avalia o jornalista Christian Russau. Para ele, nos dias atuais, a população alemã conseguiu se distanciar o suficiente do evento para fazer sua própria reflexão sobre a organização da Copa, a atuação da FIFA e os lucros históricos de 816 milhões de francos suíços obtidos pela entidade no período entre 2003 e 2006. “Somente agora, com todos esses relatos nos jornais sobre os absurdos da Copa no Brasil e no Qatar, as pessoas aqui na Alemanha estão formando um sentimento generalizado de repúdio à FIFA. Só que querem ver a Copa. Torcemos ainda para que um dia a FIFA não seja mais a entidade que organiza e controla a Copa. Queremos o futebol de volta!”, exalta.

Christian Russau cita as exigências feitas pela FIFA para a realização da Copa de 2006 nesta entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, mas destaca também as iniciativas que se opuseram à barganha comercial que visava beneficiar a entidade e seus parceiros de negócios. Ele cita dois exemplos: “Próximo ao famoso estádio de Dortmund, no lugar chamado Westfalenhalle, há muitos anos existe um ‘U’ gigante em cima de um prédio fazendo propaganda para uma determinada

marca de cerveja da região. Esse ‘U’ é um símbolo popular na cidade. E o que exigiu a FIFA? Para proteger o seu patrocinador de cerveja para a Copa, a FIFA mandou que o ‘U’ fosse retirado. A cidade de Dortmund recusou-se a isso e somente conseguiu a liminar jurídica argumentando motivos de patrimônio histórico. Em Colônia, a FIFA exigiu que uma parada de ônibus ao longo do estádio a qual leva o nome de uma fábrica fosse rebatizada por quatro semanas como ‘parada estádio da Copa’. Para isso, todos os folhetos da cidade com os roteiros de ônibus teriam de ser reimpressos. Mas a Prefeitura de Colônia não cedeu à pressão da FIFA”.

Christian Russau é jornalista alemão e ativista de direitos humanos, mora e trabalha em Berlim. Escreve para diversas mídias alternativas. Estudou Ciências Políticas e Filosofia na Freie Universität – FU (Universidade Livre), de Berlim, Alemanha, e na Universidade de São Paulo – USP, onde defendeu a tese *Urteil und Gemeinsinn. Ein Beitrag zur Theorie des Politischen von Hannah Arendt* (Juízo e bom senso. Uma contribuição para a Teoria da Política de Hannah Arendt). Trabalhou oito anos no Centro de Pesquisa e Documentação Chile-América Latina (FDCL), em Berlim, entidade à qual continua ligado. Também é ativo na rede alemã de organizações de solidariedade ao Brasil, a KoBra – *Kooperation Brasilien*. Christian é um apaixonado por futebol, torcedor do Tennis Borussia – TeBe, clube da sexta divisão alemã e que pratica, na avaliação do jornalista, “um futebol autêntico”.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Que impacto a Copa de 2006 produziu sobre a Alemanha? A identidade do país após a Copa era a mesma de antes?

Christian Russau – O legado mais visível é que desde então os alemães parecem ter uma relação mais leve com seu próprio país. E, no exterior, aquela imagem dos alemães como pessoas sérias, não festivas, também mudou com as enormes festas daquele verão. Mas existem outros impactos, que não são tão visíveis, e são bastante preocupantes. A vigilância por vídeo do espaço público na Alemanha, por exemplo. Antes da Copa de 2006 só havia vigilância por vídeo em meia dúzia de cidades. Esse número pulou para 30 durante a Copa, e continua subindo. Sob o argumento de “segurança”, os políticos conservadores sempre introduzem algo dizendo que aquilo era necessário para o evento – e depois aquela “novidade” se torna a “regra”.

Outra questão são os absurdos direitos extraconstitucionais que o país ofereceu à FIFA – em todas aquelas leis para as quais o governo conseguiu o aval do parlamento durante as quatro semanas de futebol. Como a atenção midiática e da opinião pública se focalizava mais no futebol, para os políticos era o momento oportuno de sancionar leis que normalmente seriam altamente contestadas. Em meio a toda aquela euforia, passou quase despercebido o maior aumento do imposto sobre faturamento, equivalente ao ICMS brasileiro, na história da Alemanha: de 16% para 19%, aprovado em 16 de junho de 2006. Esse aumento em três pontos percentuais representou uma carga mensal alta que atingiu especialmente as camadas mais pobres da população, na comparação com os mais afortunados. Ou na véspera do clássico Alemanha x Argentina [disputado em 30-06-2006], quando o governo alemão aprovou uma série de leis para mudar impostos que, em condições normais, teriam sido motivo de debates acirrados na imprensa e pela opinião pública.

Ocorre que a Alemanha estava tomada pela febre do futebol. E para aumentar a tensão, no dia do jogo das quartas-de-final contra a Argentina, o parlamento alemão resolveu colo-

“Naquele verão da Copa de 2006, aparentemente voltou aquilo que, durante quase 60 anos, ninguém na Alemanha parecia ter sentido falta: bandeirinhas nacionais nos carros e caminhões, nas sacadas e janelas”

car em pauta nada menos do que a maior reforma da história da República Federal da Alemanha desde 1949. Todos os artigos da Constituição que tocam a relação entre governo central e estados da federação, bem como as respectivas atribuições, foram modificados. Segundo as transcrições do debate no Legislativo, os parlamentares pareciam muito apressados para terminar a votação ainda antes de o jogo começar.

IHU On-Line – No que diz respeito ao clima festivo, seria correto afirmar que a Copa do Mundo representou o momento de maior alegria e união dos alemães desde a queda do muro de Berlim, em 1989?

Christian Russau – Falando em termos de um clima geral festivo, sim. Ninguém esperava que nós, os alemães, de repente nos tornássemos anfitriões festejando aquele verão nas ruas, nos bares, nos botequins da forma que fizemos, mas com certeza não se pode subestimar a influência que teve o clima para isso – foi um verão excepcional, com um calor inesperado que durou do primeiro minuto até o apito final da Copa.

Houve aquele medo de que poderiam acontecer ataques racistas ou que os *hooligans nazis* poderiam causar tumultos, mas felizmente isso não aconteceu. Esse era um tema que se discutia muito antes da Copa. Havia o alerta que o conselho dos africanos de Berlim publicou, o alerta sobre as chamadas “*no go areas*”, áreas onde negros deveriam ir com maior cuidado ou mesmo não ir, por causa da alta probabilidade de ataques *neonazis* naqueles locais. Houve uma grande discussão sobre isso, os políticos afirmando “que isso na Alemanha não tem”, mas, ao final, como a imprensa continuou insistindo no tema, algumas cidades tomaram medidas para evitar os ataques nazistas e racistas.

IHU On-Line – Antes da Copa, os alemães eram conhecidos pela resistência em utilizar símbolos nacionais, como a bandeira, e em vestir as cores do país. Quais eram os principais motivos para isso? Há hoje uma espécie de orgulho nacional renovado?

Christian Russau – Desde o final da Segunda Guerra Mundial e da libertação da Alemanha do fascismo, qualquer insinuação de nacionalismo, patriotismo ou demonstração de orgulho nacional dos alemães era tida como vergonhosa. Qualquer gesto neste sentido era visto como suspeito. Para muitos, era assim: mostrar patriotismo por um país que causou duas guerras mundiais e que cometeu a pior barbárie da história, o holocausto, era inimaginável. Isso não quer dizer que não havia nacionalistas ou patriotas na Alemanha, só que eram uma minoria. Nas escolas, o hino nacional fazia parte do programa, mas quase nunca era cantado. Até os anos 1990, nem os jogadores da seleção cantavam o hino nacional antes dos jogos. Muitos deles mantinham a boca fechada. Bandeiras da Alemanha podiam ser observadas aqui e acolá durante os jogos da seleção nos estádios, mas muito raramente eram vistas nas ruas. O patriotismo alemão tinha praticamente desaparecido do país após o fim da Segunda Guerra Mundial. Eu pessoalmente diria, graças a Deus!

Só que, na Copa de 2006, de repente isso tudo mudou. Uma pesquisa feita naquele ano com alunos e alu-

nas revelou que, por causa dos jogos, “passou a ser normal usar as cores nacionais para a maioria dos jovens”. Para muitos alemães e observadores de fora, aquilo foi uma surpresa; para alguns, chegou a ser um choque. Naquele verão da Copa de 2006, aparentemente voltou tudo aquilo que, durante quase 60 anos, ninguém na Alemanha parecia ter sentido falta: bandeirinhas nacionais nos carros e caminhões, nas sacadas e janelas... Para os alemães, tornou-se aparentemente normal ter uma relação “menos tensa” com a própria Alemanha. Naquele verão de 2006, o que se via era um *patriotismo festeiro*. Afinal, é algo que cada pessoa teria que decidir por si mesma. Eu pessoalmente nunca cantaria o hino alemão e não necessariamente vou torcer para a seleção alemã. Torço para um futebol lindo. Mas, em geral, se compararmos o grau de patriotismo na Alemanha com o de outros países, aqui ele ainda continua sendo menor.

IHU On-Line – Qual foi a relação entre investimentos públicos e investimentos privados na Copa de 2006? Qual foi o total de recursos investidos na Copa, oficialmente e extraoficialmente?

Christian Russau – Depois da Copa, o governo federal alemão lançou um relatório dizendo que os gastos públicos federais destinados diretamente à organização do evento somaram apenas 294 milhões de euros, e que um total de 530,7 milhões de euros em dinheiro público foi investido nos níveis federal, estadual e municipal para as reformas ou novas construções de doze estádios, os quais chegaram a custar um total de 1,4 bilhão de euros – o que equivaleria a dizer que o dinheiro público gasto representava um terço do total de custos do evento. Considero isto altamente duvidoso. Um montante de 3,7 bilhões de euros dos cofres públicos federais foram investidos na ampliação das autoestradas no país, como o governo mesmo registra em seu relatório final da Copa de 2006. Mas, o que diz o governo? “Não incluímos essas despesas no orçamento geral da Copa”. Por que não? Um colega jornalista, Jens Weinreich, dá a explicação: “A arte consiste em incluir o mínimo

“Para os alemães, tornou-se aparentemente normal ter uma relação ‘menos tensa’ com a própria Alemanha. Naquele verão de 2006, o que se via era um *patriotismo festeiro*”

possível de custos no orçamento e indicar o máximo possível de gastos previstos como investimentos, não os ligando diretamente às Olimpíadas ou à Copa do Mundo. Assim, acaba-se chegando a um belo superávit nos respectivos orçamentos”.

Do outro lado vale também lembrar que é verdade ser difícil alocar exclusivamente no item Copa do Mundo projetos de infraestrutura financiados com recursos públicos, uma vez que na Alemanha ainda ocorre um verdadeiro *boom* de construção pós-queda do Muro. Os estados da antiga Alemanha Oriental continuam recebendo meios públicos para projetos de infraestrutura através do adicional de solidariedade cobrado nos impostos; Berlim ainda se encontra no *boom* imobiliário depois da queda do Muro, da unificação, da mudança da capital e do aumento de atratividade da cidade em termos mundiais. Mas quem sabe avaliar quanto os gastos em infraestrutura feitos antes do anúncio da decisão da FIFA de que a Alemanha sediaria a Copa de 2006 influenciaram nesta decisão? Quem sabe avaliar quanto alguns políticos *sonharam* com a Copa e encaminharam projetos de infraestrutura antes dessa decisão ser anunciada? Economistas alemães

fizeram as contas em 2009 e descobriram que os gastos públicos em todas as cidades-sede da Copa de 2006, incluindo todas as medidas de infraestrutura, somaram cerca de 7 bilhões de euros. Mas ainda assim é difícil vislumbrar um limite claro entre investimentos feitos exclusivamente para a Copa ou para outros fins. Simplesmente não se pode medir isso.

IHU On-Line – Quais foram as principais obras realizadas para o evento? Como se deram as relações de trabalho na realização das mesmas? Qual era a origem dos operários?

Christian Russau – Dos 12 estádios, 7 foram renovados e 5 foram construídos, com o custo total que citei antes, de 1,4 bilhão de euros. Mas, de novo, não se pode atribuir isso exclusivamente às demandas e necessidades da Copa. Por exemplo, os times de Bayern München e Schalke 04 já tinham tomado a decisão de construir um estádio próprio bem antes da Copa. Também todas aquelas exigências de ter cadeiras nos estádios (e acabar com os espaços da Geral) foram estabelecidas pela UEFA¹ já nos anos 1990 para os times que participam da Liga dos Campeões ou da, à época, Copa UEFA [hoje, Liga Europa]. Infraestrutura, como falei, é algo que está sendo feito desde a reunificação, em outubro de 1990. Então, não se pode atribuir isso diretamente à Copa ou não.

No começo dos anos 1990, muitos operários vieram de Portugal ou da Irlanda. Depois, de outros países mais, sempre conforme a situação econômica de cada época. Na União Europeia, existe a livre escolha de onde trabalhar. Mas, para evitar que haja concorrência no mercado da construção civil de quem trabalha por um salário ainda menor que os outros, os sindicatos estão na luta faz

¹ UEFA (Union of European Football Associations; em português: União das Federações Europeias de Futebol): órgão que administra e controla o futebol europeu, representando as confederações e federações nacionais da Europa. Organiza competições entre nações (como a Eurocopa) e entre clubes (como a Liga dos Campeões) do continente e controla a premiação, regulamentos e direitos de mídia desses campeonatos. (Nota do IHU On-Line)

anos para que tenhamos na Alemanha também um salário mínimo fixo válido para todos os empregos. O novo governo acabou de decidir que teremos isso na Alemanha a partir de 2017. O que já existe são salários mínimos para alguns setores. Na construção civil, por exemplo, se paga atualmente 11,10 euros por hora.

IHU On-Line – A população alemã aprovava a realização do torneio antes do início do mesmo? Quem se posicionava de modo contrário à realização do evento? Houve manifestações?

Christian Russau – Diferentemente do Brasil, na Alemanha não houve protestos e a grande maioria dos alemães era a favor da Copa. Por que isso? Na Alemanha não houve remoções, não houve os custos sociais que ocorreriam caso fosse realizada uma tentativa política de reestruturação das cidades em torno do argumento da Copa, porque os estádios já estavam lá, e a infraestrutura também.

Em Berlim houve um protesto de rua contra o Ministério de Relações Exteriores, que se negou a dar vistos para jogadores de rua de Gana e da Nigéria, que foram convidados a participar de um evento patrocinado pelo próprio governo federal: a copa do Streetfootballworld, cujo objetivo era trazer times juvenis de diversos países para campeonatos de futebol de rua na Alemanha. Essa era a ideia. Mas os pedidos de visto das equipes de Gana e da Nigéria foram recusados. Segundo o ministro responsável, os menores sonhavam com uma carreira profissional de jogador de futebol no exterior [o que, na leitura do ministro, poderia incentivá-los a não voltar para os seus países de origem] – e aí os vistos foram negados. Altamente discriminatório. Qual o jovem de qualquer país que joga futebol de rua que não sonha com uma carreira profissional? Infelizmente, na Alemanha há ainda muito racismo – especialmente quando se fala de um racismo das instituições, que tenta se disfarçar.

Contra o racismo houve uma ação muito bacana na abertura da Copa do Mundo da Alemanha: era de um grupo de brasileiros, o Coletivo 3 de Fevereiro. Na fanfest, no meio de

“As cidades alemãs organizaram grandes fanfests, com mais de um milhão de pessoas na rua, como ocorreu em Berlim”

um milhão de pessoas, eles conseguiram passar pelos seguranças com uma bandeira antirracista de 20 metros por 15 metros com a frase “Know Go Area”, fazendo alusão ao alerta do conselho de africanos de Berlim sobre os “no go areas”. Os seguranças acharam que era uma enorme bandeira do Brasil e, quando a TV mostrou as imagens da multidão festiva lá na fanfest, de repente via-se aquela enorme bandeira desmascarando o racismo alemão – e o mundo inteiro está assistindo. Muito bacana.

Mas, em geral, quase não houve protestos contra a Copa. O que houve, sim, eram manifestações ligadas a um outro evento: os Jogos Olímpicos. Quando Berlim candidatou-se, entre 1991 e 1993, para os Jogos Olímpicos de 2000, formou-se um enorme movimento contra aquele megaevento, porque as pessoas temiam – com toda razão – todos aqueles processos de reestruturação da cidade que acompanham esses megaeventos. E em Berlim, com a queda do muro e a reunificação da cidade, já vivíamos um enorme processo de reestruturação. Então, para aquele movimento “Berlin Nolympic City”, que era composto por pessoas dos mais diversos segmentos da sociedade, era óbvio que se deveria lutar contra a candidatura de Berlim para os Jogos Olímpicos de 2000. Com muitas manifestações, atividades e contrapropaganda, o movimento conseguiu abalar no exterior e no próprio comitê olímpico a imagem de uma Berlim feliz por ser cidade-candidata aos Jogos Olímpicos. Como também os protestos em Munique no

ano passado e o plebiscito de lá mostraram, a população está contra a coibição do Comitê Olímpico Internacional – COI. Este sentimento as pessoas têm também em relação à FIFA, só que há uma diferença: contra a Copa na Alemanha ou a FIFA, ninguém foi a uma manifestação; contra os Jogos Olímpicos e o COI, sim. Isso tem a ver com a maior descentralização dos eventos da Copa, o que não acontece com os Jogos Olímpicos – onde praticamente tudo se passa em uma única cidade.

IHU On-Line – A Copa da Alemanha representou uma experiência inclusiva coletiva para a população ou foi um evento direcionado a uma minoria?

Christian Russau – Era difícil conseguir ingressos para os jogos, mas isso era mais algo por causa dos milhões de fãs do mundo todo que queriam assistir às partidas e nem tanto por causa do valor dos ingressos. As cidades organizaram grandes fanfests, com mais de um milhão de pessoas na rua, como ocorreu em Berlim, mas o que era muito maior (e muito mais bonito) eram as multidões de pessoas nos botequins, nos *biertgärten* alemães, as pessoas que colocaram a TV e algumas cadeiras e sofás na rua para assistir aos jogos, com cerveja barata do supermercado e curtindo o verão que parecia não acabar nunca.

IHU On-Line – Houve alguma vantagem econômica ao país pela organização do torneio? O lucro econômico foi repartido por quem?

Christian Russau – Antes da Copa, o governo alemão estimou um aumento do consumo em torno de 10 bilhões de euros durante o evento, o que representaria 0,5% do Produto Interno Bruto – PIB. Nem pensar! Os dados macroeconômicos eram – segundo pesquisadores – muito menores. Conforme os cientistas do Instituto Alemão para Ciências Econômicas, a Copa não gerou “nenhum impulso conjuntural relevante” e os efeitos econômicos “não tiveram dimensão perceptível na economia”. A conclusão deles foi: “Não houve aumento do consumo privado durante o período da Copa”.

Em 2004, a Agência Federal para Trabalho e Emprego previa “100 mil

novos empregos”. Dois anos mais tarde, em janeiro de 2006, a mesma agência já falava em apenas 50 mil empregos. E que tipo de emprego era esse? Segundo o próprio ministério, eram “em sua maioria empregos no setor de venda de refeições, em bares ou como segurança” – portanto, de curto prazo. Os únicos setores que aumentaram significativamente o volume de vendas foram três: a venda de equipamentos eletrônicos aumentou 5,2%, ou 227 milhões de euros, crescimento, em grande parte, atribuído aos novos televisores de tela plana; o setor hoteleiro do país recebeu 10% a mais de turistas do que o previsto, o que forneceu receitas extras de 220 milhões de euros; no setor de restaurantes e bares, não foram exatamente os restaurantes que ganharam, porque as vendas de refeições cresceram só 0,3% – o que cresceu drasticamente foi a venda de bebidas, que subiu 4,7%.

Afinal, a indústria que mais lucrrou com a Copa na Alemanha foi a das cervejarias. E a FIFA, claro. Esta entidade de “utilidade pública”, sediada na Suíça, faz balanços de cada Copa do Mundo em períodos de quatro anos. Esses períodos costumam começar no dia 1º de janeiro, depois da realização da última Copa, e vai até 31 de dezembro do ano da Copa seguinte. O resultado, como ela mesma declarou: “No período de 1º de janeiro de 2003 a 31 de dezembro de 2006, a FIFA contabilizou receitas totais no valor de 3,238 bilhões de francos suíços, contra despesas totais de 2,422 bilhões. Disso resulta um resultado líquido de 816 milhões de francos suíços nos quatro anos. A FIFA fechou o período 2003-2006 com um resultado recorde de 816 milhões de francos. O capital próprio fechou 31 de dezembro de 2006 com 752 milhões de francos suíços, o maior valor nos 103 anos de história da FIFA”.

IHU On-Line – A FIFA solicitou privilégios e direitos especiais durante a realização da Copa? Quais foram atendidos? Quais foram negados?

Christian Russau – No dia 6 de julho de 1999, o governo social-democrata e verdes entregou à FIFA uma longa lista de garantias governamentais, anunciando medidas, asse-

“Mas o mais bonito eram as multidões de pessoas que colocaram a TV e algumas cadeiras na rua para assistir aos jogos, com cerveja barata do supermercado e curtindo o verão que parecia não acabar nunca”

gurando amplos privilégios à associação futebolística, seus patrocinadores e parceiros, bem como aos jogadores das seleções de outros países e seus assessores: isenções fiscais, adaptações às taxas alfandegárias e modificações de leis para garantir os privilégios da FIFA. Somou-se a isto uma série de garantias relativas à modernização de estádios e a reivindicação da FIFA de reservar um raio de cerca de um quilômetro em torno dos estádios para que os direitos sobre marcas fossem adaptados às necessidades da entidade. Assim, os estádios de futebol se tornaram territórios licenciados pela FIFA e em torno deles só poderia haver publicidade e produtos dos seus parceiros comerciais. Aquela área de exclusividade para os patrocinadores oficiais da Copa não se limitou apenas aos estádios e arredores, mas a todos os lugares no país inteiro onde houvesse comemorações de torcedores e eventos relacionados à Copa.

Nos estádios, em vez da marca de cerveja preferida, os torcedores foram obrigados a tomar a cerveja americana Budweiser. O nome Budweiser na Europa normalmente está associado unicamente à cerveja original com

este nome, a Budweiser da República Tcheca. Mas, como a Anheuser-Busch, dona da marca Budweiser, é patrocinadora da FIFA, pode vender a marca dela exclusivamente nos estádios com o nome Anheuser-Bud, uma cerveja que aqui na Alemanha quase ninguém bebe. Mas aí houve outros problemas, que a própria FIFA causou: próximo ao famoso estádio de Dortmund, no lugar chamado Westfalenhalle, há muitos anos existe um “U” gigante em cima de um prédio fazendo propaganda para uma determinada marca de cerveja da região. Esse “U” é um símbolo popular na cidade. E o que exigiu a FIFA? Para proteger o seu patrocinador de cerveja para a Copa, a FIFA mandou que o “U” fosse retirado. A cidade de Dortmund recusou-se a isso e somente conseguiu a liminar jurídica argumentando motivos de patrimônio histórico. Em Colônia, a Fifa exigiu que uma parada de ônibus ao longo do estádio a qual leva o nome de uma fábrica fosse rebatizada por quatro semanas como “parada estádio da Copa”. Para isso, todos os folhetos da cidade com os roteiros de ônibus teriam de ser reimpressos. Mas a Prefeitura de Colônia não cedeu à pressão da FIFA.

Com tudo isso, a imagem negativa da FIFA na opinião pública cresceu ainda mais. As pessoas começaram a se convencer de que a FIFA é uma organização funcionando como uma máquina de dinheiro. Até o prefeito de Munique, Christian Ude, chegou a criticar publicamente os “acordos leoninos” da entidade.

IHU On-Line – Quem ganhou com a Copa de 2006? Qual é o sentimento dos alemães hoje em relação à FIFA?

Christian Russau – A FIFA fez aquele lucro enorme de 816 milhões de francos suíços. Mas somente hoje em dia os alemães estão começando a ter uma reflexão sobre a FIFA. Somente agora, com todos esses relatos nos jornais sobre os absurdos da Copa no Brasil e no Qatar, as pessoas aqui na Alemanha estão formando um sentimento generalizado de repúdio à FIFA. Só que querem ver a Copa. Torcemos ainda para que um dia a FIFA não seja mais a entidade que organiza e controla a Copa. Queremos o futebol de volta!

A Copa na África do Sul: falsa coesão social

De acordo com a pesquisadora Laura Burocco, a Copa de 2010 mostrou ao mundo uma ilusória integração nacional no país africano, já que as consequências do regime de *apartheid* ainda estão muito presentes

POR LUCIANO GALLAS

“A Copa [de 2010] serviu para vender uma imagem falsa de integração dentro do país, pois a África do Sul continua dividida, com extremos problemas de integração racial. Afinal de contas, o *apartheid* acabou há apenas 20 anos e a segregação, apesar de não estar mais legalizada, ainda está bem presente. A Copa foi um momento em que todos estavam juntos, misturados, mas tudo isso é uma aparente mistura, uma aparente coesão social, e cuja duração foi de apenas um mês. Esta aparente coesão não se aplica às diferenciações raciais. A maioria dos pobres negros na África do Sul nem conseguiu chegar perto da Copa. O valor dos ingressos não permitia o acesso aos estádios. Quem teve condições de se locomover dentro das cidades e de curtir a grande festa foram sempre pessoas de classe alta, as quais se misturavam aos turistas em ambientes exclusivos e não acessíveis, e que por um mês tiveram a ilusão de poder circular ‘seguras’ pelas cidades sul-africanas.”

A análise acima é de Laura Burocco, advogada, pesquisadora de políticas sociais. Na sua avaliação, com a realização da Copa do Mundo de 2010, o governo sul-africano pretendia mostrar ao mundo que tinha condições de ingressar na economia global, organizada conforme a lógica e os valores do

capitalismo. Nesta entrevista, concedida por telefone à **IHU On-Line**, a pesquisadora analisa as consequências do Mundial realizado na África do Sul, compara suas características com as do evento em organização no Brasil e critica o governo brasileiro por não se opor mais às exigências impostas pela federação internacional de futebol.

Laura Burocco é pesquisadora em Políticas Urbanas e Desenvolvimento, nascida na Itália. Morou no Rio de Janeiro entre 2004 e 2011, quando coordenou um projeto sobre gênero e direito à moradia do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas – IBASE. Entre 2012 e 2014, residiu na África do Sul, em Johannesburgo, atuando no *IBSA Working Group in Human Settlements* (Grupo de Trabalho em Assentamentos Informais entre Índia, Brasil e África do Sul), do *South African Cities Network – Sacities*. É formada em Direito pela Universidade de Milão, possui especialização em Políticas Internacionais e Desenvolvimento pela Universidade de Roma, pós-graduação em Sociologia Urbana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ e um MBE em Habitação pela Universidade de Witwatersrand – WITS, de Johannesburgo. Atualmente é doutoranda pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – ECO/UFRJ.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual foi a extensão do processo de remoções de famílias para construção de estádios e obras de mobilidade urbana na África do Sul?

Laura Burocco – Na África do Sul, o número de remoções relacionadas à Copa foi significativamente

menor na comparação com o Brasil. A diferença é que, no Brasil, as remoções surgiram após o país ser escolhido como sede da Copa – e, no caso do Rio de Janeiro, também como sede das Olimpíadas –, enquanto na África do Sul as remoções são um problema histórico, seja no centro

de Johannesburgo, que possui vários prédios dos quais as pessoas são removidas praticamente todo dia, seja no caso de comunidades inteiras que vão ser oficialmente realocadas, a maioria das vezes simplesmente removidas. Houve, claro, casos de remoção de famílias ligados a obras de

infraestrutura da Copa, mas este link entre Copa e remoções na África do Sul não aparece tão forte, tão direto, como aparece no Brasil – cujas políticas de remoção massiva dos anos 1970 foram combatidas pelo Fórum Nacional de Reforma Urbana, entre outros movimentos, e que voltaram agora a ser reaplicadas.

Eu iniciei minha pesquisa¹ no início de 2011. Ou seja, cerca de seis meses após o fim da Copa. E as pessoas que entrevistei nem lembravam mais da Copa! Elas não associavam a questão das remoções às obras para o evento, porque esta questão da moradia é muito extrema na África do Sul. A política habitacional sul-africana é muito precária. Apesar do número recorde de entrega de unidades habitacionais, estas casas muito raramente atendem aos requisitos de casas dignas assim como requerido pelo direito internacional. Na África do Sul, as remoções são algo que acontece diariamente e estão muito mais ligadas aos planos de longo termo de desenvolvimento urbano aplicados pelas principais cidades sul-africanas, como Johannesburgo e Durban, do que à Copa em si. Johannesburgo tem um plano chamado de Joburg 2040, o qual possui um modelo urbano extremamente excludente e cujo principal objetivo é tornar a cidade mais competitiva e atrativa para o mercado internacional – não por acaso, o slogan da Prefeitura de Johannesburgo é “Uma Cidade Africana de Classe Mundial”. O que aconteceu durante a Copa foi que, em alguns casos, os processos de remoções foram acelerados em função das obras do evento.

IHU On-Line – Comente o caso do campo de realocação de moradores de Blikkiesdorp, na Cidade do Cabo, que deveria ser temporário, se tornou permanente e é conhecido

¹ Pesquisa autônoma, realizada quando trabalhava no IBASE na área de Direito à Cidade, coordenando um projeto financiado pelo Ministério do Exterior da Itália. Entre fevereiro e maio de 2011, pesquisei os efeitos da Copa da África do Sul em termos de moradia. Trabalhei junto com o Anti Eviction Campaign - Abahlali baseMjondolo, em Durban; e em Johannesburgo, com o Landless People's Movement South Africa and Inner City Project. (Nota da entrevistada)

“O governo brasileiro se mostrou muito mais interessado em satisfazer os interesses do empresariado e da FIFA do que em tutelar e garantir os direitos dos próprios cidadãos”

pelos seus habitantes como “campo de concentração”.

Laura Burocco – Blikkiesdorp é o perfeito exemplo desta política de habitação ineficaz. Com o fim do *apartheid*, o governo sul-africano criou um programa chamado Reconstruction and Development Programme (RDP), parte do qual era destinado à construção de casas, principalmente para a população negra, que havia sido excluída do acesso à cidade. Muitas das pessoas que moram em Blikkiesdorp estão nas listas de espera por casas do RDP. Eu fui à Blikkiesdorp pela primeira vez em 2011 e voltei em 2013. Uma das mulheres que entrevistei estava morando lá desde o começo do campo, em 2009, e está há 15 anos esperando por uma moradia.

O campo de Blikkiesdorp é uma área de realocação temporária, prevista pelo N2 Gateway Housing Pilot Project, um projeto piloto de habitação social promovido pelo Departamento Nacional de Habitação em parceria com o governo da Cidade do Cabo. A Prefeitura removeu famílias que moravam em Salt River e Woodstock, uma área na periferia da Cidade do Cabo objeto de forte “gentrificação”, assim como de Delft, localizada

nas proximidades do Aeroporto Internacional da Cidade do Cabo, sendo esta última intervenção completamente ligada à *operação de limpeza* realizada para a Copa de 2010.

Dentro deste programa habitacional (N2 Gateway), Blikkiesdorp deveria ser uma solução temporária de moradias, até que se desse uma destinação correta para aquelas pessoas. Blikkiesdorp consiste em casas de lata, sem infraestrutura básica. Os banheiros são externos, não há água dentro das casas. As vias não são asfaltadas. Então, em dias de vento, é quase impossível andar nas ruas por causa da poeira, o que acontece quase todos os dias. As casas são completamente precárias, são barracos de lata. Durante o inverno, é muito frio; durante o verão, as temperaturas são muito elevadas. A área foi construída para abrigar 650 famílias, sendo que há hoje no local mais de 15 mil pessoas.

A situação de não ser um campo temporário se confirma no fato de que as pessoas continuam chegando ao local desde que ele foi criado. O número de moradores segue crescendo sempre mais. A circulação do ar é precária, sendo que as casas estão muito próximas umas das outras, e o esgoto corre a céu aberto. Por todas essas razões, as condições de saúde e higiene são péssimas. Há casos frequentes de tuberculose, além de um número alto de pessoas com HIV positivo. Além disso, outra questão, levantada por um grupo de mulheres que entrevistei no local, diz respeito à violência, praticada por gangues que controlam o território. A Cidade do Cabo é provavelmente a única na África do Sul que tem um controle de território parecido com aquele realizado no Rio de Janeiro por parte das quadrilhas do tráfico de drogas. Como a maioria das pessoas que moram ali são mulheres solteiras, com filhos, a situação se agrava ainda mais. Elas são vítimas da violência destes *gangsters* que controlam a área. Muitos dos moradores de Blikkiesdorp estão em lista de espera para ter acesso às casas do governo. E, apesar de estarem organizados em um comitê local comunitário particularmente ativo, ainda não conseguiram alcançar um resultado positivo.

IHU On-Line – Sobre esta questão da violência, no que diz respeito às políticas de segurança e à ação das forças policiais, quais são as semelhanças entre as Copas do Brasil e da África do Sul?

Laura Burocco – O que acontece na África do Sul é mais uma política de higienização da cidade, que perpassa talvez uma política de segurança. A maioria dos moradores de rua, das prostitutas, foi removida dos centros das cidades, um pouco como consequência da Copa, um pouco como consequência destes planos urbanos aplicados nas maiores cidades da África do Sul, orientados por um padrão de cidade global competitiva.

Os casos de maior violência policial ocorreram em Durban, que registrou também dois casos de violentas remoções promovidas pelo governo. Em 2009, uma assembleia de jovens no assentamento chamado Kennedy Road foi atacado e deixou dois mortos e milhares de desabrigados. Segundo membros do movimento, o ataque foi planejado por pessoas ligadas ao governo e executado pela polícia. Mas os casos de abusos praticados pela polícia vão além. Em entrevistas com meninas de rua, elas declaram terem sido forçadas a manter relações sexuais com policiais para poderem permanecer nas áreas que frequentavam. Além disso, foram muitos os meninos de rua que foram removidos do centro de Durban e levados para prisões junto com adultos. Eles permaneceram presos durante todo o tempo de realização da Copa.

Também houve casos de violência contra manifestantes e participantes de protestos. Entretanto, houve muito menos manifestações de rua na África do Sul do que no Brasil. A maioria dos protestos na África do Sul se formava durante greves e manifestações de trabalhadores e movimentos sociais – e não em ações organizadas pela classe média, como ocorre com frequência no Brasil. Políticas de segurança relacionadas à Copa funcionaram em conjunto com a *limpeza* das cidades, e tinham como objetivo principal garantir a segurança dos turistas – já que notoriamente as cidades sul-africanas têm fama de serem violentas e perigosas.

“Meninos de rua foram removidos do centro de Durban e levados para prisões junto com adultos. Eles permaneceram presos durante todo o tempo de realização da Copa”

IHU On-Line – Diante do cenário descrito, o que pode ser apontado, em termos políticos, econômicos e sociais, como o legado da Copa de 2010?

Laura Burocco – As expectativas sobre a Copa, os legados que se acreditava serem possíveis de se alcançar, se transformaram em falsas ilusões. Em termos econômicos, as expectativas criadas em relação à Copa acabaram sendo completamente desfeitas. Hoje se sabe que até ocorreu um impacto positivo em termos de imagem do país, mas o que os estudos feitos até o momento indicam é que não houve grande impacto econômico.

Claro que turistas chegaram e que trabalhadores foram empregados por um tempo, mas os resultados disso são muito relativos, muito menores do que estava sendo apresentado à opinião pública, de que haveria um aumento da receita econômica. Sabe-se atualmente que este aumento não foi significativo, foi mínimo, porque a maioria dos trabalhadores era contratada de forma temporária, sem garantias trabalhistas, o que não determinou uma mudança na economia interna do país em relação ao aumento do turismo e do consumo interno. Na verdade, o

que os estudos mostram é que isso tudo se perde. O aumento é muito pequeno para representar uma mudança substancial.

Em termos sociais, a Copa serviu para vender uma imagem falsa de integração dentro do país, pois ele continua dividido, com extremos problemas de integração racial. Afinal de contas, o *apartheid* acabou há apenas 20 anos e a segregação, apesar de não estar mais legalizada, ainda está bem presente. A Copa foi um momento em que todos estavam juntos, misturados, mas tudo isso é uma aparente mistura, uma aparente coesão social, e cuja duração foi de apenas um mês. Esta aparente coesão não se aplica às diferenciações raciais. A maioria dos pobres negros na África do Sul nem conseguiu chegar perto da Copa. O valor dos ingressos não permitia o acesso aos estádios. Quem teve condições de se locomover dentro das cidades e de curtir a grande festa foram sempre pessoas de classe alta, as quais se misturavam aos turistas em ambientes exclusivos e não acessíveis, e que por um mês tiveram a ilusão de poder circular “seguras” pelas cidades sul-africanas.

Por fim, em termos políticos, o feito a ser citado é que a África do Sul é a primeira nação africana a receber a Copa, assim como em 1910 foi a primeira nação africana a ser aceita na FIFA – embora, posteriormente, tenha sido “forçada” a deixar a entidade em função do boicote ao *apartheid*. Neste sentido, é preciso lembrar que a África do Sul ficou por anos completamente excluída do circuito internacional, justamente em função do *apartheid*. Então o que ocorreu na Copa foi como uma espécie de resgate do país, na avaliação do governo e dos representantes políticos da nação, no contexto mundial, atendendo ao interesse da África do Sul de se colocar como um país competitivo dentro de uma economia global.

Também o governo queria mostrar que o país tinha condições de realizar este evento. A música oficial da Copa 2010, baseada em uma música tradicional africana intitulada Waka Waka, que significa “este é o tempo pela África”, queria marcar exatamente

te este aspecto de que a África do Sul podia fazer a Copa acontecer. Nesta perspectiva, o país parece ter alcançado o resultado esperado, segundo um comentário feito recentemente pelo ex-presidente Lula em visita à África do Sul para um encontro com empresários locais: “Vocês mostraram ao mundo que somos tão ou mais civilizados que os países ricos”. A civilização de um país parece aqui estar medida em acordo com a possibilidade de ingresso no mercado mundial, e por isso a Copa na África do Sul tinha o seu valor político.

IHU On-Line – Na sua avaliação, qual deverá ser o legado da Copa de 2014?

Laura Burocco – Partindo da ideia de que não existe legado positivo das Copas, assim como pensado pela FIFA, penso que o legado da Copa no Brasil é o próprio movimento crítico à Copa, o fato de as pessoas terem criado uma manifestação pública de suas denúncias em relação à forma como a FIFA atua. Por várias razões, ligadas à história do país e à posição econômica que a África do Sul ocupa no contexto global, muito diferente da posição brasileira, não houve este movimento público contra a FIFA em 2010.

O Brasil é o primeiro país a demonstrar tamanha contestação em relação à FIFA e à própria Copa, deixando todo o mundo surpreso – considerando sua identificação como “o país do futebol”. Então, o que pode ser citado como um legado da Copa no Brasil é a manifestação crítica à organização dos megaeventos e aos próprios governos, fazer com que esta *Copa na Rua* se transforme em um exemplo para outros países que vão receber estes megaeventos. É a crítica à forma como a FIFA age em relação ao megaevento que está sendo organizado, mas também ao que o governo de cada país permite que seja feito. No caso do Brasil, acredito que o país tenha poder econômico suficiente para se contrapor mais à FIFA.

IHU On-Line – Nesta perspectiva, até que ponto os casos de desrespeito aos direitos humanos no Brasil e na África do Sul são consequência

“A limpeza das cidades tinha como objetivo principal garantir a segurança dos turistas, já que notoriamente as cidades sul-africanas têm fama de serem violentas e perigosas”

das exigências impostas pela FIFA e até que ponto decorrem das decisões autônomas de cada governo diante das questões sociais?

Laura Burocco – A FIFA tem toda a responsabilidade sobre o modelo que segue em qualquer país que receba a Copa do Mundo, mas o respeito (ou o desrespeito) aos direitos humanos depende também, e muito, da forma como o governo reage, como ele se contrapõe à FIFA. No contexto internacional, o poder econômico que a Alemanha tem é superior ao do Brasil; por sua vez, o Brasil tem um poder econômico maior que o da África do Sul. Quanto menos poder econômico o país tem, mais a FIFA pode exigir. Claramente, as exigências da FIFA na África do Sul foram muito maiores do que no Brasil, e muito menores na Alemanha do que no Brasil. É um sintoma também do nível de democracia do país que está recebendo a Copa, do nível de garantia dos direitos sociais.

O governo sul-africano era muito mais interessado em mostrar para o mundo que seu país estava pronto a ingressar no circuito da economia mundial do que o Brasil. O Brasil já

está dentro do circuito, não precisa da Copa do Mundo para demonstrar que é uma potência econômica, que é atrativo para os turistas. Isso não é algo de que o Brasil precise, já existe um reconhecimento internacional sobre o seu impressionante crescimento. Então acredito que o governo brasileiro se mostrou muito mais interessado em satisfazer os interesses do empresariado nacional e internacional e da FIFA do que em tutelar e garantir os direitos constitucionais e sociais dos próprios cidadãos.

IHU On-Line – Isso demonstra que há um modelo específico de organização de megaeventos para os países em desenvolvimento?

Laura Burocco – O modelo que está sendo desenvolvido tem relação direta com o desenvolvimento econômico promovido ao redor do mundo. Isto fica ainda mais claro quando se leva em consideração as novas economias emergentes do Sul, como a África do Sul e o Brasil, que fazem parte do grupo dos BRICS [Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul], e que na verdade estão se desenvolvendo seguindo um modelo não muito diferente daquele do G8 ou do G20. O desenvolvimento proposto é sempre muito mais focado em um modelo de desenvolvimento econômico do que de um desenvolvimento social e de garantias de direitos.

Acredito que a forma como os megaeventos são organizados, como está sendo feito com a Copa e como vai ser realizado com as Olimpíadas, no caso do Rio, segue exatamente este tipo de modelo. A demolição do antigo Maracanã é um exemplo disso. Ela responde a uma lógica extremamente capitalista, interessada exclusivamente no proveito econômico. A revista *Spiegel* chega a dizer que a reforma do Maracanã foi um assassinato cultural², já que o estádio é uma referência tão grande para o país quanto a Torre Eiffel para os franceses ou a Estátua da Liberdade para os norte-americanos. De nova cara, entretanto, o Maracanã deixaria de ser tão representativo para os brasileiros.

² Ver texto da *Carta Capital* sobre o assunto em <http://bit.ly/1gfcuzt>. (Nota da entrevistada)

A apropriação privada da cidade nos megaeventos

O geógrafo Paulo Soares aborda o modelo de políticas públicas de mobilidade urbana adotado no Brasil e a privatização do futebol, transformado em um grande projeto comercial destinado à acumulação de capital

POR LUCIANO GALLAS

“Vivemos uma era de mercantilização e capitalização de toda a nossa vida, tanto nos aspectos sociais como também nos aspectos pessoais. Essa mercantilização tem ligação com as transformações do capitalismo no final do século XX, sua passagem para uma fase financeira flexível (ou líquida, como colocam alguns). Hoje tudo é mercantilizável, tudo se transforma em commodity e é passível de investimento. A própria natureza é mercantilizada (vide as propagandas de condomínios fechados). A paisagem é mercantilizada (vide a valorização das favelas com “vista para o mar”, no Rio de Janeiro), logo o espaço urbano, a cidade, também é mercantilizada”, afirma o geógrafo Paulo Roberto Rodrigues Soares. “A apropriação privada da cidade é que explica esta dominação do território por marcas e corporações”, complementa ele.

Segundo o docente, o patrimônio cultural da sociedade é apropriado pelas corporações com o objetivo de obter lucro, privatizando a cidade – que, por definição, deveria ser um espaço de todos. Nesta entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Paulo Soares analisa o atual modelo de políticas públicas de mobilidade urbana no Brasil e discute o le-

gado de realização da Copa para o projeto de desenvolvimento urbano do país. “O evento esportivo foi convertido em um megaevento comercial e de acumulação de capital. Sou um apaixonado por futebol e gostaria que ele não estivesse submetido a esta lógica, não tivesse sido apropriado privadamente. A corporação organizadora do megaevento trata o futebol como sua propriedade, quando historicamente ele foi construído pela humanidade que o adotou como o esporte de sua preferência”, pondera o geógrafo.

Paulo Roberto Rodrigues Soares possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, mestrado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/Rio Claro e doutorado em Geografia Humana pela Universidad de Barcelona, Espanha. Atualmente é professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e colaborador no Programa de Pós-graduação em Geografia da FURG. Participa como pesquisador do Núcleo Porto Alegre do Observatório das Metrópoles.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em artigo publicado no sítio Copa em Discussão¹, o sr. mencionou que o modelo urbano atual, baseado em políticas de mobilidade focadas no transporte individual, em uma política habitacional regulada exclusivamente pelo capital

e na atração de megaeventos para impulsionar projetos desenvolvimentistas, produz “cidades mais privadas, mais fragmentadas, menos solidárias e de pior qualidade de vida”. Qual é a contribuição da Copa do Mundo de 2014 para este cenário?

Paulo Roberto Rodrigues Soares – A Copa do Mundo está inserida neste processo como um “acelerador”

das políticas de desigualdade. Não foi a Copa ou a FIFA que produziram cidades mais privatizadas ou segregadas, porém o modelo de gestão dos megaeventos encaixa-se em um movimento mais amplo de mudança na gestão urbana. Em um período anterior, o objetivo da gestão política das cidades era a integração funcional de seus diferentes setores, mesmo que

¹ Veja o artigo completo no link <http://bit.ly/1rQUvE6>. (Nota da IHU On-Line)

prevalecesse a especialização destes setores em funções urbanas básicas (habitação, comércio, indústria, lazer, circulação). Pelo novo modelo, o projeto integral de cidade é substituído pela ideia de que cada pedaço da cidade deve se desenvolver de acordo com as oportunidades que apareçam. E quem proporciona estas oportunidades? O mercado, que valoriza determinados setores e relega outros, pois as desigualdades são funcionais para o grande capital imobiliário e comercial.

IHU On-Line – No modelo urbano mencionado, o capital tem um papel central na formulação das políticas públicas. As consequências deste fato, entre as quais a valorização do privado e a desvalorização do coletivo, indicam que não vivemos apenas uma crise econômica em nossas cidades, mas também, e principalmente, uma crise ética?

Paulo Roberto Rodrigues Soares – O que é referido como “crise ética” está relacionado com a “mercantilização” de todos os setores de nossa vida cotidiana. Vivemos uma era de mercantilização e capitalização de toda a nossa vida, tanto nos aspectos sociais como também nos aspectos pessoais. Essa mercantilização tem ligação com as transformações do capitalismo no final do século XX, sua passagem para uma fase financeira flexível (ou líquida, como colocam alguns). Hoje tudo é mercantilizável, tudo se transforma em commodity e é passível de investimento. A própria natureza é mercantilizada (vide as propagandas de condomínios fechados). A paisagem é mercantilizada (vide a valorização das favelas com “vista para o mar”, no Rio de Janeiro), logo o espaço urbano, a cidade, também é mercantilizada.

IHU On-Line – Como a crise ética se reflete na mobilidade urbana? Quais são os valores que norteiam a organização de nossas cidades?

Paulo Roberto Rodrigues Soares – Nossas cidades foram construídas para o transporte individual, pois têm a marca da nossa sociedade fundada sobre a concentração da propriedade (especialmente da terra), da riqueza e do bem-estar. O Estado sempre

“O que é de todos, construído por todos, patrimônio cultural da sociedade, é apropriado por algumas corporações que querem associar sua imagem à cidade e lucrar com isso”

trabalhou em prol das elites em nosso país e em nossas cidades. Há um reconhecimento e uma naturalização das desigualdades. Como na questão habitacional: é “natural” construir casas populares de baixa qualidade, afinal, “são pobres, estão ganhando casas, ainda querem mais?”. Assim, é natural que os pobres, os moradores das periferias, tenham transporte de má qualidade. Pela visão dominante, estes deveriam estar conformados, “pelo menos tem ônibus”, não interessa a qualidade.

IHU On-Line – Os investimentos públicos no planejamento de megaeventos como a Copa do Mundo beneficiam que setores da sociedade? Quem realmente lucra com a realização da Copa?

Paulo Roberto Rodrigues Soares – Estes investimentos beneficiam, em primeiro lugar, as grandes corporações que fazem a gestão do processo. As grandes corporações organizadoras dos megaeventos, seus consultores e assessores, as construtoras que abocanharam a maior parte das obras da Copa. Evidentemente que existe a noção de legado, de obras que ficam

para as cidades-sede, mas o que se observa é que este legado será realizado em um prazo muito distante dos eventos em si.

IHU On-Line – A política de financiamento e isenção de impostos para as grandes obras, como a construção de estádios e a remodelação de aeroportos, encontra algum paralelo nos investimentos realizados em políticas sociais?

Paulo Roberto Rodrigues Soares – Os dados governamentais divulgados apontam que os recursos mobilizados para a Copa (e para as Olimpíadas de 2016) são inferiores ao gasto público com políticas sociais (saúde e educação, por exemplo). Logo, não se trata de uma questão quantitativa. Penso que o problema é a cultura de isenção de impostos para o grande capital, para as grandes corporações, enquanto que pequenas e médias empresas, famílias, trabalhadores em geral não têm estes benefícios que são dispensados ao grande capital. O problema é que aceitamos esta lógica de atração de investimentos via isenção de impostos no contexto da “guerra dos lugares”. Se não damos isenção, os investimentos não vêm, os megaeventos vão para outros países e “perdemos” a oportunidade. O Estado é refém do grande capital globalizado, que nos dias de hoje tem atuação planetária e decide onde vai se territorializar de acordo com as maiores vantagens oferecidas.

IHU On-Line – A realização da Copa seria um bom momento para o país repensar a lógica em que se baseia sua política nacional de mobilidade urbana?

Paulo Roberto Rodrigues Soares – Temos um marco legal importante, a Política Nacional de Mobilidade Urbana², que fala em direito à cidade, em sustentabilidade, em transporte público de qualidade... O problema é transformar esta lei (e outras) em realidade, pois, na prática, a teoria

² Política Nacional de Mobilidade Urbana: Lei nº 12.587, de 03-01-2012, disponível em <http://bit.ly/1hOmApR>. A lei institui as diretrizes das políticas públicas na área e dota os municípios de instrumentos destinados à melhoria das condições de mobilidade nas cidades brasileiras. (Nota da IHU On-Line)

é outra. Apesar de todos os marcos legais disponíveis, a sociedade não consegue impor o modelo que está na lei. Prevalece o modelo de privilégio do transporte privado motorizado. É como no Estatuto da Cidade³, que aponta para o desenvolvimento urbano sustentável, para a função social da propriedade urbana, mas que, na prática, não reverteu a lógica mercantil de produção das nossas cidades.

IHU On-Line – O usuário do transporte público é basicamente o trabalhador e a trabalhadora. E é principalmente o fator econômico que motiva o deslocamento diário das pessoas nos grandes centros urbanos. Se a motivação é econômica, por que o atual modelo de mobilidade não oferece um transporte público ágil e de qualidade?

Paulo Roberto Rodrigues Soares – Ainda que já tenhamos consciência de que necessitamos uma mudança radical na nossa política de mobilidade urbana, prevalecem os interesses privados e individuais na questão. As montadoras têm uma força econômica e política muito grande. O governo está sempre buscando uma solução para os seus problemas. Os meios de comunicação hegemônicos também dependem muito desta indústria. Basta observar a quantidade de anúncios de automóveis nos horários nobres da televisão aberta ou por assinatura, bem como nos grandes jornais e revistas semanais. O automóvel ainda é um símbolo de *status* e distinção social em nosso país.

IHU On-Line – O custo e as condições precárias do transporte público oferecido foi o tema central das manifestações organizadas em junho-julho de 2013 no Brasil. O Estado brasileiro tem conseguido atender às demandas dos trabalhadores?

Paulo Roberto Rodrigues Soares – Infelizmente, ainda não. Mesmo

³ Estatuto da Cidade: Lei nº 10.257, de 10-07-2001, disponível em <http://bit.ly/1oMRdw6>. A lei regulamenta os artigos 182 e 183 da Constituição Federal, estabelecendo as diretrizes gerais da política urbana do país, de modo a regular o uso da propriedade em prol do bem coletivo, da segurança, do bem-estar dos cidadãos e do equilíbrio ambiental. (Nota da IHU On-Line)

após as grandes manifestações do ano passado, tivemos algumas iniciativas, mas estas ainda não renderam grandes efeitos. Talvez não sejam soluções de curto prazo, mas devemos continuar discutindo e cobrando das autoridades soluções para a questão. O importante é ter consciência de que, na reorientação política da questão da mobilidade, alguns setores deverão ceder privilégios. E estes são os setores que sempre lucraram com o sistema.

IHU On-Line – Neste aspecto, quais das obras de mobilidade urbana inicialmente previstas para serem finalizadas antes do início da Copa estão de fato concluídas? Quais obras eram importantes e, apesar disso, foram excluídas do planejamento?

Paulo Roberto Rodrigues Soares – No caso de Porto Alegre, pode ser citado o projeto dos BRTs [Bus Rapid Transit; em português: veículo leve sobre pneus – VLP], que ficaram para depois da Copa, sendo inclusive excluídos da matriz de responsabilidades. Acredito que eles serão implantados, mas, sem a pressão do prazo da Copa ou de eleições municipais, as obras tendem a avançar a passos lentos. Outra obra que julgo importante e que deveria ser mais discutida é o metrô (subterrâneo) de Porto Alegre. Se compararmos a cidade com outras de porte similar na Europa, a maior parte delas conta com o metrô na sua matriz de mobilidade urbana. Também temos a tecnologia do Aeromóvel⁴, concebida aqui e que, infelizmente, nunca foi aproveitada por nós, a não ser agora com aquele mini-ramal no Aeroporto.

⁴ Aeromóvel: meio de transporte urbano automatizado em via elevada de concepção inteiramente brasileira e que se utiliza de um sistema de propulsão pneumática, inventado em 1977 por Oskar H.W. Coester. Em 1983, em Porto Alegre/RS, foi operada uma linha-piloto de testes, na qual foram certificados os componentes da tecnologia. O projeto seria implementado de fato em 1989, na cidade de Jacarta, Indonésia. Em 2013, foi concluída a construção de uma linha de 814 metros de extensão do aeromóvel, ligando o Aeroporto Internacional Salgado Filho à estação de trem Aeroporto, em Porto Alegre. É a primeira linha deste tipo em operação comercial no Brasil. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – A apropriação privada dos investimentos públicos é o que explica a fragmentação da cidade e o domínio de determinados territórios pelas grandes marcas comerciais que patrocinam os megaeventos?

Paulo Roberto Rodrigues Soares – A apropriação privada da cidade é que explica esta dominação do território por marcas e corporações. Como coloquei anteriormente, tudo é mercantilizável hoje em dia, inclusive a paisagem. O que é de todos, construído por todos, patrimônio cultural da sociedade, é apropriado por algumas corporações que querem associar sua imagem à cidade e lucrar com isso. Anos atrás, um grande banco patrocinou uma campanha para eleger o símbolo de São Paulo. “Casualmente” foi escolhida a avenida onde se situava a sede deste banco. Esta é uma forma de se apropriar de modo privado da cidade que é de todos.

IHU On-Line – Gostaria de adicionar algo?

Paulo Roberto Rodrigues Soares – A Copa do Mundo será realizada no Brasil, o país do futebol, a “pátria de chuteiras”, onde este esporte tem profundas raízes culturais. Infelizmente esta se realiza em um momento histórico no qual o evento esportivo foi convertido em um megaevento comercial e de acumulação de capital. Sou um apaixonado por futebol e gostaria que ele não estivesse submetido a esta lógica, não tivesse sido apropriado privadamente. A corporação organizadora do megaevento trata o futebol como sua propriedade, quando historicamente ele foi construído pela humanidade que o adotou como o esporte de sua preferência.

Também é de lamentar que tenhamos perdido uma oportunidade de discutirmos o modelo de cidade que queríamos construir e aproveitado a Copa para isto. Preferia que a Copa no Brasil fosse reconhecida mundialmente como aquela na qual o legado realmente beneficiou a maioria da população e não as corporações. Como um megaevento que não segregou e nem expulsou populações de seus territórios de vida. Gostaria que tivéssemos uma Copa que valorizasse a igualdade e a diversidade.

Melhores condições de vida favorecem mobilizações

As manifestações podem não estar ligadas a uma resposta à degradação das condições de trabalho, por exemplo, e sim a uma ampliação de expectativas causadas justamente por uma melhoria das condições de trabalho, afirma Marcelo Kunrath

POR LUCIANO GALLAS

“**C**ontrariamente ao senso comum que identifica a greve (e, de forma mais geral, mobilizações contestatórias) como uma resposta à piora das condições de trabalho, me parece que um conjunto de melhorias observadas nos últimos anos (em especial, o declínio do desemprego, o crescimento do trabalho formal e o aumento do rendimento dos trabalhadores) melhorou a posição dos trabalhadores na sua capacidade de negociação perante os empregadores. Ou seja, ao contrário do argumento de que estas melhorias levariam, automaticamente, a uma acomodação dos trabalhadores, o que parece estar ocorrendo é o inverso: a experiência de melhorias tende a ampliar o horizonte de expectativas dos trabalhadores, criando as bases para a mobilização pela conquista de novas melhorias. Se esta hipótese estiver correta, pode-se antecipar um contexto de acirramento da ação coletiva dos trabalhadores no Brasil. Além disso, existe um conjunto de organizações sociais e políticas investindo ativamente na construção de ações grevistas em todo o país, às vezes por fora das estruturas sindicais”, avalia o sociólogo Marcelo Kunrath Silva.

Nesta entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Kunrath analisa a manifestação dos conflitos sociais e políticos vividos pelo país, a qual toma as ruas em meio à organização da Copa do Mundo. Segundo o professor, há quatro grupos distintos envolvidos nestes protestos: a população diretamente afetada pelas obras e intervenções urbanas realizadas para os megaeventos, as organizações

sociais e políticas que contestam a alocação prioritária de recursos públicos para a Copa, as organizações que aproveitam o contexto do evento para obter respostas às suas reivindicações, e os grupos, muitos deles conservadores, que se aproveitam do momento para fazer oposição aos governos. “O ciclo de protestos de 2013 pode ser apreendido como uma confluência, bastante improvável, de atores heterogêneos, orientados por causas e objetivos distintos, que se articularam enquanto compartilhadores de um mesmo repertório de ação: a manifestação pública. Além disso, outra grande novidade do ciclo de protestos de 2013 foi a entrada em cena de uma grande quantidade de pessoas sem vinculação organizativa e mobilizada pelas redes sociais da internet. Este ciclo de protestos expressou uma enorme diversidade de inquietações e conflitos da sociedade brasileira, cobrindo praticamente todo o espectro de posições políticas.”

Marcelo Kunrath Silva possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, mestrado e doutorado em Sociologia pela mesma instituição e pós-doutorado no *Watson Institute for International Studies da Brown University*, Estados Unidos. Atualmente é professor do Departamento de Sociologia da UFRGS, integrando os programas de pós-graduação em Sociologia e em Desenvolvimento Rural. Coordena o Grupo de Pesquisa *Associativismo, Contestação e Engajamento*, cujo sítio na internet está disponível no link <http://bit.ly/SBgXkz>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Há impacto da organização da Copa do Mundo de 2014 sobre os movimentos sociais brasileiros?

Marcelo Kunrath Silva – É possível pensar quatro tipos de relações entre a Copa do Mundo e as mobilizações contestatórias em curso no

Brasil. Primeiramente, temos os segmentos da população diretamente atingida pelas obras e intervenções urbanas relacionadas à realização

da Copa. Estes segmentos, cuja expressão mais organizada é a rede de Comitês Populares da Copa, se mobilizam para confrontar os efeitos negativos (em especial, a remoção de populações) produzidos pelas obras da Copa. Em segundo lugar, podemos observar organizações sociais e políticas que se mobilizam para protestar contra a priorização por parte dos governos da alocação de recursos públicos em obras e serviços relacionados à realização da Copa do Mundo, em detrimento do direcionamento destes recursos para outras destinações (com destaque para saúde e educação) consideradas prioritárias.

Em terceiro lugar, colocam-se organizações sociais e políticas que identificam no contexto da Copa uma oportunidade para obter respostas positivas às suas demandas. Frente à visibilidade internacional assumida pelo país em função da Copa e à interpretação de que os governantes estão preocupados em evitar situações que exponham publicamente conflitos sociais, cria-se um estímulo para a emergência de movimentos reivindicatórios. Por fim, encontramos segmentos que identificam na crítica à Copa do Mundo uma forma de expressar sua oposição aos governantes, em especial ao governo federal. A crítica à Copa, enfatizando supostos casos de corrupção ou incompetência governamentais, tornou-se um foco central de articulação de um conjunto de segmentos políticos e sociais, em grande medida conservadores, que hoje se colocam claramente em uma oposição aberta ao Governo da Presidente Dilma. Observa-se, assim, que a Copa cria um contexto particular que oportuniza a expressão pública de diversos conflitos sociais e políticos que, em geral, não são resultado direto da própria Copa.

IHU On-Line – As manifestações de 2013 ocorreram em meio a um processo de retomada das paralisações sindicais no Brasil. O DIEESE estima em 446 e em 554 o número de greves no país em 2010 e 2011, respectivamente. Em 2012, um ano antes da Copa das Confederações, ocorreram 873 paralisações, enquanto

em 2013 foram organizadas mais de 900 greves. Conforme o DIEESE, é o maior número de paralisações desde 1996. É possível apontar as principais causas deste fenômeno?

Marcelo Kunrath Silva – Seria preciso uma ampla pesquisa para responder de forma adequada a esta questão. No entanto, pode-se levantar uma hipótese contraintuitiva, relacionando este crescimento das greves com a melhoria das condições dos trabalhadores no mercado de trabalho, observada nos últimos anos. Contrariamente ao senso comum que identifica a greve (e, de forma mais geral, mobilizações contestatórias) como uma resposta à piora das condições de trabalho, me parece que um conjunto de melhorias observadas nos últimos anos (em especial, o declínio do desemprego, o crescimento do trabalho formal e o aumento do rendimento dos trabalhadores) melhorou a posição dos trabalhadores na sua capacidade de negociação perante os empregadores.

Ou seja, ao contrário do argumento de que estas melhorias levariam, automaticamente, a uma acomodação dos trabalhadores, o que parece estar ocorrendo é o inverso: a experiência de melhorias tende a ampliar o horizonte de expectativas dos trabalhadores (ou aquilo que Wanderley Guilherme dos Santos¹ chamou do “horizonte do desejo”), criando as bases para a mobilização pela conquista de novas melhorias. Se esta hipótese estiver correta, pode-se antecipar um contexto de acirramento da ação coletiva dos trabalhadores no Brasil. Além disso, existe um conjunto de organizações sociais e políticas investindo ativamente na construção de ações grevistas em todo o país, às vezes por fora das estruturas sindicais oficiais (como tem ocorrido em várias das greves de rodoviários no país). Com-

¹ Wanderley Guilherme dos Santos (1935): cientista político brasileiro. Notabilizou-se a partir do texto *Quem Vai Dar o Golpe no Brasil*, que denunciou o golpe de estado de 1964 e a consequente derrubada do presidente João Goulart. Dele, veja a entrevista *Fortalecimento da democracia não depende da Reforma Política*, publicada no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU em 20-10-2006, disponível em <http://bit.ly/UhiXA2>. (Nota da IHU On-Line)

preender o significado e o alcance disso dependeria de uma pesquisa empírica.

IHU On-Line – Então estamos vivendo uma nova onda de paralisações ou estamos presenciando uma situação mais pragmática: os trabalhadores se aproveitam da visibilidade dos grandes eventos para repercutir antigas reivindicações?

Marcelo Kunrath Silva – Creio que as duas coisas. Como colocado anteriormente, o contexto da Copa cria condições de maior visibilidade e impacto para a atuação das organizações de trabalhadores. Ao mesmo tempo, penso que as melhorias (limitadas, mas mesmo assim significativas) nas condições dos trabalhadores tendem a estimular o processo de mobilização.

IHU On-Line – Como as paralisações dos trabalhadores dialogam com os protestos contra a organização da Copa?

Marcelo Kunrath Silva – Obviamente existem relações. Não podemos esquecer que um dos setores que se destacaram nas recentes greves foi o dos trabalhadores da construção civil nas obras dos estádios da Copa. No entanto, penso que são processos distintos e que é equivocado interpretar toda esta conflitualidade recente no país como algo unificado (avaliação que parece estar presente entre algumas organizações sociais e políticas).

IHU On-Line – Neste sentido, qual é a proximidade entre os protestos de 2014 e aqueles de 2013? O que eles revelam sobre certo sentimento de inquietação em nossa sociedade atual?

Marcelo Kunrath Silva – O ciclo de protestos de 2013 pode ser apreendido como uma confluência, bastante improvável, de atores heterogêneos, orientados por causas e objetivos distintos, que se articularam enquanto compartilhadores de um mesmo repertório de ação: a manifestação pública (sintetizada na palavra de ordem “vem pra rua”). Além disso, outra grande novidade do ciclo de protestos de 2013 (especialmente no mês de junho) foi a entrada em

cena de uma grande quantidade de pessoas (provavelmente a maioria dos participantes na segunda metade de junho) sem vinculação organizativa e mobilizada pelas redes sociais da internet. Este ciclo de protestos expressou uma enorme diversidade de inquietações e conflitos da sociedade brasileira, cobrindo praticamente todo o espectro de posições políticas (da extrema direita à extrema esquerda).

Em 2014, o quadro já é bastante distinto. É claro que as mobilizações de 2014 estão relacionadas ao ciclo de protestos do ano passado, mas têm outra dinâmica. São processos bem mais focados em termos de pautas e/ou demandas. Tendem a estar estruturados em torno da ação de uma ou mais organizações que funcionam como estruturas de mobilização.

IHU On-Line – Este conjunto de fatores indica que um eventual conformismo preponderante nos últimos anos chegou ao fim?

Marcelo Kunrath Silva – Considero equivocada a avaliação de que vivíamos um período de conformismo nos últimos anos. Primeiramente, sempre houve um volume relativamente elevado de ações coletivas contestatórias no país. Em segundo lugar, o deslocamento de parte da atuação das organizações da sociedade civil brasileira para a atuação institucional (participação em conselhos de políticas, na implementação de políticas públicas, etc.) não pode ser confundido com conformismo. Os fóruns institucionais abertos à participação social tendem a ser espaços altamente conflitivos. Em terceiro lugar, as pesquisas mostram que assistimos nos últimos anos a um crescimento significativo no número de organizações sociais no país, mostrando uma relativa vitalidade associativa. O fato é que a manifestação pública dá visibilidade a um conflito que, por vezes, já estava presente. Penso que muitas das pautas que emergem no ciclo de protestos de 2013 não são necessariamente novas, e sim que adquirem uma nova visibilidade e impacto pela força da mobilização contestatória.

IHU On-Line – Qual é o papel das manifestações organizadas pelos

“A Copa cria um contexto particular que oportuniza a expressão pública de diversos conflitos sociais e políticos que, em geral, não são resultado direto da própria Copa”

sem-teto e pelas famílias removidas em função das obras dos megaeventos para o atual momento do país?

Marcelo Kunrath Silva – Este é um dos segmentos citados antes que se mobilizam no contexto da Copa, sendo aquele que podemos relacionar mais diretamente com o evento. Mas mesmo neste caso é preciso ter cuidado para evitar simplificações do tipo: a Copa gerou as mobilizações. É preciso ter presente que movimentos de moradia ou dos sem-teto têm uma atuação histórica nas cidades brasileiras. E, em algumas cidades, são estes movimentos que têm construído as mobilizações das populações atingidas pelas obras da Copa.

IHU On-Line – As manifestações de 2014 indicam que os movimentos sociais institucionalizados estão ressumindo um protagonismo político que teria sido exercido no ano anterior pelos movimentos de organização coletiva horizontal?

Marcelo Kunrath Silva – Esta questão aponta para um ponto de profundos debates na literatura sobre movimentos sociais: a existência de uma mudança qualitativa na organização e atuação dos movimentos sociais em função da difusão das tecnologias de informação e comunicação. Uma das grandes surpresas do ciclo de protestos de 2013, como apontado anteriormente, foi a expressiva mobilização de indivíduos

desconectados de organizações sociais, mas conectados pelas redes sociais da internet e telefonia móvel. Este processo parece dar sustentação a alguns autores que enfatizam um deslocamento da centralidade das organizações sociais nos processos de contestação, com as redes sociais assumindo o papel de estruturas de mobilização. Estaríamos, assim, assistindo à emergência de um ativismo personalizado executado por indivíduos conectados via tecnologias de informação e comunicação.

No entanto, o que também se observou do ciclo de protestos de 2013 e em seus desdobramentos em 2014 é que a construção inicial da mobilização e a manutenção da mobilização após o período de pico do ciclo de protestos tendem a ser realizadas por organizações sociais. Neste sentido, estas ainda mantêm uma posição central nos processos de mobilização contestatória. Parece que a complexidade do atual momento é que observamos a convivência de processos distintos na conformação das mobilizações sociais, e a questão é como estes se articulam empiricamente.

IHU On-Line – Qual é a contribuição dos movimentos de organização horizontal para os movimentos sociais brasileiros?

Marcelo Kunrath Silva – Se “movimentos de organização horizontal” significam as redes de mobilização constituídas nas redes sociais da internet, por exemplo, penso ser esta uma caracterização equivocada. Estas redes podem ser profundamente hierárquicas, com indivíduos (administradores) assumindo uma significativa posição de controle sobre o debate e seus participantes.

O que me parece uma discussão política estratégica e um tema central da atual agenda de pesquisa sobre movimentos sociais é a relação entre as organizações de movimentos sociais e as novas formas de interação e ação baseadas nas tecnologias de comunicação e informação. O fato de que todos ficaram atônitos com o ciclo de protestos de 2013 indica a existência de novos processos que ainda precisam ser identificados e analisados.

Trocas culturais como o mais importante legado dos megaeventos

Para o sociólogo Francisco Rodrigues, legados intangíveis e intercâmbios culturais com os povos indígenas são os grandes marcos simbólicos da Copa do Mundo de 2014 nas regiões Centro-Oeste e Norte

POR LUCIANO GALLAS E ANDRIOLLI COSTA

A Ciência do Esporte possui toda uma linha de pesquisa voltada para estudar os legados dos megaeventos nas sociedades que os recebem. O conceito de legado, no caso, está vinculado a impactos positivos e negativos, de ordem econômica, sociocultural, ambiental, física, política e psicológica. No entanto, os pesquisadores gregos Kaplanidou e Karadakis, por exemplo, apontam que a literatura apresenta mais exemplos positivos, especialmente no caso das “estruturas intangíveis”.

E o que seria esta intangibilidade? Os autores destacam, entre outros, a regeneração urbana, a reputação internacional, o aumento de conhecimento, as trocas culturais e as experiências emocionais. É nesta linha que segue o sociólogo Francisco Xavier Freire Rodrigues, que ressalta a dificuldade de medir e quantificar a dimensão subjetiva dos impactos intangíveis. No entanto, frisa: “Talvez este seja um dos legados mais importantes dos megaeventos esportivos”. E continua: “Mesmo que todas as obras propostas pelos gestores públicos dos estados das regiões Norte e Centro-Oeste para a Copa do Mundo 2014 não estejam prontas, o que se percebe é que haverá legados tangíveis e intangíveis desse megaevento”.

Desde 2008, Rodrigues coordena a pesquisa *Esporte e Diversidade Cultural em Mato Grosso: um estudo sobre o futebol entre os índios Umutina*. Nesta entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ele aborda os im-

pactos positivos da incorporação da cultura indígena nas “obras da Copa”, o futebol como mediador de algumas etnias, as manifestações e reações contrárias ao megaevento no Mato Grosso e os legados físicos e culturais do mundial em Cuiabá.

“Os povos indígenas terão a possibilidade de ampliar as trocas culturais e de reconhecimento internacional de suas culturas durante a Copa do Mundo 2014 em Cuiabá”. Ele completa: “Do ponto de vista simbólico, entendemos que se trata de uma excelente oportunidade”. Além disso, o sociólogo defende que, em termos proporcionais, a capital do Mato Grosso será uma das cidades mais beneficiadas pelo evento. “Estão dando um tom de modernidade para a cidade. Os transtornos conjunturais podem ser superados com a conclusão das obras”.

Francisco Xavier Freire Rodrigues é bacharel em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, com mestrado e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Atualmente é professor da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, lotado no Departamento de Sociologia e Ciência Política. Atua ainda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, na mesma universidade. Rodrigues é líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Esporte, Cultura e Sociedade – GEPECS.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – A Copa terá algum impacto social, cultural ou estrutural para as comunidades indígenas da região Centro-Oeste?

Francisco Xavier Freire Rodrigues – Considero que os possíveis impactos da Copa do Mundo 2014 para as comunidades indígenas de

Mato Grosso, nesse caso, do Centro-Oeste, são de ordem/dimensão social e cultural, pois não vislumbramos qualquer impacto direto na dimensão

estrutural das comunidades indígenas decorrentes desse megaevento esportivo. No entanto, quais seriam os impactos sociais e culturais que a Copa do Mundo 2014 poderá ter nas comunidades indígenas?

Primeiro, podemos dizer que na dimensão social temos a possibilidade de maior participação dos povos indígenas na preparação do evento. Seja como voluntários, como trabalhadores empregados na construção civil, e, portanto, envolvidos nas chamadas “obras da Copa” (obras de mobilidade urbana em Cuiabá/MT), na venda de artesanatos e objetos da cultura indígena. Teremos feiras de artesanato em Cuiabá não apenas na Casa do Artesão, mas na Feira Cultural que ocorrerá no SESI Papa, com venda de comidas, bebidas e artesanatos de diferentes etnias e comunidades indígenas.

Nesse caso, podemos dizer que se trata de um impacto social e econômico, mesmo que os valores prováveis não sejam ainda conhecidos. Fica patente aqui a possibilidade de aproximação entre a cultura ocidental e a cultura indígena, tendo o futebol e a Copa do Mundo como elementos mediadores dessas relações interétnicas. Mesmo assim, ainda se encontram movimentos indígenas que se manifestaram contra a Copa do Mundo, não podemos negar isso.

Outra dimensão a ser destacada é a questão da cultura. Se a cultura indígena está diretamente imbricada na cultura e na identidade regionais de Mato Grosso (e do Centro-Oeste), ao fazer parte das mostras culturais, artísticas e das feiras, espera-se que se tenha um impacto cultural para as comunidades indígenas em decorrência da Copa do Mundo.

Esse impacto pode ser entendido como um possível legado “intangível”, para lembrarmos H. Preuss¹ (2007) e K. Kaplanidou²

& K. Karadakis³ (2010), estudiosos dos megaeventos esportivos, o que não é fácil de medir, quantificar, pois entra numa dimensão mais subjetiva, das trocas culturais. Talvez, um dos legados mais importantes dos megaeventos esportivos. Os povos indígenas terão a possibilidade de ampliar as trocas culturais e de reconhecimento internacional de suas culturas durante a Copa do Mundo 2014 em Cuiabá, algo já iniciado no ano de 2013 quando da realização da *XII edição dos Jogos dos Povos Indígenas* em Cuiabá. Do ponto de vista simbólico, entendemos que se trata de uma excelente oportunidade.

IHU On-Line – Em termos gerais, qual é a relação do índio com os esportes e, mais especificamente, com o futebol?

Francisco Xavier Freire Rodrigues – Os índios são apaixonados pelas práticas corporais e esportivas. Algumas delas com origem nativa, outras foram conhecidas e adotadas pelos indígenas por meio do contato com a cultura nacional. As atividades esportivas tradicionais mais conhecidas praticadas pelos indígenas são *akô* (corrida semelhante ao revezamento do atletismo, praticado pelo povo Gavião Parkatêjê e Kiykatêjê, do Pará), corrida de tora, *Jawari, Kagot, Kaipy, Iwo, Ronkrâ, Zaratatana*, entre outros.

Em relação aos esportes que o chamado colonizador levou para as aldeias, podemos elencar o futebol, vôlei, futsal, remo, entre outros. No caso do futebol, é muito importante dizer que se trata de uma paixão, uma verdadeira “droga” que tomou conta das comunidades indígenas. Trata-se de uma realidade presente na maioria esmagadora das etnias indígenas. A respeito do futebol nas comunidades indígenas, temos alguns estudos importantes, tais como o de J. R. Fassheber⁴ (*Etno-desporto indígena:*

*contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*⁵), o livro de Fernando Vianna⁶, *Boleiros do Cerrado: índios xavantes e o futebol* (São Paulo: Annablume, 2008), e a nossa pesquisa *Esporte e Diversidade Cultural em Mato Grosso: um estudo sobre o futebol entre os índios Umutina*.

O futebol é um mediador cultural entre os povos Umutina (aldeia Umutina, município de Barra do Bugres/MT), pois permite estabelecimento de relações entre os indígenas e a população em geral. O futebol se tornou também um competidor, algo que estabeleceu relações conflituosas entre as diferentes gerações de índios na comunidade Umutina, pois os mais jovens são apaixonados por esta modalidade esportiva, afastando-se de outras lutas, práticas e esportes tradicionais indígenas. Os mais velhos reclamam desse possível monopólio do futebol. Estamos acompanhando a prática do futebol pelos Umutina desde 2008, em campeonatos de futebol amador realizados pelas prefeituras de Barra do Bugres e de Cuiabá, quando o time da aldeia Umutina é sempre convidado a participar.

Esta etnia organiza torneios na aldeia, convidando times de outras aldeias e dos bairros das cidades vizinhas. Os Umutina praticam o futebol (masculino e feminino), vôlei, basquete, pois dispõem de estrutura na própria aldeia. O futebol tem um enorme apelo entre os indígenas, sendo elemento fundamental da sociabilidade indígena e do lazer/entretenimento Umutina. Quase todos os jogadores indígenas têm seus times de coração para expressar o pertencimento clubístico.

Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora, com mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina e doutorado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas. (Nota da IHU On-Line)

5 Tese de doutorado defendida na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, em 2006. (Nota da IHU On-Line)

6 **Fernando de Luiz Brito Vianna** ou “Fedola”: Antropólogo formado pela USP. Fez pesquisas acadêmicas entre os índios Xikrin do Cateté (Pará) e Xavante de Sangradouro (Mato Grosso). Atuou junto a entidades como Instituto Socioambiental - ISA, GTZ (Agência de cooperação técnica do governo alemão) e Projetos Demonstrativos dos Povos Indígenas - PDPI. (Nota da IHU On-Line)

Resources, na Michigan State University. (Nota da IHU On-Line)

3 **Kostas Karadakis**: professor assistente de Gerenciamento Esportivo na Southern New Hampshire University, EUA. Pesquisa impactos de eventos esportivos e sua influência na qualidade de vida, turismo esportivo, e desenvolvimento da comunidade a partir do esporte. (Nota da IHU On-Line)

4 **Jose Ronaldo Mendonça Fassheber**: professor da Universidade Estadual do Centro-Oeste, é graduado em Educação

1 **Holger Preuss**: professor de Economia e Gerenciamento Esportivo da Universidade de Mainz, na Alemanha. É membro do grupo de pesquisa Olympia e autor de *The Economics Of Staging The Olympics - 1972-2008*. (Nota da IHU On-Line)

2 **Kyriaki Kaplanidou**: professora da Universidade da Flórida. Graduada em Educação Física e Ciência do Esporte, pela Aristotle University, na Grécia, com mestrado em *Recreation Management* pela Loughborough University (UK) e doutorado em *Park, Recreation, and Tourism*

IHU On-Line – É possível apontar alguma mudança na relação das comunidades indígenas com a Copa do Mundo, comparando-se a competição deste ano com as edições anteriores do evento? Ainda há espaço para aquele velho sentimento nacionalista que unia os brasileiros durante a Copa?

Francisco Xavier Freire Rodrigues

– Comecei a estudar a relação dos indígenas com o futebol muito recentemente, por volta de 2008, por isso, não tenho dados para afirmar se houve mudanças na relação desses povos com o futebol e com a Copa do Mundo. Mas observo que os índios continuam se vestindo de verde e amarelo, com as cores do Brasil, para acompanhar jogos (amistosos, Copa América, e agora Copa do Mundo), revelando o sentimento nacionalista e a brasilidade. Neste ano de 2014, o contexto me parece bem diferente, pois há um descontentamento da população de Mato Grosso com os gastos e investimentos nas obras de preparação de Cuiabá para sediar jogos da Copa (Arena Pantanal, Mobilidade Urbana, Centros de Treinamento, VLT, etc.).

De uma forma geral, a cidade está tímida no sentido de envolvimento com a Copa do Mundo. Ainda são poucas as bandeiras nas avenidas, casas e nos veículos. O clima da Copa está ainda chegando, mas de forma lenta. Os indígenas acompanham esse mesmo movimento. O sentimento nacionalista até o momento é bastante localizado, lento e tímido. O argumento apontado para não vestir a camisa da seleção brasileira é sempre a indignação com os elevados gastos, os atrasos (de 56 obras em Cuiabá, até agora foram entregues apenas 16) e os transtornos provocados pelas obras (desvios, buracos na cidade). Parece que a razão econômica (o cálculo) está predominando, o que não deixa muita margem para o surgimento da ordem simbólica (a lógica do nacionalismo) até o momento em Cuiabá.

IHU On-Line – No caso de ter havido mudança de sentimento dos brasileiros em relação à Copa, quais seriam suas causas?

Francisco Xavier Freire Rodrigues – Parece que se trata mesmo do declínio da “Pátria de Chuteiras”. Mas

são diversas as causas/fatores que podem ser elencados. A globalização do mercado futebolístico (a maioria dos nossos jogadores da seleção atua fora do país, o que os afasta do torcedor, não permitindo a criação de vínculos de identificação entre atleta e torcida); o destaque dado a outros esportes como vôlei, basquete e ginástica, colocando novas opções para o consumo esportivo por parte dos brasileiros; a relação obscura do futebol com a política; a questão da FIFA e a relação com o governo brasileiro desde o momento em que nosso país foi escolhido para sediar a Copa do Mundo 2014; elevação/aumento da escolaridade da população brasileira tem certamente tornado os indivíduos mais seletivos em termos de opções de lazer e de prática esportiva, bem como um eventual processo de politização da população; o uso político-ideológico do futebol pelos governos (Federal e Estadual); a qualidade das obras e os contratos firmados com empreiteiras para construção das obras da Copa em Cuiabá têm sido objeto de muita discussão; a influência da internet e das redes sociais como veículos de participação da população; e neste caso de 2014, em Cuiabá, o que mais tem afastado a população do “clima da Copa” são os atrasos e os custos elevados das obras (Arena Pantanal custou até o momento R\$ 570 milhões), os escândalos recentes na política local (denúncias contra Governador do estado, Deputados e ex-Secretário da Copa), as manifestações políticas contra a Copa, a campanha pesada e sistemática da mídia contra os investimentos na Copa do Mundo e a verdadeira politização da Copa do Mundo 2014, associando diretamente as figuras da Presidenta e do Governador do estado de Mato Grosso com a Copa do Mundo 2014.

IHU On-Line – Que legados a Copa deixará para a população das regiões Norte e Centro-Oeste?

Francisco Xavier Freire Rodrigues – Mesmo que todas as obras propostas pelos gestores públicos dos estados das regiões Norte e Centro-Oeste para a Copa do Mundo 2014 não estejam prontas, o que se percebe é que haverá legados tangíveis

e intangíveis desse megaevento. Nos casos de Manaus e Cuiabá, as obras de reestruturação urbana que buscam melhorar o transporte e o embelezamento da cidade são indícios fortes de legados. Em termos proporcionais, Cuiabá será uma das cidades mais beneficiadas – trincheiras, viadutos, o VLT e a ampliação do aeroporto estão dando um tom de modernidade para a cidade. Os transtornos conjunturais podem ser superados com a conclusão das obras.

Além dessa dimensão urbanística, não podemos deixar de mencionar as estruturas esportivas (Centros de Treinamento e as Arenas da Amazônia e do Pantanal). Um dos Centros Oficiais de Treinamento está sendo construído na Universidade Federal de Mato Grosso, o qual será administrado pela Faculdade de Educação Física da UFMT. São espaços/equipamentos esportivos de primeira qualidade que serão utilizadas pela população local (seja assistindo ou praticando esportes).

No entanto, é importante frisar que as referidas obras foram (estão sendo) construídas com elevados custos e com remoção de moradores de diversas regiões. O aumento do emprego temporário nas áreas do turismo e da construção civil é visível em Mato Grosso. Falando dos legados intangíveis, as trocas culturais e o reconhecimento internacional da cultura dos estados das regiões já citadas são consideráveis. A ideia é que se tenha um novo olhar para estas partes do nosso País, pois se trata de regiões importantes do ponto de vista cultural e econômico.

IHU On-Line – Que parcela destes investimentos teve origem na iniciativa privada? Qual é a percepção da população sobre o montante de gastos públicos com a Copa?

Francisco Xavier Freire Rodrigues – Até o momento no nosso estudo sobre os investimentos na Copa do Mundo 2014 em Cuiabá/MT, não encontramos nas matrizes e nos relatórios do Tribunal de Contas do Estado nenhum dado que indique participação da iniciativa privada nos investimentos. Verificamos que o BNDES, a Caixa Econômica Federal, Infraero e os Governos Estadual e Federal são os

responsáveis pelos investimentos na Copa em Cuiabá. O governo estadual terá maior participação.

Percebe-se que, dos recursos destinados à cidade de Cuiabá, a maioria é de responsabilidade do governo estadual, da Caixa Econômica Federal e do BNDES. Desses recursos, cerca de R\$ 91,3 milhões serão destinados à reforma e ampliação do Aeroporto Internacional Marechal Rondon. Cerca de R\$ 1,15 bilhão⁷ será destinado às obras de Mobilidade Urbana e ao VLT.

A respeito da percepção da população sobre os gastos públicos com a Copa, o que se constata é que atualmente existe um clima muito pessimista, pois além das cifras elevadas, o atraso nas obras tem gerado muita revolta da população. A maioria da população está revoltada com tudo isso. Diferentemente de 2011, quando realizamos uma pesquisa sobre a Copa em Cuiabá, quando havia uma parcela considerável de pessoas favoráveis e otimistas com os legados da Copa do Pantanal, esperando especialmente melhorias na mobilidade urbana, no transporte público, no nível de emprego e no turismo. Esse otimismo desapareceu em 2013. Temos que aguardar a realização da Copa para que se tenha uma visão mais ampla e complexa sobre esse megaevento e a respeito das percepções da população local.

IHU On-Line – A cidade de Cuiabá passou por alguma mudança estrutural ou simbólica para receber a Copa? A população tinha expectativas de que a cidade fosse transformada?

Francisco Xavier Freire Rodrigues – São muitas as mudanças estruturais na cidade. Cerca de 56 obras no total, sendo que a maioria voltada para melhorar a questão da mobilidade urbana. As mudanças estruturais provocam mudanças na paisagem da cidade, nas manifestações culturais. No entanto, temos que frisar que as mudanças estão em andamento, pois muitos dos projetos do poder público em preparação de Cuiabá não foram encerrados. A construção de viadutos, trincheiras, novas avenidas e das praças esportivas (Arena Pantanal e

COTs) são reveladoras de mudanças estruturais e simbólicas na cidade de Cuiabá.

Era grande a expectativa dos cuiabanos em relação à Copa do Mundo 2014, vendo nesta uma excelente oportunidade para modernização da cidade, impulso para o crescimento do turismo. A maior expectativa era com a mobilidade urbana, melhoria do transporte público, o VLT. A população está muito preocupada com os gastos públicos, com os atrasos das obras, transtornos causados pelos desvios e reabertura de ruas, etc. Está pessimista de uma forma geral.

IHU On-Line – Qual a extensão das manifestações do ano passado contra a Copa? Há expectativa de novas manifestações durante o evento deste ano?

Francisco Xavier Freire Rodrigues – Foram manifestações importantes que ocorreram em junho de 2013 em todo o Brasil. No caso de Cuiabá, no dia 21-06-2013, cerca de 10% da população foi para as ruas protestar contra a corrupção e contra a Copa, de certa forma. Essa foi a maior manifestação que a cidade viu naquele ano. Mas foram diversas as manifestações organizadas pelos movimentos que tomaram as ruas do Brasil no ano passado. A internet e, de uma forma particular, as redes sociais contribuíram muito com essa mobilização.

Neste ano, já se tem conhecimento de diversos atos organizados pelo Comitê Popular da Copa contra os gastos e contra a Copa do Mundo da FIFA. Para o dia 13-07-2014, está agendado um evento denominado “Não Vai Ter Copa”, organizado por diversos movimentos sociais. A expectativa é que tenham manifestações nos dias de jogos da seleção brasileira e nos dias dos quatro jogos que serão realizados na Arena Pantanal. O clima é favorável para este tipo de manifestação.

IHU On-Line – O planejamento para a Copa de 2014 contempla a diversidade cultural do país?

Francisco Xavier Freire Rodrigues – A ideia de 12 sedes foi pensada no sentido de contemplar a diversidade cultural, étnica e regional do Brasil.

Como sempre se verifica uma lacuna entre o que foi pensado e o que é efetivamente realizado, percebemos que a diversidade do nosso país poderia ser mais bem aproveitada e expressa. Grupos reclamam que não foram ouvidos na preparação da Copa 2014. Em certa medida, a diversidade cultural deverá ser contemplada com a Copa do Mundo 2014 no Brasil.

IHU On-Line – O que o futebol representa hoje para os brasileiros?

Francisco Xavier Freire Rodrigues – São diversas as representações que temos do futebol. Para os mais fanáticos é otimismo, festividade, cultura, lazer, sociabilidade e oportunidade de expressão do nacionalismo, de pertencimento à nação. Representa a alma do brasileiro, o jeito de ser, de pensar e de driblar as dificuldades e angústias do dia a dia. O Brasil é conhecido como o país do futebol exatamente por essa paixão que o povo tem por este esporte.

Representa um grande negócio para os profissionais envolvidos na produção e exibição desse futebol-negócio. Para alguns brasileiros, o futebol continua sendo o ópio do povo, um instrumento de dominação política e ideológica, ou seja, espaço para reprodução da corrupção. Isso certamente tem motivado um conjunto de movimentos e organizações que são contra a realização da Copa do Mundo 2014 no Brasil.

Por ser uma modalidade esportiva e cultural multidimensional, o futebol permite a construção de diversos significados para os brasileiros. Vamos aguardar a realização da Copa do Mundo 2014 para podermos acrescentar ou retirar (dos nossos modelos teóricos) outros elementos do futebol como expressão da nossa gente.

IHU On-Line – Gostaria de adicionar algo?

Francisco Xavier Freire Rodrigues – Considero prudente aguardar a realização da Copa para uma melhor avaliação. A Pesquisa que estamos coordenando atualmente pretende fazer uma etnografia no período da Copa, uma análise quantitativa dos investimentos públicos e entrevistas com a população acerca dos eventuais legados desse megaevento.

⁷ Veja os dados em <http://www.mtnacopa.com.br/imprime.php?sid=836&cid=0> (Nota da IHU On-Line)

Um modelo de evento direcionado ao turista

A advogada Magnólia Said analisa as intervenções realizadas pelos governos nas cidades nordestinas para o planejamento do Mundial de 2014 e a carência de investimentos em políticas públicas destinadas ao enfrentamento dos conflitos sociais

POR LUCIANO GALLAS

“**A**s cidades nordestinas vivem as condições de grandes investimentos para uma modernização voltada para o consumo, e poucos investimentos voltados para os serviços públicos e de mobilidade. As prioridades são os grandes equipamentos voltados para atrair turistas de todo o mundo e reforçar uma aparência de cidade limpa de áreas pobres. Direcionadas para o lucro de determinados setores, as cidades são preparadas mediante um modelo comum, geridas como empresas, onde o mercado tem livre acesso às estruturas de governo, através do instituto das parcerias público-privadas (PPPs), hoje destino da maioria dos equipamentos públicos, inclusive os estádios de futebol. As intervenções são pontuais, não se situando numa perspectiva de ordenamento urbano a partir das legislações e dos planos diretores, nem considerando a participação social, pela via do Conselho das Cidades, hoje totalmente sem função. O interesse público queda abafado pela competição, mais ainda quando se trata de cidades que têm sol, mar e mulheres como principais atrativos turísticos”, pondera Magnólia Said.

De acordo com ela, as obras de mobilidade urbana planejadas para a Copa do Mundo na região Nordeste foram pensadas de modo a facilitar a locomoção dos turistas e de setores do empresariado nacional e internacional entre os aeroportos ou

terminais de passageiros nos portos e os hotéis, e destes para os estádios e arenas esportivas. E a organização do Mundial foi o momento adequado para a implementação destes projetos. “Muitas dessas obras estavam previstas há vários anos, mas não tinham saído do papel por seu formato polêmico para a mobilidade urbana. A Copa foi a oportunidade de viabilizá-las, como é o caso da [...] Linha Viva, em Salvador, com 17,7 quilômetros de extensão, com 20 praças de pedágio, feita somente para atender ao transporte individual, uma vez que por ela não poderá circular ônibus ou qualquer outro transporte coletivo. Para a sua construção, estima-se a remoção de 10 mil famílias de suas casas”, enfatiza a advogada nesta entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Magnólia Azevedo Said é advogada agrarista formada pela Universidade Federal do Ceará – UFC, possuindo especialização em Saúde, Trabalho e Meio Ambiente para o Desenvolvimento Sustentável pela mesma instituição. É sócia fundadora do Centro de Pesquisa e Assessoria – ESPLAR, onde exerce atualmente a função de técnica em ações de formação em áreas como sindicalismo, direitos humanos, meio ambiente, relações de gênero e feminismo. Integra a Articulação Nacional dos Comitês da Copa – ANCOP, participando do Comitê Popular da Copa de Fortaleza.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Dentro de campo, o Nordeste ocupa uma posição de destaque na Copa do Mundo de 2014. Das 12 cidades-sede do mundial, quatro são nordestinas. Fato semelhante já ocorrera na Copa das Confederações de 2013, quando três dos seis estádios utilizados para os jogos estavam localizados na região. Mas fora do campo de jogo, o que a Copa representa para o Nordeste?

Magnólia Said – Nos últimos anos, de modo mais intenso, as cidades e as pessoas estão passando por mudanças físicas, sociais, psicológicas e de valores, dadas as consequências de um modelo de desenvolvimento adotado no país que está centrado no crescimento da produção, no avanço das tecnologias e na infraestrutura para atender ao mercado externo. O neoliberalismo assume um novo

perfil com o presidente Collor, tem continuidade com Fernando Henrique e se aperfeiçoa no Governo Lula. Nesse modelo, onde os interesses de quem controla o capital estão acima do interesse público, tanto as pessoas quanto o que é produzido são descartáveis. A produção de bens duráveis ou reutilizáveis acaba virando lenda, as pessoas fora da lógica do mercado não têm valor. A primeira consequên-

cia é a desagregação social, que traz consigo o aumento da desigualdade e da violência. As cidades desse “admirável mundo novo” se veem refletidas nessa estratégia de poder.

No Nordeste, a segunda região mais populosa do país, a seca, considerada a maior dos últimos 50 anos, atingiu quase todos os municípios. E é no palco das três cidades cujos estados mais sofrem com a estiagem (Ceará, Rio Grande do Norte e Bahia) que vamos encontrar uma estrutura montada para o grande leilão da Copa, onde quem der o maior lance leva a mercadoria, seja ela bem material, imaterial ou mesmo as pessoas. No Ceará, são 177 municípios em situação de calamidade; na Bahia, esse número chega a 276; no Rio Grande do Norte, são 160. Fortaleza, Natal e Salvador sofrem as consequências da seca por diversas vias: o desabastecimento dessas cidades que crescem cada vez mais, também em função das migrações das zonas rurais; a não viabilização de estruturas de armazenamento e captação de água para o campo e as cidades. Do mesmo modo, não se investe na manutenção das pessoas no campo, haja vista a diferença gritante entre os recursos e políticas para a agricultura familiar e para o agronegócio. Carros-pipa, cisternas de polietileno e bolsas de programas de transferência de renda estatais têm servido apenas para manter as populações rurais no isolamento. Em Fortaleza, o descaso com uma política de águas, com pouca ou quase nenhuma contestação, aparece numa das maiores obras de infraestrutura hídrica do governo do Estado: um aquífero, que vai guardar 15 milhões de litros de água, ao custo de 300 milhões de reais (recursos advindos de empréstimo externo, governo federal e governo local), que servirá como atração turística para a cidade. Fortaleza, com uma dívida pública que cresceu 26% em dois anos, conta com apenas 55% da sua população com acesso ao saneamento básico.

Hoje, o governo do Estado do Ceará prioriza investimentos em grandes obras de infraestrutura para receber os jogos da Copa à custa da remoção de famílias de 24 comunidades diretamente atingidas e para realizar grandes negócios e eventos, como a cúpula dos BRICS [grupo formado

por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul], que acontecerá em Fortaleza imediatamente após a Copa. Nessa perspectiva, a Copa representa para o Nordeste modos de vida transformados em cidades tomadas pelo medo, com suas juventudes tratadas como criminosas, com crianças e adolescentes tendo suas infâncias roubadas pelo turismo sexual, com uma população seduzida pelo consumismo exacerbado, com serviços públicos cada vez mais rebaixados e um racismo cada vez mais desvelado.

IHU On-Line – Além da construção dos estádios, que outras obras relacionadas à Copa foram realizadas na região? Qual a relevância destas obras para a mobilidade urbana?

Magnólia Said – As cidades nordestinas vivem as contradições de grandes investimentos para uma modernização voltada para o consumo, e poucos investimentos voltados para os serviços públicos e de mobilidade. As prioridades são os grandes equipamentos voltados para atrair turistas de todo o mundo e reforçar uma aparência de cidade limpa de áreas pobres. Direcionadas para o lucro de determinados setores, as cidades são preparadas mediante um modelo comum, geridas como empresas, onde o mercado tem livre acesso às estruturas de governo, através do instituto das parcerias público-privadas (PPPs), hoje destino da maioria dos equipamentos públicos, inclusive os estádios de futebol. As intervenções são pontuais, não se situando numa perspectiva de ordenamento urbano a partir das legislações e dos planos diretores, nem considerando a participação social, pela via do Conselho das Cidades, hoje totalmente sem função. O interesse público queda abafado pela competição, mais ainda quando se trata de cidades que têm sol, mar e mulheres como principais atrativos turísticos.

As obras supostamente referidas para favorecer a mobilidade urbana foram desenhadas, contrariando inclusive pareceres de arquitetos renomados, de modo a facilitar o trajeto de turistas e de setores da burguesia nacional e internacional dos aeroportos ou terminais de passageiros nos portos para hotéis e de lá para as arenas, passando por locais de contemplação, longe de áreas descuidadas e de po-

pulações pobres. Muitas dessas obras estavam previstas há vários anos, mas não tinham saído do papel por seu formato polêmico para a mobilidade urbana. A Copa foi a oportunidade de viabilizá-las, como é o caso da Via Expressa de Salvador, com 4.297 metros, que implicou em 653 desapropriações, e da Linha Viva, também em Salvador, com 17,7 quilômetros de extensão, com 20 praças de pedágio, feita somente para atender ao transporte individual, uma vez que por ela não poderá circular ônibus ou qualquer outro transporte coletivo. Para a sua construção, estima-se a remoção de 10 mil famílias de suas casas.

Fortaleza vivencia um verdadeiro caos urbano, que se expressa num transporte público de péssima qualidade e aquém da demanda, além da insegurança tanto no interior do transporte como nos terminais. As obras para supostamente facilitar a mobilidade impactam sobre quem vive as consequências da falta desse tipo de transporte, a exemplo do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), criado para ligar o setor hoteleiro da av. Beira Mar ao estádio Castelão, passando por diversos bairros da cidade. A população que vive em Fortaleza sabe que não é a via expressa a mais congestionada nem está na rota de milhares de trabalhadores/as que passam boa parte do dia dentro de ônibus lotados.

Em Natal, as obras ditas de mobilidade, como o Corredor Estrutural Oeste e a Ampliação da Avenida engenheiro Roberto Freire, a valores altíssimos (400 milhões e 800 milhões de reais, respectivamente), não irão superar o problema da mobilidade urbana. Serão feitas apenas para integrar o aeroporto de São Gonçalo à Arena das Dunas e à rede hoteleira de Ponta Negra, na via costeira. Por outro lado, muitas das obras que, segundo os governos, iriam contribuir para melhorar a vida das populações, são as últimas em termos de prioridade. Muitas não irão ficar prontas. Espalhadas pelas cidades, estão inacabadas ou em estado de decomposição, pois que sua real função era tão somente “limpar a área”, tendo, portanto, cumprido o objetivo para o qual foram feitas.

IHU On-Line – Qual é a percepção da população nordestina sobre a Copa? De que forma ela é afetada

pelo desrespeito aos direitos humanos em casos de remoções e violência policial?

Magnolia Said – Para quem gosta de futebol, que me parece ser a maioria da população, a Copa deveria ser um momento de conagração, de alegria, de integração cultural entre Estados e entre países. Mas quando um evento é aceito para, em seu nome, se praticar as maiores violações aos direitos humanos no país; para, em nome do crescimento e da competitividade, se degradar cada vez mais o meio ambiente, passando por cima da legislação que assegura direitos e protege a biodiversidade; para, em seu nome, justificar medidas de criminalização e endurecimento de penas à juventude pobre e negra; para, em nome da segurança, fortalecer cada vez mais o sistema repressivo nas cidades, dentre outros sérios impactos... não temos como sentir “o orgulho de ser brasileiro”; não temos como ver o Brasil como “o país de todos”. Ninguém pode, em sua consciência, se sentir feliz em um país com um governo que viola e/ou deixa serem violados todos os direitos fundamentais; mas também ninguém pode deixá-lo para que se continue violando impunemente. Mesmo gostando de futebol, nem sei se dá para torcermos pelos nossos times. Nossos corações têm lado.

IHU On-Line – Quais foram os episódios mais dramáticos em termos de remoção de famílias para realização de obras da Copa na região Nordeste? Quantas pessoas foram afetadas?

Magnolia Said – Em Fortaleza são inúmeros os casos de remoções forçadas e de enfrentamento à força policial. Estima-se em 5 mil o número de famílias despejadas, além daquelas ameaçadas de remoção que sofrem a angústia de perder seus pertences e a incerteza sobre para onde irão. O mais recente e emblemático caso de violência policial ocorreu no dia 20 de fevereiro deste ano, na comunidade Alto da Paz, no bairro Serviluz, palco de várias intervenções por parte do governo e da prefeitura. A área era ocupada desde setembro de 2012 e lá moravam 376 famílias. Nesse dia, às 6 horas da manhã, funcionários da Fundação de Desenvolvimento Habitacional, junto com 150 policiais do Batalhão de Cho-

que, Corpo de Bombeiros e Guarda Municipal, chegaram para expulsar os moradores. Usaram balas de borracha e bombas de gás para dispersar as pessoas que tentavam proteger suas casas. Crianças foram alvejadas, prisões arbitrárias ocorreram, muita gente ferida, inclusive uma mulher grávida de oito meses, que levou um chute na barriga de um policial. Segundo a prefeitura, a área deveria receber 1.472 casas populares para alojar pessoas de dois bairros. Desde então, a área continua do mesmo jeito: só escombros.

Em Salvador, a prefeitura pôs em prática um plano de requalificação de parte do Centro Histórico – na av. Sete de Setembro. Nessa área, diversas ações já estão em execução, com flagrantes violações de direitos, como, por exemplo, a remoção de aproximadamente 2 mil famílias que sofrem pressão diariamente. Moradores de rua estão sendo colocados em depósitos de gente e/ou removidos pela prefeitura com o uso de jatos d’água. Em Natal, a rádio comunitária foi fechada pela Agência Nacional de Telecomunicações – Anatel, após o veículo começar a fazer denúncias relacionadas aos desmandos com a Copa.

IHU On-Line – Como se deu a participação da polícia nestes episódios? E durante os protestos contrários à Copa?

Magnolia Said – Nos processos relacionados às remoções, a polícia foi extremamente violenta. A ordem era retirar as pessoas a qualquer custo. Durante as manifestações, ocorridas por ocasião da Copa das Confederações, a atuação do aparato repressivo serviu de teste para os governos repensarem o sistema de proteção à corte da FIFA e ao setor financeiro-empresarial nacional e internacional que deverá aportar em nossas cidades durante a Copa. Em Fortaleza, a questão assume mais seriedade, pois vão estar na cidade logo após a final da Copa as comitivas presidenciais para a Cúpula dos cinco países dos BRICS. Nesse período, Fortaleza vai se transformar em uma cidade de exceção: vigiada de dia e de noite por tropas da polícia e do exército, por helicópteros, alta tecnologia de segurança e por juizados especiais com poder de julgar e condenar num curto prazo. Para medidas relacionadas à segurança, estão

orçados 1,9 bilhão de reais. Para garantir o sucesso da Copa e tudo o que ela carrega consigo, ou seja, evitar protestos e ter um ambiente propício à realização de grandes negócios, foi criada uma megaoperação de segurança nas cidades, envolvendo toda a estrutura do aparato repressivo.

IHU On-Line – Neste aspecto, o que representa a aquisição de carros blindados para o controle de multidões? O estado assume sua face autoritária em defesa dos megaeventos?

Magnolia Said – Diferentemente do que ocorreu na África do Sul, quando o governo daquele país conseguiu mascarar e emparedar os grandes problemas internos e criar na população em geral a ilusão de que a Copa traria a unidade e integração nacionais, no Brasil o Governo Dilma não conseguiu esse feito. O governo acreditava que “o amor pelo futebol” seria maior do que o que tem sido acumulado de perdas, decorrentes de violações aos direitos da maioria da população. Ocorre que, nas águas da corrupção e dos desmandos de lá e de cá, a presidenta prometeu à FIFA que não haverá manifestações capazes de quebrar o falso brilho do evento. Prometeu, tem que cumprir. Ocorre que nem os meios de comunicação nem os discursos oficiais ou as tentativas tardias de diálogo foram capazes de convencer os movimentos sociais de que as demandas das ruas serão atendidas.

Portanto, era hora de mudar o discurso. De um “Brasil preparado para receber a Copa sem vandalismo” o governo apela para o nacionalismo, o patriotismo, o ufanismo, sugerindo o que está implícito no mesmo chavão dos termos usados no período da ditadura: “Brasil, ame-o ou deixe-o”. Ou seja, “você tem que ser patriota, tem que amar o Brasil, mesmo tendo todos os seus direitos fundamentais violados”, porque o país não pode parar de crescer. A discussão no Congresso Nacional sobre tratar manifestante como terrorista talvez fosse o último recurso encontrado pelo governo para evitar as mobilizações, dadas as consequências na vida das pessoas que fossem indiciadas. Ademais, historicamente, a gente sabe que arroubos nacionalistas trazem junto uma violenta repressão. Acontece que a guerra em curso é maior do que o governo; ela

articula o sistema financeiro internacional e os cartéis do negócio de drogas, armas e exploração sexual na disputa por uma outra arquitetura de poder e de dinheiro.

IHU On-Line – Houve alguma espécie de participação pública nas decisões relacionadas ao planejamento da Copa no Nordeste? Para a população brasileira, o evento deixará benefícios?

Magnólia Said – Não houve qualquer tipo de participação nos processos relativos à Copa, no que se refere à tomada de decisões. Quanto aos benefícios para a população brasileira ou o legado, se considerarmos que ações pontuais não dão conta de resolver problemas estruturais, é imaterial, ou seja, o momento Copa, além de revelar a verdadeira face do Estado brasileiro na sua ânsia de ter um “lugar” no time das forças que definem o modelo, nos traz grandes oportunidades. Oportunidade de constranger internacionalmente o Estado brasileiro pelas violações que tem cometido contra a população pobre, em especial a juventude e as mulheres negras; oportunidade de unificar descontentamentos, lutas, reivindicações, anseios; oportunidade de dizer por que queremos uma reforma profunda nas estruturas de poder sem precisar de constituinte exclusiva, uma vez que a agenda está nas ruas em toda a sua concretude; oportunidade de mostrar que um sistema de governo centrado na exploração da força de trabalho e no lucro nunca poderá trazer felicidades.

IHU On-Line – E na questão de gênero? Quais são os impactos da Copa?

Magnólia Said – A Copa também está relacionada à violência doméstica, à exploração sexual de mulheres, crianças e adolescentes e ao tráfico de mulheres. A violência doméstica é a principal causa de lesões em mulheres de 15 a 44 anos no mundo; 68,8% dos homicídios ocorrem dentro de casa e são praticados pelos maridos. Com mais de sete anos de Lei Maria da Penha, 4 mulheres ainda são assassinadas por dia no Brasil. Fortaleza é a terceira cidade do Nordeste em número de assassinatos de mulheres. O Ceará é o quarto estado com menor quantidade de denúncias feitas pelo *ligue 180*

(número do governo federal que recebe denúncias sobre a violência contra a mulher). Só na Delegacia da Mulher de Fortaleza, são atendidos em média mil casos por mês. No que se refere à exploração sexual, o Ceará tem em média 4 estupros de mulheres por dia. Esses números tendem a aumentar durante o Mundial, pois o chamamento de turistas à prática da exploração sexual é livre, a exemplo de *outdoor* colocado em área da Arena Castelão, além das casas de prostituição situadas em áreas nobres de Fortaleza. Em uma delas, por exemplo, as mulheres são vendidas em cardápio, como se fossem o “prato do dia”.

A imagem da mulher brasileira continua sendo vendida nos outros países como de mulher fácil, disponível para o sexo. Há pouco tempo, a Adidas, um dos patrocinadores oficiais da Copa, estava vendendo camisas com um símbolo que induz à exploração sexual. Para dar conta disso tudo, o Ceará possui apenas dois juizados criminais para processar ações (localizados em Juazeiro e em Fortaleza) e nove delegacias especializadas. Ocorre que a legislação obriga que todo município com mais de 60 mil habitantes tenha uma Delegacia da Mulher – o estado tem 23 municípios inseridos nesse perfil. Na verdade, a lei não é cumprida porque isso não é prioridade. O governo fecha os olhos porque isso mexe com uma rede que envolve prostituição e tráfico de mulheres. Segundo pesquisa realizada em 2002 no Brasil sobre tráfico de mulheres, crianças e adolescentes, Salvador, Natal e Fortaleza fazem parte das 241 rotas de tráfico interno e internacional para fins de exploração sexual. Nessa rede estão políticos, empresários, donos de empresas de comunicação, de hotéis, barracas de praia, taxistas e policiais.

Falta rede de proteção

Ao Estado, falta uma rede de proteção que de fato contribua para a efetivação da legislação, além de campanhas permanentes sobre a violência nas TVs, rádios, escolas, nos lugares públicos. O material que está estocado no Aeroporto, no Centro de Atendimento ao Migrante, é das Nações Unidas, traduzido para o português: a “Campanha Coração Azul – contra o tráfico de pessoas”. Não

está traduzido para outros idiomas nem é distribuído largamente, como o governo e prefeitura divulgam. Com essa ausência, Fortaleza está pronta para a prática do turismo sexual e do tráfico internacional, com apoio de hotéis, taxistas, donos de barracas de praia, cafetões e polícia, amparada na omissão dos governantes. Desde o processo da Copa das Confederações que as organizações de mulheres e de direitos humanos vêm denunciando essa prática, incluindo crianças, adolescentes e até mulheres grávidas nos arredores dos estádios e das grandes obras da Copa nas várias cidades-sede. No caso da prostituição, já foi denunciado pela imprensa nacional que esse chamado “mercado” tende a crescer 60% durante a Copa.

Investimentos em turismo

No caso das crianças e adolescentes, a situação é mais grave ainda. Em 2013, 3 crianças ou adolescentes foram estupradas por dia no Ceará. Foram 1.236 ocorrências. Somando com as vítimas adultas, foram 1.832 ocorrências. A pobreza e a falta de acesso aos direitos básicos fomentam a prática da prostituição infantil. O crime de exploração sexual de crianças e adolescentes no Ceará não é investigado, por vários motivos: a vítima não se reconhece como vítima; cabe a ela levar as provas do crime; não se faz a denúncia por medo e/ou vergonha. A única delegacia especializada tem uma só delegada quando deveria pelo menos ter mais duas. Além do mais, esse serviço não funciona domingos e feriados. Fortaleza tem apenas seis conselhos tutelares (órgãos com o papel de assegurar os direitos da criança e do adolescente), quando deveria ter 25, em função do número de habitantes. Entre 2011 e 2012, foram registradas 10.892 denúncias relacionadas à violação de vulnerável no Ceará, apenas por meio do Disque 100 (número do governo federal para receber denúncias no campo da violação de direitos). Todavia, segundo o governo do estado, estão sendo investidos pela Secretaria de Turismo, para estimular o turista estrangeiro a conhecer o Ceará, um total de 12 milhões de reais. Quem já viu as propagandas veiculadas, vai perceber que o que está sendo projetado para fora é uma cidade fictícia.

Uma Copa para assistir pela televisão

Édison Gastaldo analisa o “processo de aburguesamento do estádio de futebol” no Brasil, que oferece estacionamento, manobrista e elevador para o público-alvo e reserva às chamadas classes populares o *direito* de acompanhar os jogos em casa, pela tevê

POR LUCIANO GALLAS

“**N**o Brasil, a mídia e o esporte têm uma construção que chamamos de reflexiva: o esporte constrói o campo das mídias, e o campo das mídias constrói o campo do esporte. [...] O futebol cresceu e se autonomizou, ganhou caderno especial, virou jornal especializado. E agora, em época de Copa do Mundo, ganha caderno diário de 16 páginas a cores só sobre o Mundial. Há um vasto investimento editorial neste campo, que obviamente constrói a audiência de 97% [nos jogos da seleção brasileira]. Este fenômeno de audiência é um fenômeno midiático. O futebol é hoje, para a maior parte das pessoas, um programa de televisão”, analisa o publicitário e antropólogo Édison Gastaldo.

Nesta entrevista, concedida por telefone à **IHU On-Line**, Gastaldo avalia a relevância do futebol na construção de uma identidade e cultura nacionais, a participação do Estado na consolidação e nos resultados desta modalidade esportiva e o projeto socioeconômico que orienta a concepção dos novos estádios do país, erguidos para a Copa ou não. “O que está acontecendo hoje no Brasil é um processo de aburguesamento do estádio de futebol. Está se dando muita atenção para estacionamento, coisa que nunca foi problema no Maracanã, por exemplo. As pessoas iam ao estádio de trem, de ônibus, usando o transporte público. As pessoas que frequentavam o estádio não iam de carro. Agora estão sendo oferecidos estacionamentos cobertos e manobristas e elevadores e shopping center, caracterizando o processo

de aburguesamento destes empreendimentos imobiliários, a partir da definição do público-alvo pelas organizações que constroem e administram os novos estádios, as lojas e shoppings, as arenas multiuso, conforme o projeto de exploração econômica daquele espaço. Há aí, portanto, um projeto capitalista claramente colocado”, enfatiza o docente.

Édison Luis Gastaldo possui graduação em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, mestrado em Antropologia Social pela mesma instituição, doutorado em Mídias pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e pós-doutorados em Sociologia pela University of Manchester, Inglaterra, e em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Atualmente é professor adjunto no Departamento de Letras e Comunicação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ e professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRRJ. É autor dos livros *Pátria, Chuteiras e Propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo* (AnnaBlume/Unisinos, 2002), *Erving Goffman, desbravador do Cotidiano* (Tomo Editorial, 2004), *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional* (com Simoni Guedes, Intertexto, 2006) e *Publicidade e Sociedade: uma perspectiva antropológica* (Sulina, 2013).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual é a importância do futebol para os brasileiros?

Édison Gastaldo – Esta é uma relação histórica que vem sendo

construída desde os anos 1930. É uma longa história que, por uma série de ações do Estado e por um gosto popular pelo futebol, foi se

desenvolvendo no sentido forte de que o futebol expressa a brasilidade. Tem papel importante nesta leitura a obra de intelectuais como Mário

Filho¹ e Gilberto Freyre². Este último, por exemplo, publicou em 1938 um artigo no Diário de Pernambuco chamado *Football mulato*, sobre o desempenho brasileiro na Copa do Mundo realizada naquele ano, quando ficou em terceiro lugar, e teve o goleador da competição e o melhor atleta: o jogador Leônidas, o Diamante Negro³. Foi um feito extraordinário para o futebol brasileiro da época.

A partir desta leitura de que o futebol jogado pelos negros e mulatos expressava a miscigenação racial brasileira e da *hipótese culturalista*⁴ de Gilberto Freyre, passou-se a entender que aquele futebol que incorporava a ginga, a malandragem, a capoeira, a dança e o samba era o “autêntico” e “vitorioso” futebol brasileiro. Enquanto os dirigentes brasileiros insistiram, o que tinham feito até os anos 1930, em aceitar apenas a participação dos brancos, da elite, e em jogar imitando os europeus, o futebol teria fracassado. Quando o futebol jogado no Brasil passa a incorporar o que estes intelectuais

dizem ser as virtudes da malícia, da ginga, da malandragem, do jogo de corpo, que são influências da cultura negra, ele se tornaria invencível, se tornaria de fato o *futebol brasileiro*, se tornaria algo que o Brasil tem a ensinar para o mundo. Esse é o fundo do argumento destes intelectuais, o qual foi se desenvolvendo à medida que, a partir de 1958, o Brasil começou a ganhar uma Copa do Mundo atrás da outra – foram três copas em 12 anos. Então uma coisa reforça a outra, e assim este discurso parece ter hoje, em 2014, a dimensão da eternidade: “o Brasil é, sempre foi e sempre será o país do futebol”. É importante não nos deixarmos levar pela sedução fácil deste discurso.

IHU On-Line – De acordo com este pensamento, a incorporação ao futebol das virtudes da cultura negra teria ocorrido nos anos 1930, principalmente na segunda metade daquela década?

Édison Gastaldo – O que se tem é o discurso de como intelectuais e acadêmicos interpretaram isso e como essa leitura autorizada pela intelectualidade vai se tornar uma leitura dominante do que significa o futebol para o Brasil. Os jogadores negros participam praticamente desde o início da história do futebol no Brasil em times de fábrica. Por exemplo, o Bangu, no Rio de Janeiro, é um time de fábrica que já incorporava jogadores brasileiros desde o início do século XX. Friedenreich⁵ é o principal jogador da seleção brasileira que ganhou o campeonato sul-americano de 1919, o primeiro título internacional relevante da equipe, e ele era um mulato. Friedenreich fez mais gols do que Pelé.

Então não dá para comprar por inteiro este discurso do Gilberto Freyre. É uma leitura culturalista, típica de certo período da ciência, que são os anos 1930 – momento em que

se estava convivendo com o nazismo, o fascismo, o Franco⁶, na Espanha, e o comunismo de Stalin⁷. É uma teoria relacionada a um certo momento histórico. A incorporação de atletas negros aconteceu desde o começo, não sem resistências, não sem brigas, não sem lutas. *O Negro no Futebol Brasileiro*, que é a outra grande fonte autorizada do futebol brasileiro, é um livro também um tanto tendencioso, escrito por Mário Filho, e que também tem que ser lido com cautela. Não se pode comprar por atacado este tipo de argumento – quando se é pesquisador desta área, pelo menos. No boteco pode, mas não quando se quer pensar academicamente neste fenômeno.

Esta ligação [entre identidade nacional e futebol] vem sendo construída por discursos, com a poderosa ação do Estado patrocinando a seleção brasileira. A seleção de 1970 é um exemplo desta interferência do Estado. Não no resultado das partidas, não se trata disso, e sim de se enviar com anos de antecedência profissionais militares de educação física para estudar nos centros mais avançados de treinamento da Europa e dos Estados Unidos. Dois destes capitães do Exército, que foram enviados com a missão de apreender as tecnologias mais avançadas de treinamento esportivo da época, se chamavam Cláudio Coutinho e Carlos Alberto Parreira. E os dois foram técnicos da seleção brasileira ao longo dos anos. Então, há esta vinculação forte de um projeto nacional expresso na participação em Copas do Mundo. Não é por acaso que o Brasil é o único país que participou de todas as Copas.

6 Francisco Franco Bahamonde (1892-1975): militar espanhol, governou o país sob um regime de ditadura sangrenta entre o golpe de Estado de 1936, que mergulhou a Espanha em uma guerra civil, e seu falecimento, em 1975. (Nota da IHU On-Line)

7 Josef Stalin (1878-1953): político soviético, ocupou o posto de Secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética entre 1922 e 1953 e, por conseguinte, o de chefe de Estado da URSS, governando como ditador. Sobre Stalin, confira a entrevista concedida pelo historiador brasileiro Ângelo Segrillo à edição 265 da *IHU On-Line, Nazismo: a legitimação da irracionalidade e da barbárie*, analisando a obra *Prezado Sr. Stalin* (Rio de Janeiro: Zahar, 2008), de autoria de Susan Butler, disponível em <http://bit.ly/1j3t54H>. (Nota da IHU On-Line)

1 **Mário Rodrigues Filho** (1908-1966): jornalista e escritor brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

2 **Gilberto de Mello Freyre** (1900-1987): escritor, sociólogo, jornalista, poeta e pintor brasileiro. Recebeu da Rainha Elizabeth II o título de Sir da coroa britânica. (Nota da IHU On-Line)

3 **Leônidas da Silva** (o Diamante Negro, 1913-2004): jogador de futebol de alta habilidade e técnico brasileiro, considerado um dos mais importantes atacantes do país na primeira metade do século XX. É o inventor da jogada conhecida como “bicicleta”. Uma marca de chocolate, vendida até hoje, presta homenagem ao jogador. (Nota da IHU On-Line)

4 **Culturalismo**: pensamento antropológico formulado por Franz Boas na busca pela compreensão da diversidade dos modos de vida humanos, justificando-a a partir da cultura e do particularismo histórico. Estabelece, assim, uma crítica ao evolucionismo, rompendo com a ideia de que os determinismos geográfico (determinações do meio físico) e biológico (determinações raciais) são os responsáveis por essa diversidade. No Brasil, esta vertente de pensamento chega na década de 1930, guiando-se por uma política de integração nacional - preocupada com a imigração alemã e italiana, por um lado, e com a cultura afrodescendente, por outro, como possíveis focos de resistência à construção de uma identidade nacional. Sendo assim, no Brasil, esta reflexão adotava uma postura contrária àquela que se poderia esperar de um pensamento orientado pelo culturalismo, qual seja, de respeito à diferença e à diversidade na formação cultural do povo brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

5 **Arthur Friedenreich** (1892-1969): jogador de futebol brasileiro, é considerado o primeiro grande craque do esporte no país. Viveu o período amador do futebol, que se estendeu até meados de 1933. Marcou o gol da vitória da seleção brasileira sobre a equipe uruguaia na segunda prorrogação do jogo extra que decidiu o título do campeonato sul-americano de 1919 (atual Copa América), tornando-se o artilheiro da competição, ao lado de Neco. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – O que explica o fato de as médias de público nos estádios do Brasil serem bastante inferiores a dos principais campeonatos nacionais europeus?

Édison Gastaldo – É uma questão de conjuntura. Na Europa, os ingressos são vendidos para a temporada inteira. Há um sistema de ingressos em que, para você assistir hoje a uma partida, você teria que ter comprado dois ou três anos atrás. Outra questão é o poder aquisitivo das pessoas, que é muito maior na Europa do que no Brasil. Eu lembro que fui convidado a assistir a uma partida de futebol na Inglaterra. O ingresso custou cerca de 80 libras, algo como 300 reais, para assistir o jogo na cadeira numerada. O estádio era como um teatro, todo “padrão FIFA”, por assim dizer. De qualquer forma, é um ingresso muito caro.

IHU On-Line – Mas era a melhor acomodação no estádio, não?

Édison Gastaldo – Não era nada! Era lá em cima, em um setor atrás da goleira. Não era a melhor acomodação, o ingresso é que era caro mesmo. Porque o público é grande e há poucos ingressos à venda, pois em geral os estádios são pequenos.

O que está acontecendo hoje no Brasil é um *processo de aburguesamento* do estádio de futebol. Está se dando muita atenção para estacionamento, coisa que nunca foi problema no Maracanã, por exemplo. As pessoas iam ao estádio de trem, de ônibus, usando o transporte público. As pessoas que frequentavam o estádio não iam de carro. Agora estão sendo oferecidos estacionamentos cobertos e manobristas e elevadores e shopping center, caracterizando o processo de aburguesamento destes empreendimentos imobiliários, a partir da definição do público-alvo pelas organizações que constroem e administram os novos estádios, as lojas e shoppings, as arenas multiuso, conforme o projeto de exploração econômica daquele espaço. Há aí, portanto, um projeto capitalista claramente colocado.

O fato é que este projeto tem um público-alvo em mente. Existe um perfil de usuário que a corporação quer que frequente a nova arena multiuso. Só que o estádio de futebol, o velho estádio, é frequentado por outro tipo

de gente, muito diferente, e que pode ser caracterizada, por exemplo, na torcida organizada. Isso evidencia os confrontos em torno deste projeto. A torcida organizada torce de pé, e não sentada, enquanto os novos estádios “padrão arena” são todos equipados com cadeiras para as pessoas sentarem. E, no projeto, as pessoas têm que se sentar, é isso que se espera da audiência. Ou seja, ao instalar cadeiras, você coloca uma espécie de obrigação para que a pessoa assista à partida sentada. O que acontece? A torcida, por vezes, sobe em cima da cadeira, para ficar mais alta ainda, pulando, e é claro que quebra a cadeira.

O confronto é inevitável, porque são duas visões de mundo diferentes, são dois mundos diferentes disputando o mesmo espaço: as pessoas que costumam frequentar os estádios de futebol e as pessoas que as empresas que construíram os novos empreendimentos querem que frequentem estas arenas multiuso. Existe um conflito em curso. Veremos desdobramentos disso no pós-Copa do Mundo, com os usos que vão ser feitos dos novos estádios brasileiros padrão FIFA. Precisamos verificar o que vai acontecer após a competição e os ajustes a serem feitos. O Grêmio, por exemplo, mandou retirar as cadeiras de um setor da sua arena para que a torcida pudesse fazer a avalanche a cada gol do time. Mas, na primeira avalanche, quebrou a grade [que servia de contenção à torcida]. É desse tipo de confronto que estou falando. São visões de mundo, projetos, diferentes, e eles estão, neste momento, em processo de colisão. Vamos ver o que resultará.

IHU On-Line – Foram citadas formas distintas de torcer, conforme a identidade e os interesses de cada público. O significado do futebol também muda de acordo, por exemplo, com a classe social e a renda econômica?

Édison Gastaldo – Além da classe e da renda, há vários outros fatores importantes na definição das diferenças entre as pessoas e suas visões de mundo. Um deles é a religião. O significado do futebol muda muito, de uma religião para outra. O mesmo ocorre com a situação familiar. Independente de classe e de renda, uma família

desagregada produz ou interfere de modo diferente nos seus membros em relação a uma família organizada.

O que eu quero dizer é que este projeto global de transformação dos estádios do Brasil em estádios à moda dos europeus vai provocar uma alteração no modo como se torce hoje no Brasil. O projeto para as ditas classes populares, ou seja, para os setores da população de onde vêm a maioria dos torcedores que frequentam os estádios de futebol, parece ser o que corresponde à mensagem “fiquem nos seus lugares assistindo pela televisão”.

Agora, tem outro ponto, que é o de que a torcida joga junto com o time. Torcer não é o mesmo que estar simplesmente no estádio. Você tem que saber torcer, você tem que aprender as músicas, você tem que saber a hora de gritar isso ou aquilo para atuar como um coletivo e empurrar o time. O que está acontecendo também, já me relataram, é que, nos novos estádios, boa parte da torcida não sabe torcer, não sabe estas músicas e nem a hora de vaiar, ou vaia na hora errada. Isso não ajuda o time. E o que importa para o time, para a torcida, não é o estádio, nem a própria torcida: é ganhar. Se a torcida não está ajudando, o time vai querer que a organizada volte, porque pelo menos empurra o time.

É curioso que a torcida organizada esteja sendo satanizada, hostilizada no discurso midiático. A gente vê por toda parte manifestações do tipo “isso é a barbárie”, “são bandidos”, e, no entanto, é a torcida organizada que produz a manifestação mais visível daquilo que se entende como torcida. Sempre que uma emissora de tevê vai transmitir um jogo, ou a propaganda para um jogo de futebol, ela mostra os jogadores, os gols, as jogadas e a torcida. Qual? A torcida organizada, suas bandeiras gigantes, a avalanche, faixas, papel picado. Torcedor comum não faz isso. Qual é o torcedor comum que vai sozinho ao estádio ver um jogo com papel picado no bolso? Tem que ter uma organização para isso acontecer, para este espetáculo visual ocorrer. Esta parte festiva das arquibancadas, que é tão bem explorada como imagem midiática, é produzida exatamente pela torcida organizada, que o mesmo discurso jornalístico identifica

como “a barbárie”, “um retrocesso”. Há uma profunda incompreensão de parte a parte, que eu acho que leva a muitos equívocos que poderiam ser evitados.

IHU On-Line – As denúncias de corrupção que envolvem dirigentes da FIFA e da CBF impactam na relação dos torcedores com o futebol?

Édison Gastaldo – Sim, mas nada que desarmonize muito do conjunto. Porque, no futebol, sempre existiu a figura do cartola, que é um representante das elites que ocupam os cargos diretivos dos clubes de futebol pelos quais as pessoas torcem. Então o cartola é uma espécie de metáfora do político. E a grande crítica aos políticos é que eles agem em benefício próprio e não em benefício do país. Bom, o cartola faria a mesma coisa, só que em nome do meu time do coração. Eu sou apenas um torcedor, não posso fazer nada, enquanto eu vejo o cartola comprar um jogador, vender outro, dar uma falcatura, fazer um empréstimo, deixar o clube endividado, mandar construir um novo estádio e não ter dinheiro para pagá-lo.

O cartola é uma figura odiada desde o começo da relação nacional com o futebol. Ele é uma metáfora perfeita do político, na medida em que o sujeito faz uso privado daquilo que é objeto de nosso afeto público. Então, essa revanche em relação ao cartola, este ódio contra ele, é perfeitamente harmônico com o sentido geral do futebol no Brasil: “é o cartola que estraga tudo”, “é o político que estraga tudo”, “o Brasil é uma maravilha, o problema está nesses políticos”. Esse discurso, essa fala, que encontra eco na figura do cartola, já está harmonizada com o conjunto de significados que envolvem o futebol no Brasil.

IHU On-Line – Neste contexto de mudanças nas formas de torcer na comparação entre os antigos estádios e as novas arenas, qual é o espaço ocupado pelas mulheres? Nos últimos anos é possível observar uma maior presença delas nas partidas de futebol...

Édison Gastaldo – Há várias maneiras de torcer. Independente de gênero, tem torcedor que só fica sabendo que o time jogou na segunda-feira,

quando lê o jornal. E torce também. E faz piada no serviço, mas antes dá uma *lidinha* no jornal para saber quanto foi o jogo mesmo, para saber se tem que procurar os torcedores rivais para tirar sarro ou se tem que fugir deles... Há várias maneiras de se apropriar dos fatos proporcionados pelo universo do futebol. Cresceu um pouquinho, sim, a presença de mulheres, mas o espaço do estádio ainda é hegemonicamente masculino. Eu vou ficar animado quando a presença das mulheres nos estádios estiver meio a meio com a dos homens, quando metade do estádio for de mulheres. Aí sim teremos chegado a uma situação de equilíbrio, quando o estádio será de qualquer um que goste de futebol.

Entretanto, hoje o futebol permanece um espaço de exacerbação, de explicitação, de exibição de valores masculinos. Nos estádios, se ofende com palavras de teor sexista. A bandeirinha, quando é mulher, é xingada o jogo inteiro com ofensas sexistas, sem levar em conta se quem está sentado ao lado é uma mulher ou não. A lógica, a *vibe* do estádio, vamos dizer assim, é masculina. Se as mulheres ocuparem esse espaço, será positivo para que a gente possa questionar a representação de gênero. A homossexualidade, por exemplo, é vista sempre como uma categoria de acusação, não como uma alternativa de orientação de cada pessoa. É sempre usada como ofensa. E esta lógica não fica abolida porque mais mulheres começam a frequentar o estádio. É positivo promover isso, mas a presença feminina ainda é muito tímida, por razões compreensíveis.

IHU On-Line – O discurso racista também faz parte desta cultura do futebol...

Édison Gastaldo – Também. É uma cultura machista. É uma cultura que se fundamenta na competição de um contra um outro, a quem são imputados todos os tipos de defeitos. E tudo que puder ser imputado como defeito será jogado sobre ele, como se fosse uma pedra. O racismo é usado no futebol para desestabilizar moralmente o adversário. É usado como um recurso, como se fosse uma pedrada. É como jogar uma pilha no jogador. Joga-se uma ofensa, para que o ad-

versário se desestabilize. O jogador vai cobrar o lateral, ouve aquilo, fica perturbado, desconcentra, então funciona. O uso destas ofensas sexistas, racistas é feito porque são operacionais na situação de jogo.

O importante nesta situação é ganhar o jogo. O negócio é que estão todos disputando. Se isso ofende, se isso humilha, se isso afeta emocionalmente o jogador, então será usado. O que precisa ser feito? Precisa reprimir, punir, fazer o que estão fazendo. Usar câmeras, identificar e culpabilizar individualmente. Se não se consegue culpabilizar individualmente, aí se pune o clube. Então a torcida inteira vai se encarregar de ajudar. O que tem que fazer é ser intolerante com este tipo de dispositivo, de ação, de usar este tipo de ofensa. Não pode, tem que banir do jogo, adotando-se isso como uma questão política.

IHU On-Line – Na sua avaliação, o torcedor se importa mais com o time do coração ou com a seleção nacional? São dois sentimentos diferentes?

Édison Gastaldo – São duas pessoas diferentes. A audiência de um jogo de futebol no Brasil, entre Flamengo e Goiás ou entre Coritiba e Corinthians, para dar exemplos de partidas de futebol comuns no campeonato brasileiro, tem uma audiência de alguns milhões de espectadores. Já uma partida da seleção brasileira é assistida por 95% dos televisores ligados no país. A audiência projetada de um jogo da seleção brasileira em Copa do Mundo é de 120 milhões de pessoas, que naquele momento estarão com o olho vidrado na mesma imagem, na mesma partida, no pé do mesmo jogador.

Nós estamos falando de um contingente de cinco, seis, talvez dez milhões de pessoas que acompanham o futebol como torcedores do time, pessoas que têm a camiseta oficial, consultam a tabela, sabem a escalação do time. Isso é um tipo de apropriação do futebol. Por outro lado, quando a gente fala de seleção brasileira na Copa do Mundo, aí nós estamos falando de um fato social total. Estamos falando de um momento em que o país para, e que 120 milhões de pessoas estão vendo ao mesmo

tempo o mesmo jogo e sofrendo, às vezes sem saber “qual deles é a bola”, mas fazendo parte de um momento fundamental para demonstrar-se que se é brasileiro. São dois fenômenos muito diferentes. A Copa do Mundo é um caso à parte. Muitos torcedores de clube marcam essa diferença indo a um jogo da Copa com a camisa do seu time. Fato comum: se você for a um local público ver o jogo da seleção, você vai ver muita gente com a camisa do Inter, muita gente com a camisa do Grêmio, e uma maioria absoluta de camisa amarela, claro.

IHU On-Line – O que significa este ato de assistir a um jogo da seleção com a camisa do clube?

Édison Gastaldo – Pelo que eu conversei com algumas pessoas, significa dizer assim: “não me confunda com esse torcedor de Copa do Mundo”. Porque este, do ponto de vista daquele que é torcedor de futebol clubístico, de quem entende de futebol, é um pouco ingênuo, não sabe nada de futebol, um inocente. Quem sabe mesmo de futebol torce para um time. E vai ao jogo com a camisa do time para marcar essa diferença.

IHU On-Line – A derrota para o Uruguai na disputa pelo título mundial na Copa do Mundo de 1950, em pleno Maracanã, ainda é algo a ser superado pela seleção brasileira?

Édison Gastaldo – É uma tradição inventada, essa história. É um momento de virada, é um momento de um grande fracasso, e é um momento em que se junta para sempre a ideia de que *a seleção somos nós e nós somos a seleção*. É um momento em que todas as derrotas do Brasil, do time da CBF, passam a ser vistas como uma derrota da nação. Perder o Mundial de 1950 foi realmente uma tragédia para todo um projeto de identidade nacional. Mas, por vias transversas, acabou servindo como um grande estímulo para que o Brasil fizesse depois tudo que fez.

Foi a partir dessa derrota, dentro de casa, quando estava ganhando e deixou empatar e depois deixou perder, sendo que o empate ainda servia, e tomou a virada, essa vergonha, a maneira como foi aquele jogo, tudo isso acabou servindo como uma

motivação para que o Brasil viesse a ganhar tudo o que ganhou. É um momento importante da relação entre futebol e identidade nacional no Brasil, e como tal, ele é sempre lembrado. Os jogadores estão dizendo que, se ganharem a Copa no Brasil, vão apagar aquela derrota. Nada vai apagar a cicatriz! Mas vai ser muito bom se o Brasil finalmente ganhar esta Copa dentro de casa. Eu particularmente estou muito esperançoso da seleção e torcendo para que o Brasil seja hexacampeão.

IHU On-Line – Após aquela derrota em 1950, o que significa para a cultura esportiva do país voltar a receber uma Copa do Mundo de Futebol?

Édison Gastaldo – É curioso como os mesmos temas voltam. Na Copa de 1950, também havia protestos contra os gastos excessivos. A direita, particularmente Carlos Lacerda⁸, tentou embargar a construção do Maracanã, dizendo que aquilo ali era corrupção, era gasto de dinheiro público, que poderiam ser construídos não sei quantos hospitais. É muito interessante isso quando a gente vê em perspectiva o que significou ter recebido a Copa de 1950 no Brasil. Ficou na memória, na história nacional, na relação brasileira com o futebol. É curioso isso, de como os temas se repetem depois de mais de 60 anos. A expectativa é de que o Brasil jogue duas copas, uma dentro de campo, com o [atacante] Neymar e sua turma, e outra nos aeroportos, nas ruas, nas rodoviárias. Eu torço para que ninguém se machuque, para que dê tudo certo, para que o evento transcorra na normalidade. E torço particularmente para que o Brasil ganhe.

IHU On-Line – Mas se acontecer o contrário. O que representaria uma nova derrota do Brasil na Copa em um jogo dramático de semifinal ou na final?

Édison Gastaldo – Depende do jogo. O time de 1982 perdeu, mas perdeu jogando bonito, e todo mun-

do perdoou. Todo mundo lamentou, todo mundo sofreu, e acabou aplaudindo o time quando voltou para o Brasil. Por outro lado, quando perdeu arrumando o *meião*, quando tomou aquele olé da França em 1998...

IHU On-Line – O episódio do lateral Roberto Carlos arrumando as meias no momento do gol da França...

Édison Gastaldo – Isso, levou o gol arrumando a meia. Essa foi uma derrota diferente. Então tudo depende de como se perde, não é simplesmente ganhar ou perder, como um jogo de dados. Há maneiras de perder, há maneiras de ganhar. Na Copa de 1994, o Brasil ganhou, mas não venceu. Foi a única final de Copa do Mundo da história que terminou zero a zero; dois times que se recusaram a atacar para não levar gol. E terminou mesmo em zero a zero, um jogo medroso, um jogo retrancado, que acabou indo para os pênaltis. E quem ganhou a Copa não foi porque fez o gol, mas porque o outro errou. O gol da Copa foi a jogada que não resultou em gol, foi a bola para fora [na cobrança de Roberto Baggio, considerado o craque daquela seleção italiana].

Tudo isso simboliza o campo de representações que o brasileiro tem sobre o que significa a seleção, representações essas que foram construídas ao longo da história. Nessa representação, não se ganha a Copa assim, com bola para fora. Ganha-se a Copa fazendo gol, vencendo de 4 a 1, como em 1970; ou de 5 a 2, como em 1958. Ganha-se dando *show*. E ninguém viu *show* em um jogo de zero a zero. Tanto é que o único jogador que todo mundo lembra como herói da Copa de 1994 é o Romário, que era o sujeito que fazia a diferença; que, de alguma maneira, estava à altura da representação que se faz do que deve ser a seleção brasileira.

IHU On-Line – Levando em consideração os dois títulos mais recentes do Brasil em Copas do Mundo, aquele de 2002, em que houve um resultado efetivo de vitória no tempo regulamentar, foi mais festejado que o de 1994?

Édison Gastaldo – Acredito que sim. Eu acompanhei as duas Copas. A

⁸ Carlos Lacerda (1914-1977): jornalista e político carioca. Editava o jornal *Tribuna da Imprensa*, tornando-se o principal inimigo do presidente Getúlio Vargas. (Nota da IHU On-Line)

de 1994 foi um sofrimento. Aquilo foi mais um alívio do que propriamente uma festa, uma celebração. Foi muito mais um “ufa, ganhou”, um “ufa, não perdeu”. Já a Copa de 2002 foi uma espécie de redenção para Ronaldo Nazário, com aquele cabelo do personagem Cascão [da Turma da Mônica], depois do que havia acontecido em 1998. Teve um elemento dramático, do retorno de quem havia sido derrotado. Teve este sabor de volta por cima, da vitória de um time que estava desacreditado.

Para se ter uma ideia, na Copa de 2002, a poucos dias do começo da competição, a Rede Globo não tinha vendido todas as cotas de patrocínio, porque a Copa ocorreria na madrugada [no fuso horário brasileiro], o Brasil havia feito fiasco em 1998, a audiência prometia ser baixa e ninguém estava muito interessado em apoiar financeiramente um time que estava em baixa, que, se pensava, iria fazer um novo fiasco. Neste ambiente, o *slogan* do principal patrocinador, o Guaraná Antarctica, era “bote fé na seleção”. Espera aí, não precisa botar fé na seleção brasileira! E o *slogan* era decorado com uma fitinha do Nosso Senhor do Bonfim e um galho de arruda. Porque ninguém estava acreditando. E ocorreu a volta por cima. Uma seleção que saiu desacreditada e voltou vitoriosa. Isso exulta muito mais o

sentimento das pessoas do que aquele jogo de zero a zero, da vitória nos pênaltis, aquele time emperrado do Parreira. A vitória de 2002 esteve mais à altura do que se espera deva ser a seleção brasileira.

IHU On-Line – A mídia foi citada em vários momentos da entrevista. Historicamente, qual é o papel da mídia para a relevância do futebol no Brasil?

Édison Gastaldo – No Brasil, a mídia e o esporte têm uma construção que chamamos de reflexiva: o esporte constrói o campo das mídias, e o campo das mídias constrói o campo do esporte. A imprensa moderna (eu quero dizer a imprensa guiada pelas notícias recebidas de agências, via telégrafo, e o jornal impresso em *off set*, que permitiu tiragens altas a um custo baixo) chega ao Brasil no final do século XIX, junto com o futebol. Uma das características dos jornais modernos passou a ser a veiculação da editoria de esportes na última página da publicação. E muita gente começou a ler o jornal a partir da parte de trás. Primeiro verificava o resultado do turfe, do remo e do futebol. O turfe e o remo continuam lá, nas últimas páginas dos jornais, mas com espaço bem pequenininho. Já o futebol cresceu e se autonomizou, ganhou caderno especial, virou jornal especializado. E agora, em época de Copa do

Mundo, ganha caderno diário de 16 páginas a cores só sobre o Mundial. Há um vasto investimento editorial neste campo, que obviamente constrói a audiência de 97% da qual falei antes. Este fenômeno de audiência é um fenômeno midiático. O futebol é hoje, para a maior parte das pessoas, um programa de televisão.

Leia mais...

- *Futebol no horário nobre*. Entrevista com Édison Luis Gastaldo publicada no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU em 19-01-2011, disponível em <http://bit.ly/Syz36Z>.
- *O futebol como um drama da vida social no Brasil*. Entrevista com Édison Gastaldo publicada na revista **IHU On-Line** nº 344, de 21-06-2010, disponível em <http://bit.ly/1xdTrup>.
- *Futebol, mídia e sociabilidade. Uma experiência etnográfica*. Artigo de Édison Gastaldo publicado nos **Cadernos IHU Ideias** nº 43, disponível em <http://bit.ly/1jWp9Cd>.
- *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo*. Artigo de Édison Gastaldo publicado em **Cadernos IHU ideias** nº 10, disponível em <http://bit.ly/ScCZto>.

Baú da IHU On-Line

Confira outras edições da **IHU On-Line** que tiveram como tema o futebol e os megaeventos.

- Copa do Mundo. Para quem e para quê? Edição nº 422, de 10-06-2013, disponível em <http://bit.ly/ihuon422>
- *Futebol. A marca de uma identidade nacional?* Edição nº 334, de 21-06-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon334>;
- *Futebol: mística, identidade e comércio*. Edição 185, de 12-06-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>;

Também podem ser consultadas as seguintes edições:

- Tráfico de pessoas. A forma contemporânea de escravidão humana. Edição nº 414, de 15-04-2013, disponível em <http://bit.ly/ihuon414>;
- *O Desenvolvimentismo em debate*. Edição nº 392, de 14-05-2012, disponível em <http://bit.ly/ihuon392>;
- Movimentos sociais. Perspectivas e desafios. Edição nº 325, de 19-04-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon325>;
- *Movimentos sociais. Criminalização é um atentado à democracia*. Edição nº 266, de 28-07-2008, disponível em <http://bit.ly/ihuon265>
- Os movimentos sociais no Brasil: novos atores sociais? Edição nº 70, de 11-8-2003, disponível em <http://bit.ly/ihuon70>

Tema
de
Capa

**Destques
da Semana**

IHU em
Revista

Destques On-Line

Entrevistas especiais feitas pela **IHU On-Line** no período de 03-06-2014 a 06-06-2014, disponíveis nas **Entrevistas do Dia** do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

“Inicia-se um novo ciclo de lutas da classe trabalhadora brasileira?”

Entrevista com Marcelo Badaró Mattos
Publicada no dia 06-06-2014
Acesse o link <http://bit.ly/1lbGGLf>

Apesar de ainda não terem sido divulgados os dados oficiais sobre o número de greves ocorridas em 2013, a estimativa é de mais de 900 paralisações trabalhistas no Brasil nesse período, considerando que em 2012 o índice de greves foi o mais alto desde 1996, o que demonstra que elas têm sido mais frequentes, inclusive “antes das jornadas de junho”. Entretanto, “há diferentes significados nas greves que estão ocorrendo no último período”, assinala **Marcelo Badaró Mattos**, na entrevista concedida à **IHU On-Line**. Na avaliação dele, as greves podem ser compreendidas a partir de dois grandes movimentos: de um lado os sindicatos e, de outro, categorias de trabalhadores que não se veem representadas por suas entidades sindicais.

Renda mínima: uma proposta que permite desfrutar da igualdade básica

Entrevista com Josué Pereira da Silva, doutor em Sociologia pela New School For Social Research, nos Estados Unidos
Publicada no dia 05-06-2014
Acesse o link <http://bit.ly/ihu050614>

“Precisamos de uma noção de igualdade básica que nos permita ‘viver juntos’, ou nas palavras de Alain Caillé, ‘se opor sem se massacrar’”. É a partir dessa definição que Josué Pereira da Silva, autor do livro *Por que renda básica?*, propõe a instituição estatal de uma renda mínima à população, a qual tem por princípio diminuir os efeitos de “um mundo marcado por profundas desigualdades sociais, econômicas, culturais e políticas”. Em entrevista à **IHU On-Line**, ele defende: “a instituição da renda básica seria um passo importante para garantir a todos ‘o direito a ter direitos’, ou seja, autonomia e dignidade humana”. Na entrevista, o sociólogo enfatiza que a destinação de uma renda básica à população é não só uma forma de garantir o direito que todos temos de partilhar a riqueza socialmente produzida, mas uma possibilidade de as pessoas lutarem contra outras formas de desigualdade em situação mais confortável do que sem dispor de tal renda.

“Só polícia não resolverá os problemas de segurança pública”

Entrevista com Renato Sérgio de Lima, assessor técnico da Fundação Seade e pesquisador do Centro de Pesquisas Jurídicas Aplicadas da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas
Publicada no dia 04-06-2014
Acesse o link <http://bit.ly/ihu040614>

A PEC 51, conhecida por sua proposta de desmilitarizar as polícias brasileiras, apesar de ser polêmica e não alcançar o consenso entre os especialistas em segurança pública, “busca romper com as ineficiências atuais e busca uma polícia de caráter civil, de ciclo completo, ou seja, que começa e termina uma investigação (entendida como todas as ações para um crime ser esclarecido e encaminhado para a Justiça punir seus autores)”, pontua Renato Sérgio de Lima. “A desmilitarização é só um dos ajustes, e não é o cerne da PEC 51”. Em entrevista à **IHU On-Line**, ele defende que a reengenharia das polícias possibilitará que elas atuem de forma mais ágil, moderna e “voltadas à prestação de serviços para a população e não dedicadas à defesa dos interesses do Estado”.

RS: “O conflito não é entre agricultores e indígenas, mas da política indigenista”

Entrevista com Henrique Kujawa, historiador e professor da UNOCHAPECÓ e da Faculdade Meridional – IMED
Publicada no dia 03-06-2014
Acesse o link <http://bit.ly/ihu030614>

Por que a situação social entre agricultores e índios está tão tensa? Qual é o papel do Estado em momentos de tensão social como estes? Essas são as perguntas que devem ser feitas ao entender o conflito entre os índios kaingang e os agricultores familiares que vivem no Norte do Rio Grande do Sul, propõe o historiador Henrique Kujawa. Em entrevista à **IHU On-Line**, ele relata que acompanha sistematicamente 13 acampamentos indígenas no norte do estado, os quais estão em diferentes estágios no processo administrativo da FUNAI para identificação, delimitação e demarcação das terras. E destaca: “É preciso romper com o romantismo de que o índio é um ser integrado à natureza. A terra por si não resolve as necessidades atuais dos indígenas”. Para ele, é preciso discutir de forma franca quais são as suas necessidades, como a terra se insere num projeto de etnodesenvolvimento.

Siga nossas Redes Sociais

Facebook

Facebook interface showing the profile of Instituto Humanitas Unisinos. The cover photo features a person with 'NO' and 'RAPE' written on their hands. The profile picture is the IHU logo. The page shows 14,517 likes and 3,350 people talking about it. Navigation buttons for 'Curtiu' and 'Mensagem' are visible. Below the profile are sections for 'Mídia/Notícias/Publicação', 'Fotos', 'Opções "Curtir"', 'Eventos', and 'Promoções'.

Twitter

Twitter feed for @ihu. It shows four tweets: 1) 'Advogado é custo, engenheiro é produtividade', diz Dilma Rousseff em Nova York; 2) Sementes Nativas, Garantia de Futuro: Carta de Mandirubá; 3) O fascínio discreto de Pôncio Piletos, Artigo de Giorgio Agamben; 4) Qual código de ética é lecionado na faculdade de administração de Harvard?

Blog

Blog post from Instituto Humanitas Unisinos titled 'Ativistas do Greenpeace estão presos na Rússia'. The post includes a photo of a person in winter gear and text about Greenpeace activists.

Instagram

Instagram post from @ihu showing a collage of images related to IHU, including books, a person, and a group of people.

 bit.ly/ihuon

 instagram.com/_ihu

 twitter.com/_ihu

 unisinos.br/blogs/ihu

Estante

A representação da economia na vida humana

“Defendo a tese de que mesmo a forma de reificação da vida social mais incisiva e envolvente, que é a relação-capital, só pode compreender-se como um modo singular pelo qual a realidade social se articula e se informa no plano da representação e da linguagem”, afirma Édil Guedes

POR LUCIANO GALLAS

No livro *A Economia como Sistema da Representação em Karl Marx* (São Leopoldo: Unisinos, 2014), Édil Guedes investiga a concepção econômica da obra de Marx para além dos limites impostos pela manutenção da existência física dos indivíduos, alcançando uma forma do ser humano expressar a sua própria existência e a sua sociabilidade. “A produção da vida material apresenta-se para o ser social humano *como ele a representa*, quer dizer, como ele a *torna presente para si* na qualidade de *vida humana*”, aponta o autor.

Na economia do capital, lembra Édil Guedes em entrevista concedida à **IHU On-Line**, por e-mail, o trabalhador, embora sujeito da sua própria história, desfaz-se da condição de protagonista, representando a sua existência social como algo que se processa de forma autônoma a ele, com uma lógica específica, impessoal e objetiva. “A vida social representa-se, subjetiva e objetivamente, como independente do seu original criador, e como uma realidade que além de tudo o submete, subjuga e impõe a ele os desígnios *dela*. Considerando-se especificamente a situação daquele que assume o papel de trabalhador assalariado, então tudo fica ainda mais grave. O trabalhador, para Marx, aliena de si a própria força de trabalho,

aquilo que, podemos afirmar, ele é *em potência*, vendendo-a como mercadoria”, expõe. A força de trabalho converte-se então na base de sustentação do capital, elevado à condição de “relação social autorreferida, reificada, com todos os predicados de ‘sujeito total e absoluto’ da realidade social, pois se torna o princípio e o fim dela mesma”.

O autor faz, entretanto, uma ressalva: “é preciso não esquecer que esta realidade é obra *do ser humano*, que essa história é a sua história. Portanto, tal processo não pode ver-se senão como autoalienação, como autosujeição, e não como puro condicionamento, como pura imposição da força das coisas, da realidade, sobre o ser humano. É necessário lembrar sempre que esta é a realidade *dela*. Do contrário, cairíamos num determinismo absoluto e sem sentido, e que tornaria também sem sentido tanto a obra de Marx como a sua atuação política”.

Édil Carvalho Guedes Filho é graduado em Ciências Econômicas pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC/MG e possui mestrado e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Atualmente é professor da PUC/MG e da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – De que modo a economia consiste em um sistema da representação no pensamento de Karl Marx?

Édil Guedes – Para Marx, todo modo de produção da vida material, ou seja, toda forma de economia, é sempre mais do que a simples repro-

dução da existência física dos indivíduos, é sempre *um modo de o ser social humano expressar a sua vida*. Embora a produção da vida material

se imponha como necessidade primeira e inalienável da vida humana, ela será sempre ao mesmo tempo uma *configuração significativa da vivência e da sociabilidade*. Em outras palavras, em todas as suas dimensões constitutivas, a produção da vida material apresenta-se para o ser social humano *como ele a representa*, quer dizer, como ele *a torna presente para si* na qualidade de *vida humana*. Em meu livro, defendo a tese de que mesmo a forma de reificação da vida social mais incisiva e envolvente, que é a relação-capital, só pode compreender-se como um modo singular pelo qual a realidade social se articula e se informa no plano da representação e da linguagem.

IHU On-Line – Qual é o protagonismo do sujeito (trabalhador) neste sistema da representação?

Édil Guedes – Se o sistema da representação em questão é o da sociabilidade fetichista da economia do capital, podemos dizer que o sujeito nesse processo se *desfaz* como protagonista, representando e assim configurando a sua própria existência social como realidade heterônoma, ou seja, como algo que se processa por si, que tem uma lógica própria e radicalmente impessoal, puramente objetiva. A vida social representa-se, subjetiva e objetivamente, como independente do seu original criador, e como uma realidade que além de tudo o submete, subjuga e impõe a ele os desígnios *dela*. Considerando-se especificamente a situação daquele que assume o papel de trabalhador assalariado, então tudo fica ainda mais grave.

O trabalhador, para Marx, aliena de si a própria força de trabalho, aquilo que, podemos afirmar, ele é *em potência*, vendendo-a como mercadoria. Ela, a força de trabalho, passa a ser a alma de um outro. Esta que é a *potência* da atividade humana converte-se na força de um outro, naquilo que há de atualizar-se como a atividade e o processo pelo qual se constitui dinamicamente um outro. E esse outro é o capital, uma relação social autorreferida, reificada, com todos os predicados de “sujeito total e absoluto” da realidade social, pois se torna o princípio e o fim dela mesma. Uma vez adquirida pelo ca-

pital, a força de trabalho torna-se naquilo que o anima, no que o faz vivo; ela é o *fermento*, a *levedura* do capital, para usar a significativa expressão de Marx nos *Grundrisse*¹.

É possível vê-lo também por outros ângulos, como na mudança do *princípio* do processo de produção, que é ao mesmo tempo condição e consequência da afirmação da reprodução das relações capitalistas. Ele passa de *subjetivo a objetivo* com a introdução da maquinofatura, a primeira face técnico-material do capital industrial moderno. Pois, se no artesanato as ferramentas se adaptavam ao trabalhador, se moldavam ao seu ritmo e aos seus modos de proceder, na maquinofatura é o trabalhador, como abstrata e impessoal força de trabalho, que tem de adaptar-se ao ritmo e ao modo de fazer da máquina, como brilhantemente representou Chaplin² em seu filme *Tempos Modernos*, no qual o trabalhador, além de figurar como uma espécie de autômato, se vê literalmente tragado pelas engrenagens das máquinas, consumido pelo processo maquinal de produção. Marx destaca a perda da expressividade original do trabalho neste processo que adquire a consistência objetiva e sistemática de um organismo de produção independente.

1 *Grundrisse* der Kritik der politischen Ökonomie (Elementos fundamentais para a crítica da economia política): conjunto de anotações e estudos realizados por Karl Marx entre 1857 e 1858. Sobre o tema, foi publicada a edição 381 da **IHU On-Line**, de 21-11-2011, intitulada *Os Grundrisse de Marx em debate*, disponível em <http://bit.ly/1kBLhBN>, além das entrevistas com Ricardo Antunes - *Os “Grundrisse”: uma mina para ajudar a descortinar o século XXI*, disponível em <http://bit.ly/1rDKF8w>, Antoine Artous - *O mundo do trabalho e o marxismo*, disponível em <http://bit.ly/1ua0Fx0>, e Jorge Paiva - *“Grundrisse” de Marx. Um outro paradigma teórico para os desafios contemporâneos*, disponível em <http://bit.ly/1mKnQJx>. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Charles Chaplin** (1889-1977): o mais famoso ator dos primeiros momentos do cinema hollywoodiano, e posteriormente um notável diretor. No Brasil é também conhecido como Carlitos (equivalente a Charlie), nome de um dos seus personagens mais conhecidos. Chaplin foi uma das personalidades mais criativas da era do cinema mudo; ele atuou, dirigiu, escreveu, produziu e eventualmente financiou seus próprios filmes. (Nota da **IHU On-Line**)

Mas é preciso não esquecer que esta realidade é obra *do ser humano*, que essa história é a *sua* história. Portanto, tal processo não pode ver-se senão como autoalienação, como autossujeição, e não como puro condicionamento, como pura imposição da força das coisas, da realidade, sobre o ser humano. É necessário lembrar sempre que esta é a realidade *dela*. Do contrário, cairíamos num determinismo absoluto e sem sentido, e que tornaria também sem sentido tanto a obra de Marx como a sua atuação política.

IHU On-Line – Como as diferentes fases do pensamento deste autor incidem no livro *A Economia como Sistema da Representação em Karl Marx*?

Édil Guedes – Minha pesquisa teve como objeto principal a obra madura de Marx, notadamente *O Capital*³. Mas isso não quer dizer que me tenha concentrado exclusivamente nela e desconsiderado o conjunto da obra de Marx, no esforço de tornar inteligível a concepção da economia neste autor segundo a tese que defendi no livro. Muito pelo contrário. O recurso cuidadoso e oportuno mesmo aos escritos de juventude do nosso autor mostra a emergência dos motivos fundamentais de seu pensamento e de sua obra, e ajuda a revelar as linhas de continuidade temática e mesmo conceptual, além do seu desenvolvimento, conferindo maior profundidade e rigor à exposição, que, a propósito, não corrobora a conhecida tese da ruptura epistemológica.

IHU On-Line – Qual é o diálogo estabelecido entre a dialética e a prática na obra de Marx?

Édil Guedes – A dialética pode ser pensada na obra de Marx sob duas perspectivas distintas, mas de

3 *O Capital* (em alemão, *Das Kapital*): conjunto de livros de Karl Marx escritos a partir de 1867 com conteúdo crítico à economia política. Marx apresenta nesta obra muitos conceitos econômicos complexos, como mais valia, capital constante e capital variável, se posicionando de forma crítica ao modo de produção capitalista, à teoria do valor-trabalho de Adam Smith e ao paradigma conceptual elaborado com base no mercado oriundo da economia clássica. (Nota da **IHU On-Line**)

modo algum dissociáveis. Ao contrário, devem ver-se como complementares. Seriam elas a dialética em sentido lógico-gnosiológico e a dialética em sentido lógico-ontológico. Em um primeiro sentido, trata-se da dialética como método, pelo qual se visa à reprodução conceptual da realidade efetiva. Diferentemente de Hegel⁴, Marx julga proceder do real ao conceito, pelo que afirma virar pelo avesso a dialética hegeliana. A *dialética dos conceitos* aqui não se poderia confundir com a efetiva dinâmica da realidade histórica, devendo compreender-se apenas como a representação conceptual objetiva e sistemática de suas articulações constitutivas. Mas, segundo a minha interpretação, isso não corresponde à negação da *dialeticidade do real*, que, como defendi no primeiro capítulo do livro, é sempre, de modo muito visível, presumida e afirmada em *O Capital* e em toda a obra de Marx.

Assim se pode então considerar a dialética em um segundo sentido, ontológico, revelando-se como o *movimento mesmo do real*. Deste modo, argumentei que na obra de Marx o processo histórico, o devir do real efetivo tem a sua *dialeticidade*, que precisa expor-se na dialética conceptual. A herança hegeliana é acolhida e transformada, quando a dialética deixa de referir o desenvolvimento do Espírito e passa a identificar-se com o desenvolvimento da vida prático-espiritual do ser humano. A crítica da economia medeia no pensamento de Marx a constituição de uma ontologia dialética da práxis, pois a História passa a compreender-se como a dialética da autoprodução do ser humano,

constituindo a normatividade à luz da qual se orienta a razão fundamentalmente articulada à práxis.

IHU On-Line – Como a ética se apresenta na obra do autor? Como se relacionam ética e fetichismo?

Édil Guedes – Qual é a questão fundamental que constitui a Ética como disciplina filosófica? Se assumimos que se trata do problema da afirmação do espaço da *liberdade* sobre o domínio da necessidade, ou seja, o problema da *autodeterminação da práxis*, então defenderemos que este constitui também o motivo principal de toda a obra de Marx. Diferentemente de Aristóteles⁵, porém, em cuja obra a Ética conquista inauguralmente o estatuto de um saber autônomo, na obra de Marx ela se converte, ao mesmo tempo, em uma dialética do ser social, uma ontologia da história e, mais explicitamente, em uma crítica da economia, que se faz mediação das duas anteriores. No pensamento marxiano, a morada na qual o ser humano afirma ativa e dialeticamente a sua liberdade é a sociabilidade econômica. Dito de outro modo, esse *ethos* são as relações sociais que medeiam e constituem a produção de sua existência material, e que ao mesmo tempo informam a vida humana de um modo significativo. Por isso, no pensamento marxiano, a conquista da liberdade deve compreender-se como a *produção da liberdade*, e a história das relações sociais de produção será a atualização da própria vida humana como liberdade e autoexpressão.

O tema do fetichismo das formas da sociabilidade mercantil-capitalista tem especial relevo e exigiu-nos atenção singular, pois mesmo a autonomia do capital – que é o momento negati-

vo da autoafirmação do ser humano na história – deve ser compreendida como uma *objetiva autorrepresentação da práxis* como realidade heterônoma. Não faz sentido conceber o fetichismo simplesmente como a prevalência das coisas sobre o ser humano ou como a plena ascendência do material sobre o ideal – o que viria a comprovar um já esperado determinismo material ou econômico. Bem ao contrário, sustento que só se pode compreender rigorosamente o fetichismo na obra de Marx como uma reificação que se realiza como um *processo praxiológico*, justamente ao nível das suas *determinidades de forma*, conforme a terminologia de Marx. Em outras palavras, o fetichismo é a forma invertida pela qual se dá a presença recíproca dos sujeitos na sociabilidade mercantil-capitalista, e por isso não pode corresponder senão à constituição de certa vivência praxiológica.

IHU On-Line – Que condição a história assume no pensamento de Marx?

Édil Guedes – Se a História se compreende em Marx como história da autoprodução do ser humano como liberdade e autoexpressão, e este, como ser social e histórico passa a conceber-se como criador de si mesmo, a História assume na obra deste autor a condição de novo Primeiro Princípio ontológico. Na ontologia marxiana, portanto, o ser social humano se apresenta como o sujeito último da própria história.

IHU On-Line – Como capital e fetichismo se relacionam? Como se dá o embate entre capital e liberdade?

Édil Guedes – O capital se revela como a relação social mais complexa e mais fetichista. Representa-se como um *valor que se autovaloriza* e que submete tudo a sua própria lógica autoexpansiva e autorreflexiva. Seu processo totalizante converte progressivamente tudo em momento seu e expressão de seu movimento. Mas como dissemos anteriormente, o capital não pode nascer radicalmente de si mesmo; ele somente pode subsistir na representação ativa daquele que é o sujeito da sua própria sujeição: o ser social humano. Apenas este pode

4 Friedrich Hegel (Georg Wilhelm Friedrich Hegel, 1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira no link <http://bit.ly/ihuon217> a edição 217 da IHU On-Line, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://bit.ly/ihuon261> e *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <http://bit.ly/ihuon430>. (Nota da IHU On-Line)

5 Aristóteles de Estagira (384 a.C. - 322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas - por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega - acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

constituir e manter o capital como autofinalidade.

Mas a visão de Marx sobre o capital e a sua relação com a afirmação da liberdade humana na história é complexa e, diria até, intrigante. Pois embora corresponda à forma e ao grau mais elevados da heteronomia fetichista, embora seja a forma culminante da alienação, o capital cumpre para Marx um papel histórico decisivo, que o *justifica* e o *legitima*: o de criar as bases materiais da autorrealização plena do ser humano, abrindo caminho para que o sujeito humano recobre e refaça a sua autonomia. Não se tratará, pois, na obra de Marx, à luz da História, mera desrealização do ser humano ou simples negação de sua liberdade, mas uma espécie de *afirmação invertida* que constituirá uma etapa necessária da dialética da autorrealização plena do sujeito humano como ser social-histórico.

IHU On-Line – Qual a contribuição do filósofo Henrique Cláudio de Lima Vaz⁶ para o instrumental meto-

⁶ Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002): filósofo e padre jesuíta, autor de importante obra filosófica. A revista *Síntese*. n. 102, jan.-ab. 2005, p. 5-24, publica o *artigo Um Depoimento sobre o Padre Vaz*, de Paulo Eduardo Arantes, professor do Departamento de Filosofia da USP, que merece ser lido e consultado com atenção. A **IHU On-Line** número 19, de 27-05-2002, disponível em <http://bit.ly/ihuon19>, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra de Lima Vaz, com o título *Sábio, humanista e cristão*. Sobre ele também pode ser consultado na **IHU On-Line** nº 140, de 09-05-2005, um artigo em que comenta a obra de Teilhard de Chardin, disponível em <http://bit.ly/ihuon140>. A edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria *Memória em homenagem a Lima Vaz*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon142>. Confira ainda a entrevista *Vaz: intérprete de uma civilização arreligiosa*, com Marcelo Fernandes de Aquino, na edição 186, de 26-06-06, disponível em <http://bit.ly/ihuon186>; *Vaz e a filosofia da natureza*, com Armando Lopes de Oliveira, na edição 187, de 03-07-06, disponível em <http://bit.ly/ihuon187>. Veja também os artigos intitulados *O comunitarismo cristão e a refundação de uma ética transcendental*, na edição 185, de 19-06-06, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e *Um diálogo cristão com o marxismo crítico. A contribuição de Henrique de Lima Vaz*, na edição 189, de 31-07-06, disponível em <http://bit.ly/ihuon189>, ambos de autoria do Prof. Dr. Juarez Guimarães. Inspirada no pensamento de Lima Vaz, a **IHU On-Line** 197, de 25-09-2006, trouxe como tema de capa *A política em tempos*

“Na obra de Marx, a Ética se converte, ao mesmo tempo, em uma dialética do ser social, uma ontologia da história e, mais explicitamente, em uma crítica da economia”

dológico usado na pesquisa apresentada no livro?

Édil Guedes – A obra de Lima Vaz é uma referência fundamental não apenas em minha interpretação de Marx, mas também em toda a minha formação filosófica e intelectual, de modo que a frequente recorrência a ela se faz natural em meu percurso. Além de alguns textos muito importantes, que exerceram significativa influência sobre o meu modo de pensar Marx, como é o caso do excelente *Ontologia e história*, publicado originalmente em 1968, penso que a vigorosa e pertinente crítica da modernidade elaborada por Lima Vaz nos ajuda a melhor situar e compreender a natureza, as implicações e os limites do pensamento marxiano. Em meu livro, a contribuição vaziana pode notar

de nihilismo ético, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon197a>. Padre Vaz e o diálogo com a modernidade foi o tema abordado por Marcelo Perine em uma conferência em 22-05-2007, no Simpósio Internacional *O futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos?* Leia, também, a edição 374 do **IHU On-Line** sobre o legado filosófico vaziano, de 26-09-2011, em <http://bit.ly/ihuon374>. Em sua 42ª edição, **Cadernos IHU** também teve um tema dedicado ao pensador, intitulado *Ética e Intersubjetividade: a filosofia do agir humano segundo Lima Vaz*, de autoria de Antonio Marcos Alves da Silva. Acesse pelo link <http://bit.ly/cadihu42>. (Nota da **IHU On-Line**)

-se ainda de outras formas, como por exemplo, ao oferecer-me um roteiro de aproximação para que eu pudesse explicitar as fontes e as disciplinas filosóficas do pensamento de Karl Marx, ou ainda quando, no terceiro capítulo, julguei oportuno valer-me das *categorias de relação* da antropologia filosófica vaziana para explicitar os *modos da representação na vida econômica* na obra de Marx.

IHU On-Line – Qual é o principal legado da obra de Marx? Por que conhecê-la é importante para entendermos a sociedade contemporânea?

Édil Guedes – Destacaria, em primeiro lugar, a sensibilidade e o empenho moral de Marx, verdadeiramente notáveis e assim reconhecidos mesmo por alguns de seus críticos mais contumazes, como, por exemplo, Karl Popper⁷. Mas certamente o seu legado vai muito além dos motivos éticos exemplares de sua obra. A acuidade e a profundidade de sua crítica da sociabilidade mercantil-capitalista são ainda hoje difíceis de comparar e superar. A crítica do fetichismo, por exemplo, cujos sentidos e implicações nós nos esforçamos para compreender e revelar em nosso livro, mostra o alcance aquilino da visão de nosso autor, pois, em lugar de perder força diante do desenvolvimento da realidade socioeconômica, nunca se revelou tão pertinente e atual. Por outro lado, a fé no ser humano como demiurgo da própria realidade nunca se afirmou tão radicalmente como em Marx. Haver-se com os limites de um pensamento que projeta como nenhum outro a autoefetivação plena da humanidade em uma espécie de *transcendência imanente* da condição humana na e pela própria práxis histórica, sendo este um horizonte muito representativo do antropocentrismo moderno, constitui também uma tarefa que se impõe ao intelectual contemporâneo.

⁷ **Karl Popper** (1902-1994): filósofo austríaco-britânico. Destacou-se como filósofo social e político e como defensor da democracia liberal. É conhecido como o criador do conceito de *falseabilidade*, que a coloca como uma característica fundamental para a demarcação científica de uma teoria. De acordo com este pensamento, uma teoria só será científica se puder ser falseada, isto é, colocada à prova diante da experiência. (Nota da **IHU On-Line**)

Entrevista da Semana

“A pós-modernidade é um Renascimento ressignificado”

O filólogo chileno Alfonso de Toro elenca as características da pós-modernidade, destacando o que ela conserva e supera na compreensão do humano e da sociedade contemporânea

POR RICARDO MACHADO E ANDRIOLLI COSTA / TRADUÇÃO: ANDRÉ LANGER

Da ciência à política, das artes à filosofia, todo um conjunto de pensamentos colaborou para a emergência do Renascimento europeu. Para o filólogo chileno Alfonso de Toro, ao retomar perspectivas da cultura greco-latina, houve uma reinvenção do sujeito, trazendo o humano como centralidade do sistema. Neste ponto, o pesquisador enxerga similaridade com a própria pós-modernidade. “Ela se volta para trás – para a nossa cultura, a nossa civilização – e a coloca em questão, elimina uma série de tabus, de bases que são obsoletas, que são falácias, para abrir esta sociedade e coloca novamente o indivíduo no centro desse sistema”. E defende: “A pós-modernidade é um renascimento ressignificado”.

De Toro esteve na Unisinos participando do Ciclo de Estudos ‘*Questão Pós nas Ciências Humanas – Pós-Estruturalismo, Pós-modernidade e Pós-colonialidade*’, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da universidade. Na ocasião, concedeu entrevista pessoalmente à **IHU On-Line**, em que aponta quatro características fundamentais que caracterizam a pós-modernidade: a superação dos conceitos de logos e de origem, a compreensão dos metadiscursos como construções, o descentramento do sujeito e a hibridéz. O pesquisador aborda ainda a diferença entre pós-humanismo e pós-

modernismo, a relação do sujeito pós-moderno com a democracia e os limites para a paralogia – isto é, para a aceitação de várias lógicas, de várias verdades como sendo igualmente válidas.

“Quando se analisam processos, eventos históricos – que são todos interpretáveis –, nessa liberdade há, para mim, um limite, que é o da imposição do imperativo do fato”, destaca. “Há campos na vida, momentos em que o fato mesmo é tão forte, tão dominante, que não deixa lugar para a paralogia”. Um exemplo, para o pesquisador, seriam os campos de concentração nazista ou a ditadura militar no Brasil. “Isso não se discute. Não se pode discutir.”

Alfonso de Toro é *master of arts* e doutor pela Universidade de Munique, Alemanha. Atualmente é professor de Filologia Românica na Universidade de Leipzig, na Alemanha, onde dirige o Centro de Pesquisa Francófona. Atua ainda como diretor e fundador do Centro de Pesquisa Ibero-americana no Instituto de Romanística. É autor, entre outros livros, de *Epistémologies “Le Maghreb”* (Paris: L’harmattan, 2009) e *Borges infinito. Borges-virtual: Pensamiento y saber de los siglos XX y XXI* (Hildesheim: Georg Olms Verlag, 2008). Atua principalmente nas áreas de semiótica, teoria da literatura, teoria da cultura e teatro.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais são as características da pós-modernidade que você considera fundamentais? Como se conceitua hoje, no âmbito

das ciências e das artes, esta pós-modernidade?

Alfonso de Toro – Uma das características fundamentais da pós-

modernidade é a sua radical pluralidade. É o desenvolvimento, o fomento e a promoção da multiplicidade. Isso tem a ver com três ou quatro fatores fun-

damentais que, para mim, são os fatores que constituem a pós-modernidade como pensamento, como sistema, como estrutura.

Um desses fatores fundamentais é que a pós-modernidade – e isso tem muito a ver com Derrida¹ – **supera o conceito de logos e de origem**, que é característico para o pensamento ocidental em toda a sua história. Parece-me que isso é fundamental, porque o problema do logos e da origem foi um problema, um fenômeno, uma ideia que causou inúmeros conflitos. Tem a ver com um tipo de discurso nacionalista, genético, relativo à pureza da raça e que se impôs ao longo da história como autoridade, como um discurso, uma ideia, um pensamento irrefutável e universal que transcende as épocas, as culturas e as regiões.

Parece-me que o trabalho de Derrida é fundamental para mostrar que não existe um logos, que não há um interesse, senão que quando temos uma ideia, essa ideia se refere a outras ideias. Há muitas ideias antes, e quando alguém acredita ter chegado a um ponto de partida, este ponto de partida leva a outro ponto de partida e assim consequentemente.

Derrida nos mostra que temos uma espécie de cadeia de pensamentos, o que ele chamará de “*dissémination*”, isto é, não teremos uma construção de sentidos fixos, mas uma produção de grandes diversidades de sentidos e de significações que vão deixando uma marca. Ou seja, uma ideia, um conceito, uma norma estão condicionados por conceitos e normas anteriores e posteriores. É um sistema dinâmico, um sistema que supera o linearismo ocidental, o que é um pro-

1 Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou* (São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da IHU On-Line edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon119>. (Nota da IHU On-Line)

blema, porque o linearismo ocidental leva a estruturas fechadas na origem. Esse é um aspecto fundamental.

Um segundo aspecto fundamental que tem a ver com isso e que é consequência lógica da desconstrução da ideia de logos na origem está presente no curso pós-moderno de Lyotard² de 1979, *A condição pós-moderna* (São Paulo: José Olympio, 2004), onde o autor demonstra que as metanarrações, os **metadiscursos são construções**. Por isso, Lyotard diz que “quem prova é a prova” e descobre que os discursos metanarrativos, como discursos que pretendem ter uma verdade absoluta e universal, têm um caráter messiânico.

Dou dois exemplos. Um, o discurso marxista que parte da ideia, da verdade, que toda a sociedade se rege por processos econômicos e que se poderia chegar – e esse é o aspecto messiânico – a uma sociedade justa, onde todas as pessoas têm os mesmos direitos, todos estão no mesmo nível de igualdade, abolindo a propriedade privada, como Marx³ propõe, em 1848, no Manifesto. Esse é um discurso fechado que explica a sociedade somente a partir de um lugar e com um fim determinado, que é ideológico.

2 Jean-François Lyotard (1924-1998): filósofo francês, autor de uma filosofia do desejo e significado representante do pós-modernismo. Escreveu, entre outros, *A fenomenologia* (Lisboa: Edições 70, 1954), *O inumano: considerações sobre o tempo* (Lisboa: Estampa, 1990), *Heidegger e ‘os judeus’* (Lisboa: Instituto Piaget, 1999) e *A condição pós-moderna* (8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004). (Nota da IHU On-Line)

3 Karl Marx (Karl Heinrich Marx, 1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. A edição número 41 dos *Cadernos IHU Ideias*, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título *A (anti) filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://bit.ly/173lFhO>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da *IHU On-Line*, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em <http://bit.ly/rhygyP>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da *IHU On-Line*, de 03-05-2010, disponível em <http://bit.ly/JwXRSA>. (Nota da IHU On-Line)

Um outro discurso é o de Freud⁴, que acredita que todos os comportamentos humanos, toda a organização social, são regidos pela sexualidade, pelo Complexo de Édipo, e ele quer desenvolver um método (o da psicanálise) para superar o Complexo de Édipo e, assim, atingir uma sociedade saudável. Esses dois discursos são discursos que se excluem mutuamente, porque apresentam uma verdade absoluta. São como as religiões. As religiões na Bíblia são discursos absolutos.

Um terceiro aspecto fundamental da pós-modernidade e que a leva a esse desenvolvimento da pluralidade radical e de uma grande multiplicidade de possibilidades é o **descentramento do sujeito**, que é uma teoria da Lacan⁵. Simplificando, ela parte

4 Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 179 da *IHU On-Line*, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível para consulta no link <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível em <http://bit.ly/ihuon207>. A edição 16 dos *Cadernos IHU em formação* tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da IHU On-Line)

5 Jacques Lacan (1901-1981): psicanalista francês. Realizou uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas este é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. Confira a edição 267 da revista *IHU On-Line*, de 04-08-2008, intitulada *A função do pai, hoje. Uma leitura de Lacan*, disponível em <http://bit.ly/ihuon267>. Sobre Lacan, confira, ainda, as seguintes edições da revista *IHU On-Line*, produzidas tendo em vista o *Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificando em dizer “não cedas de teu desejo”?* [*ne cède pas sur ton désir?*], realizado em 14 e 15 de agosto de 2009: edição 298, de 22-06-2009, intitulada *Desejo e violência*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon298>, e edição 303, de 10-08-

do pressuposto de que o indivíduo não pode ser definido por si mesmo – como se acredita no humanismo, como se aprende no cristianismo –, mas sempre através do outro. E nesse contato que nós temos agora há um intercâmbio de identidades, de culturas, de discursos, de códigos e se forma um terceiro. E assim se forma a identidade. E o quarto é o tema da hibridez, que constitui a humanidade. Essas seriam quatro bases fundamentais desta radical pluralidade.

IHU On-Line – Neste sentido, como a sociedade constrói suas narrativas e metanarrativas em um contexto pós-moderno com o descentramento do sujeito?

Alfonso de Toro – Com o advento da pós-modernidade, com autores como Foucault⁶, Derrida,

Deleuze⁷ e Guattari⁸, com Lyotard, com, por exemplo, Vattimo⁹, com

<http://bit.ly/ihuon364>. Confira, também, a entrevista com o filósofo José Terres, concedida à IHU On-Line 325, sob o título *Foucault, a sociedade panóptica e o sujeito histórico*, disponível em <http://bit.ly/ihuon325>. De 13 a 16 de setembro de 2010 aconteceu o XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Confira a edição 343 da IHU On-Line que traz o mesmo título que o evento, publicada em 13-09-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon343>, e a edição 344, intitulada *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <http://bit.ly/ihuon344>. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento *Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault*, que também foi tema da edição número 13 dos Cadernos IHU em formação, disponível para download em <http://bit.ly/ihuem13> sob o título *Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética*. (Nota da IHU On-Line)

7 Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos, singularidades, conceitos que nos impelam a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos outros. (Nota da IHU On-Line)

8 Pierre-Félix Guattari (1930-1992): filósofo e militante revolucionário francês. Colaborou durante muitos anos com Gilles Deleuze, escrevendo com este, entre outros, os livros *Anti-Édipo*, *Capitalismo e Esquizofrenia* e *O que é Filosofia?*. Dotado de um estilo literário incomparável, é, de longe, um dos maiores inventores conceituais do final do século XX. Esquizoanálise, transversalidade, ecosofia, caosmose, entre outros, são alguns dos conceitos criados e desenvolvidos pelo autor. (Nota da IHU On-Line)

9 Gianni Vattimo (1936): filósofo italiano, internacionalmente conhecido pelo conceito de “pensamento fraco”. Concedeu diversas entrevistas à IHU On-Line. A primeira delas foi publicada na 88ª edição, de 15-12-2003, disponível em <http://bit.ly/ihuon88>. A segunda na 128ª edição, de 20-12-2004, em <http://bit.ly/ihuon128>. A terceira na edição 161, de 24-10-2005, quando conversou pessoalmente com a IHU On-Line, no dia 18 de outubro daquele ano, às vésperas de proferir sua conferência no evento *Metamorfoses da cultura contemporânea*. Esse material está disponível em <http://bit.ly/ihuon161>. Também contribuiu na IHU On-Line nº 187, de 03-07-2006, com a entrevista *O nazismo e o “erro” filosófico de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon187>. Concedeu, também, as entrevistas *Liberdade. Uma herança do cristianismo*, publicada na edição número 287, de 30-03-2009, disponível em <http://bit.ly/ihuon287> e *Morte de Deus e fim da metafísica: a luta contra os absolutos*, na edição 354, de 20-12-2010, em

Baudrillard¹⁰, não existem mais os mesmos discursos. Agora, ao contrário, existem muitas verdades, muitos discursos que têm o mesmo status, a mesma legitimidade e que estão em competição uns com os outros. O que o indivíduo decide que é verdade não é necessariamente verdadeiro também para o outro.

Esse aspecto foi muito criticado por ser um relativismo excessivo, onde a sociedade não tem um lugar de partida que seja um lugar base para todos. Mas aí reside o desafio da pós-humanidade, que é radicalmente democrática. Ou seja, queremos a individualização das normas, que não é algo arbitrário, no sentido de que você tem que negociar comigo ou com outros uma determinada moralidade. Dessa maneira, por um lado, o pensamento pós-moderno produz um desafio para a sociedade no sentido de que esta está sempre em movimento, onde não há um fim, mas há uma negociação permanente. Essa é, naturalmente, a contribuição mais importante que se deu à democracia nos séculos XX e XXI.

IHU On-Line – A pós-modernidade superou o antropocentrismo? Qual é o papel da antropotécnica neste contexto? Como se caracteriza este tempo?

Alfonso de Toro – Eu penso que não. Pelo contrário, reforçou o individualismo, o sujeito. Eu diria que toda a filosofia pós-moderna é uma filosofia centrada no sujeito, na possibilidade do sujeito, coloca o sujeito no centro e, digamos, dá a ele uma prioridade muito mais forte que ao Estado.

Eu não diria que o pós-modernismo supera o sujeito. Fala-se do pós-humano. Isso é uma inverdade. A pós-modernidade nunca é pós-humana.

<http://bit.ly/ihuon354>. A editoria Livro da Semana, na edição 149, de 01-08-2005, abordou a obra *The future of religion*, escrita por Vattimo, Richard Rorty e Santiago Zabala, disponível em <http://bit.ly/1dq6HEG>. (Nota da IHU On-Line)

10 Jean Baudrillard (1929-2007): filósofo e sociólogo. Um dos importantes pensadores ocidentais da atualidade, é autor de vários livros, entre os quais destacamos: *A troca impossível* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002), *A ilusão vital* (Civilização Brasileira, 2001) e *A sociedade do consumo* (Lisboa: Edições 70, 2000). (Nota da IHU On-Line)

2009, intitulada *A ética da psicanálise. Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”?*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon303>. (Nota da IHU On-Line)

6 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido à sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas desse termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em várias edições a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>, edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon203>, e edição 364, de 06-06-2011, intitulada *‘História da loucura’ e o discurso racional em debate*, disponível em

Eu não entendi esse conceito de pós-humano. Entretanto, é um conceito que tem a configuração de um sujeito que não é um sujeito único, um sujeito unificado, um sujeito que compartilha tudo o que seja característico, senão que é um sujeito em si, um sujeito que tem suas próprias características.

A pós-modernidade é um renascimento ressignificado, como eu a chamei num dado momento. Por quê? O que temos no renascimento europeu? Porque o centro do sistema é o ser humano, é o homem, esse indivíduo que está no centro. E há todo um pensamento por trás de como estava formada, de onde viemos e como estava formada esta sociedade partindo da cultura greco-latina. Olhando para trás, há uma reformulação, uma reinvenção do sujeito. Aí eu vejo exatamente o lugar da pós-modernidade que se volta para trás, olha para trás – para a nossa cultura, a nossa civilização – e a coloca em questão, elimina uma série de tabus, de bases que são obsoletas, que são falácias, para abrir esta sociedade. E coloca novamente o indivíduo no centro desse sistema.

IHU On-Line – No atual contexto complexo, como o discurso se transmuta em um efeito de verdade? Como compreender as positivities da nossa sociedade e como avançar?

Alfonso de Toro – Foucault conecta a categoria de discurso com o poder. Ou seja, Foucault vê a enunciação filosófica do pensamento. Ele não a idealiza, nem a vê independente do resto, ou seja, Foucault não é um metafísico. Não tem uma filosofia ideal, senão um conceito de discurso de sociedade marxista, onde esse discurso está sempre localizado em algum lugar, por exemplo, na instituição, na clínica, no cárcere, no aparelho de Justiça.

Em primeiro lugar, esse discurso e poder, discurso e instituição, discurso e sistema de leis, discurso e saber, esse discurso Foucault o conecta. Ele lhe tira um idealismo, a inocência do discurso e o coloca dentro de um contexto de intenção determinada. Em segundo lugar, Foucault considera que, com respeito ao poder, não existe uma hierarquização no discurso, mas existem diversos discursos que estão competindo uns com os outros.

Em um dado momento se estabelece um tipo de discurso, digamos, que ganha a batalha dos discursos e se estabelece como episteme, como o dispositivo, o que ele trata em vários livros. Essa concepção de discurso que são linhas que se entrecruzam, que se entrecortam, que se superpõem, que se bifurcam, é um discurso novo. Isso é pós-moderno e não é algo que esteja sempre prefigurado e que tenha somente uma linha teleológica e acabe num lugar; ao contrário, há uma série de possibilidades na competência do discurso.

Crítica

Fundamental também é a crítica que se faz a Foucault, segundo a qual se diz que esse discurso aniquila o sujeito, que destaca a máquina discursiva do seu produtor. Não creio que seja isso. Edward Said¹¹, em *Orientalismo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007), que é um livro baseado no discurso de Foucault, critica o próprio Foucault e diz: “Não, eu saí e falo como palestino, fui educado num colégio britânico colonial no Egito e pertencio à elite norte-americana de professores de estudos literários e culturais”. Mas, penso que há aí uma confusão.

Em *As palavras e as coisas* (Martins Fontes: São Paulo, 2000), Foucault demonstra que há um enunciado que vem de algum sujeito determinado, mas o que ele quer demonstrar não é o problema do sujeito. Pelo contrário, ele coloca neste momento o acento, o foco, na estrutura do discurso; em como se forma o discurso, como se chega a expressar uma ideia, como se rompe com um esquema num dado momento. Ou seja, ele está mais interessado em descrever a estrutura, a máquina discursiva, e menos no produtor do discurso.

Isso é atualmente válido, não entra sinceramente na política e está relacionado também com o tema da paralogia¹² de Lyotard, quando este,

em *Le Différend*, fala das competências dos discursos uns aos outros no mesmo nível. Eu penso que se esse tipo de ideia de Foucault e de Lyotard fosse colocado em parte em prática no discurso político real, teríamos um enorme avanço na democracia.

O problema no discurso político, seja na América Latina, seja na Europa, é que o discurso político não quer discussão. Isso se vê claramente quando há eleições. Acredita-se que tem que ser um partido a ocupar-se frente a uma figura com um discurso e não se permite que companheiros de partido tenham outra opinião. Isso não pode ser. As eleições são o momento mais revelador deste tipo de autoritarismo, desta univocidade discursiva política. O debate simplesmente desaparece. O debate para o partido político é a morte. Se o partido político se dá ao luxo do debate interno, o povo não o elege, porque acredita que é um grupo caótico. Creio que aí há muitíssimo a se fazer.

IHU On-Line – A instauração de uma “paralogia” que promove múltiplas verdades não pode conduzir também a um relativismo extremo, onde tudo é considerado como verdade?

Alfonso de Toro – Essa é uma pergunta muito pertinente, fundamental e uma pergunta muito difícil de responder. Por um lado, temos a fascinação, a possibilidade de que há muitas verdades. Alguém pode ser homossexual, lésbica, transexual, heterossexual... Essas são verdades de vida. E não devem ser questionadas.

Há um problema muito grande por trás disso, mas em certos países europeus há políticos homossexuais: o ex-ministro de Relações Exteriores [da Alemanha, Guido] Westerwelle é homossexual, o governador da cidade de Berlim é homossexual, o ex-governador do Partido Democrata-cristão de Hamburgo é homossexual. Ou seja, isso não é um problema na sociedade. Há outro tipo de problema na sociedade alemã com respeito à discriminação homossexual, mas houve grandes avanços. Então, não há apenas uma verdade, que apenas o casamento entre um homem e uma mulher seja o modelo de vida que se propõe para uma sociedade. Não, há

¹¹ Edward Said (1935-2003): teórico literário palestino-americano, além de ativista palestino. (Nota da IHU On-Line)

¹² Paralogia: O raciocínio incompleto, o que percebe anomalias e constrói novos conceitos. Para Lyotard, o reconhecimento pela paralogia é uma das características da pós-modernidade. (Nota da IHU On-Line)

muitas verdades. E isso não é relativismo, mas é, acima de tudo, uma vontade de liberdade, um desejo de democracia.

Temos também outro tipo de problema. Quando se analisam processos, eventos históricos – que são todos interpretáveis –, nessa liberdade há, para mim, um limite, que é o da imposição do imperativo do fato. Há campos na vida, momentos em que o fato mesmo é tão forte, tão dominante, que não deixa lugar para a paralogia. Um exemplo seria a ditadura brutal do Brasil, que foi uma das grandes ditaduras da América Latina, por todo o terror, a ditadura de Videla¹³, a ditadura de Pinochet¹⁴, os milhares e milhares de mortos, as torturas.

Há a comprovação da existência do campo de concentração que Pinochet abriu no meio do deserto, que eram construções utilizadas pelos ex-mineiros do século XIX e começo do século XX do salitre. Auschwitz, Treblinka, etc. Isso não se discute. Não se pode discutir. E aí há um problema com Lyotard, porque ele, em *Le Différend*, desenvolve seu conceito de paralogia partindo do discurso jurídico. Dou um exemplo muito perigoso, mas um exemplo do discurso do nazista, que matava no campo de concentração, e da vítima, que havia sobrevivido, diante de um juiz e diz: ‘ambos têm um discurso. Qual terá um discurso que tem a verdade?’ E aí, para mim, há um limite. O discurso da verdade é o discurso do sobrevivente, e não o discurso do assassino. É a única forma.

Limites políticos da paralogia

Quando temos um Estado constitucional, um Estado de direito, um Estado absolutamente democrático, para mim há um limite de regulamento da verdade que é a Constituição, que é a Suprema Corte. Ora, pode-se criticar a Constituição, a sentença da Suprema Corte, mas não se pode

tocar. Porque quem toca a Suprema Corte, quem coloca em xeque a Suprema Corte questiona a liberdade, a democracia, a liberdade de imprensa, a liberdade da palavra, os direitos humanos, questiona tudo. Aí há um limite, mas todo o resto é possível.

Naturalmente, os partidos políticos têm que ser pragmáticos, têm que aprovar leis, têm que regular a sociedade, há conflitos, é preciso construir estradas, deve dar educação a um povo, há uma série de implicações; então deve-se tomar decisões e pode-se, naturalmente, partir de um caminho de como chegamos a ter uma sociedade de bem-estar, como podemos dar a todo mundo educação, que caminhos podemos tomar para abastecer uma sociedade com serviços públicos, assistência médica, etc. Isso é perfeitamente discutível.

Os políticos têm essa barreira de sempre estar tomando decisões que precisam virar leis. Uma sociedade, nesse contexto, não resiste à paralogia. A paralogia transforma-se, neste contexto, num perigo, porque impede de tomar decisões. Ou seja, temos que ver a paralogia como uma contribuição à consciência democrática de um país, de uma região, de uma sociedade, mas não devemos absolutizá-la. Devemos notar que há limites, mas que, mesmo assim, a paralogia não deixa de ser uma contribuição para a democracia.

IHU On-Line – O livro *Mil Platôs* (São Paulo: Editora 34, 1995), de Deleuze e Guattari, trata justamente desta multiplicidade da pós-modernidade. Pode-se ter neste livro um ensaio sobre uma nova democracia?

Alfonso de Toro – Sim. *Mil Platôs* parte da intenção de introduzir um novo conceito de sociedade e um novo conceito do que é uma enfermidade. Parte-se do exemplo de pessoas que aparentemente sofriam de paranoia. Quem é o paranoico? Por que se qualifica essa pessoa de paranoica? Não é a clínica, mas a sociedade que determina quem é paranoico. É o discurso social, o discurso jurídico que criminaliza essa pessoa como paranoica e não lhe deixa nenhuma possibilidade de saída.

Deleuze e Guattari se perguntam como sair desse impasse; como intro-

duzir um novo conceito de enfermidade; e de que forma tratar essa pessoa não como enferma, senão como um indivíduo que funciona socialmente. Partem de uma ideia de Artaud¹⁵, em *o corpo sem órgãos*, e descrevem o corpo, o organismo do indivíduo, como uma máquina perfeita, que sempre está funcionando. O exemplo que dão é o da criança que amamenta na mãe. Primeiro tem a função do peito que dá o leite, o processo da boca, da sucção, depois o processo da digestão, etc. Ou seja, é uma máquina perfeita que é o símbolo, a metáfora, da construção autoritária do Estado.

O que eles pretendem com isso é tirar o corpo social, o corpo clínico desse lugar de estrutura fixa. E tomam o chamado Caso Schreber¹⁶. Schreber era um juiz em Trieste e que de repente é declarado esquizofrênico. É destituído, internado na clínica e ele não aceita os métodos usados para curá-lo. Começa por conta própria a escrever e a observar-se a tal ponto que ele mesmo se cura. Deixam-no sair e assume novamente o posto de juiz. Deleuze e Guattari tomam este caso como uma possibilidade de como a pessoa tem a capacidade, a força, de tomar distância do sistema repressivo que é a clínica e de poder tomar consciência da sua chamada enfermidade e se curar.

No segundo volume de *Mil Platôs*, introduzem o conceito de rizoma, que é um conceito fundamental, porque tem a ver também com Deleuze, Derrida, com a supressão do logos e o binarismo. O rizoma é uma metáfora de uma espécie de rede infinita que se expande e que não tem centro, nem entrada, nem saída, nem fim, nem começo. Essa é a absoluta liberdade. E o papel do filósofo-sociólogo é o de pensar no limite do possível para encontrar caminhos novos, abrir cami-

¹⁵ Antonin Artaud (1896-1948): poeta, dramaturgo, diretor e ator francês, sua proposta era despertar as forças inconscientes do espectador, para libertá-lo do condicionamento imposto pela civilização. Não há separação rígida entre palco e plateia. Parte de sua teoria está exposta no livro *O Teatro e Seu Duplo* (1936). (Nota da IHU On-Line)

¹⁶ O caso foi tema de debate do IHU em 2007, no seminário clínico-psicanalítico *Como alguém se torna paranoico?* - De Schreber a nossos dias, com o Prof. Dr. Charles Melman. (Nota da IHU On-Line)

¹³ Jorge Rafael Videla (1925-2013): militar e ditador da Argentina, presidente entre 1976 e 1981. (Nota da IHU On-Line)

¹⁴ Augusto Pinochet [Augusto José Ramón Pinochet Ugarte] (1915-2006): general do exército chileno. Foi presidente do Chile entre 1973 e 1990, depois de liderar um golpe militar que derrubou o governo do presidente socialista Salvador Allende. (Nota da IHU On-Line)

nhos novos. Os livros *Capitalisme et Schizophrénie* (Paris: Éditions de Minuit, 1972), assim como outros livros que vêm do pós-modernismo – *La fine della modernità* (Milão: Garzanti, 2011), de Vattimo –, são todos uma contribuição obsessiva para a democracia mais radical, para uma liberdade do indivíduo, de uma autodeterminação do indivíduo.

IHU On-Line – Quais são os desafios da pós-modernidade?

Alfonso de Toro – Depois de 30 ou 40 anos de teoria, de pensamento, o maior desafio da pós-modernidade – e esse é um aspecto político – é o de implementar os conceitos da teoria da pós-modernidade. Percebemos que no funcionamento das nossas sociedades, de todo esse pensamento que se desenvolveu na pós-modernidade os conceitos não chegaram a nenhum lugar ou a pouquíssimos lugares. Não chegaram aonde deveriam ter chegado: nas decisões políticas, nas instituições jurídicas. As instituições em geral seguem em grande medida funcionan-

do com parâmetros que não têm nada a ver com esses desafios. O desafio é realmente o da implementação.

Claro, a universidade ou os centros de pesquisa são um lugar privilegiado e o único lugar, digamos, onde se pode discutir sobre isso. Porque a pós-modernidade, especialmente na América Latina, teve muita oposição por razões ideológicas, de como se os pós-modernos fossem neoliberais – e nunca foram neoliberais. Pelo contrário, entre os pós-modernos, há muitos que são da esquerda.

Não se deve esquecer que Foucault, Deleuze, Guattari, Derrida e Lyotard estavam fora do esquema universitário francês tradicional, estavam na periferia. Sobre isso há um livro fundamental que se chama *O que é Neoestruturalismo* (Minnesota: University Press, 1989), do filósofo alemão Manfred Frank¹⁷, no qual

¹⁷ **Manfred Frank** (1945): filósofo alemão, professor emérito de filosofia da Universidade de Tübingen. Foca-se no idealismo alemão, romantismo e conceitos de subjetividade e

descreve como estes autores – que para nós são autores “monstros” no sentido da contribuição universal que deram –, na França, não eram considerados. A França era um dos países mais reacionários frente ao estruturalismo, ao pós-estruturalismo, ao pós-modernismo.

Penso que esse foi um problema fundamental particularmente na França. Mas o que nos interessa é repensar qual tem sido – sem entrar no debate político-ideológico – a verdadeira contribuição da pós-modernidade, assim como também da pós-colonialidade¹⁸. Esse é o maior desafio que temos pela frente. Penso que alguns de nós estamos empenhados em introduzir, aplicar, tratar de, pelo menos, usar sempre que possível os conceitos que vêm da pós-modernidade dentro da política, da ‘realpolitik’, como se diz na Alemanha, para haver alguns avanços.

autoconsciência. (Nota da IHU On-Line)
¹⁸ A pós-colonialidade foi tema de capa da edição 431 da **IHU On-Line**, de 04-11-2013, disponível em <http://bit.ly/ihuon431>.

Acompanhe o IHU no Blog



Resenha

Pesquisa Participativa: por uma dialética entre teoria e prática

POR CAROLINE LISIAN GASPARONI¹ E LUCIANE ROCHA FERREIRA²

ADAMS, Telmo; STRECK, Danilo Romeu. **Pesquisa participativa, emancipação e (des)colonialidade**. Curitiba, PR: CRV, 2014.

Resenhando o livro *Pesquisa Participativa, Emancipação e (Des)Colonialidade* – prefaciado por Bernardete Gatti³ –, somos convidadas/os a conhecer uma obra que desenvolve toda sua problematização, teórica e empírica, a partir de metodologias de pesquisa distintas. São abordadas as especificidades da pesquisa participativa, com as características que envolvem sua prática no contato com o campo empírico e sua análise crítica. Como pano de fundo, o livro nos

remete a reflexões a respeito de conceitos de emancipação e (des)colonialidade desde a ótica do Sul. Os autores buscam articular a reflexão metodológica de cunho epistemológico com a análise dos resultados obtidos por meio de uma pesquisa realizada em uma organização não governamental, especificamente, junto aos projetos sociais desenvolvidos. A argumentação que perpassa o livro é o entendimento de que prática e teoria formam uma unidade dialética.

Telmo Adams e Danilo Streck compõem o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, ambos da Linha de Pesquisa: Educação, Desenvolvimento e Tecnologias. Professor Telmo é doutor em Educação pela Unisinos, pesquisador das questões envolvendo educação popular e economia solidária. É autor de *Educação e Economia Popular Solidária* (Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2010).

Professor Danilo doutorou-se em Educação pela Rutgers University, New Jersey, USA. Também realizou seus estudos voltados para as questões envolvendo educação e participação cidadã. É autor, dentre outros, de *Educação para um novo contrato social* (Petrópolis/RJ: Vozes, 2003), *Rousseau & Educação* (Belo Horizonte: Autêntica, 2004) e *José Martí & Educação* (Belo Horizonte: Autêntica, 2008), além de organizador de diver-

sas obras coletivas como o *Dicionário Paulo Freire*. Atualmente atua como editor do periódico *International Journal of Action Research*.

Pesquisa Participativa, Emancipação e (Des)Colonialidade está organizado didaticamente em sete capítulos, somando-se seis anexos com detalhamento de instrumentos utilizados na pesquisa e o prefácio escrito por Bernardete Gatti, que identifica a pesquisa como “um mergulho em interações situacionais...”.

O primeiro capítulo traz à tona a discussão a respeito da dificuldade de se discutir educação emancipatória nos tempos atuais. Remetendo-se ao filme *Matrix*, dirige o questionamento para o “quando” de nosso milênio e nos faz pensar sobre a necessidade da busca de “uma pedagogia do encontro de tempos” (p. 19) para lidar com as realidades da educação atual. Em meio à insatisfação causada pela confluência de diferentes “tempos”, vivemos, no decorrer do século passado e do atual, embates entre utopias pedagógicas diversas: behavioristas, humanistas, freireanas e até mesmo a defendida por Ivan Illich⁴, o qual pro-

4 Ivan Illich (1926-2002): pensador e polímata austríaco. Foi autor de uma série de críticas às instituições da cultura moderna. Escreveu sobre educação, medicina, trabalho, energia, ecologia e gênero. Pensador da ecologia política, foi uma figura importante da crítica da sociedade industrial. Confira a edição 46 da IHU On-Line, de 09-12-2002, intitulada *Ivan*

1 **Caroline Lisian Gasparoni**: Mestranda em Educação pela Unisinos, com graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário La Salle, em Canoas (RS). (Nota da IHU On-Line)

2 **Luciane Rocha Ferreira**: doutoranda em Educação pela Unisinos, com graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, em Cuiabá. (Nota da IHU On-Line)

3 **Bernardete Gatti**: possui graduação em Pedagogia pela Universidade de São Paulo e Doutorado em Psicologia - Université de Paris VII - Université Denis Diderot, com Pós-Doutorados na Université de Montréal e na Pennsylvania State University. Docente aposentada da USP, foi professora do Programa de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP e exerceu o cargo de Superintendente de Educação e Pesquisa na Fundação Carlos Chagas, tendo sido Consultora da UNESCO e de outros organismos nacionais e internacionais. Atualmente, atua como Pesquisadora Colaboradora na Fundação Carlos Chagas, como Coordenadora da Editoria Científica da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP) e do Comitê Editorial da Revista Estudos em Avaliação Educacional. Eleita Vice-Presidente da Academia Paulista de Educação. (Nota da IHU On-Line)

punha uma sociedade sem escolas. Em meio a esses embates, procura-se sempre de novo redefinir o papel da escola atual: Qual metodologia utilizar? Quem são os educadores a ensinar no tempo em que estamos falando?

Para essas e outras questões que circundam os ambientes escolares, o livro nos aponta para a importância da contextualização das mediações pedagógicas como lugar de referência para recriar a educação para nossos tempos. Isso exige algo não menos importante, que é a criação de espaços de percepção e escuta das vozes silenciadas. Assim, a educação precisa não só “ouvir” os sujeitos atuais, percebendo suas visões de mundo expressas pelas diversas formas de cultura e representação, como também as vozes do passado silenciadas por uma escolha providencial da História contada em nossas escolas. Ao fim do capítulo, expõe-se o papel da pesquisa científica frente a esses cenários.

Os autores iniciam o segundo capítulo abordando a questão das heranças culturais de subserviência no bojo da colonialidade do poder, do saber e do ser de cuja dependência a pesquisa e a educação não são isentas. Essas heranças são reproduzidas no contexto de reestruturação produtiva do capitalismo, ou seja, tanto mais dependente e excludente quanto mais preferimos copiar modelos arcaicos ao invés de nos arriscarmos a criar novos. Frente a essa questão, como se constituiu a pesquisa brasileira? Buscando uma resposta a essa pergunta, o livro nos apresenta como contribuição típica a pesquisa participativa – investigação-ação participativa, pesquisa participante, pesquisa-ação, sistematização de experiências – que se caracteriza pelo caráter educativo e emancipatório ao envolver os sujeitos integrados ao processo metodológico, na sua formulação, realização e interpretação dos dados produ-

Illich, pensador radical e inovador, disponível em <http://bit.ly/ihuon46>. O *Cadernos IHU Ideias* nº 164, de 2012, trouxe o tema *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?*, e está disponível em <http://bit.ly/ihuid164>. Veja ainda a entrevista especial com Roberto Passos Nogueira, *A liberdade de morrer sem diagnóstico. As críticas sociais de Ivan Illich à saúde*, publicada em 10-03-2014 e disponível em <http://bit.ly/ihu100314> (Nota da IHU On-Line)

zidos (ADAMS e STRECK, 2014, p. 33). As primeiras experiências brasileiras envolvendo pesquisa participativa, no campo da educação popular, são registradas por Paulo Freire na investigação dos “temas geradores”.

A necessária clareza em relação à compreensão da colonialidade – como “paradigma da modernidade eurocêntrica, colocado (e aceito) como parâmetro de um conhecimento que se autodefiniu como superior e universal, com a decorrente ‘desclassificação’ dos saberes do sul” (ADAMS e STRECK, 2014, pg. 35) – busca identificar seus traços na produção de conhecimento nos meios acadêmicos. Uma simples expressão “nortear” pode nos revelar a força intrínseca presente na nossa realidade. Força essa que revela as raízes do colonialismo que continua presente na forma de colonialidade, sentimento de inferioridade, impotência e passividade. Por que não “sulear” para designar o melhor caminho a seguir?

No terceiro capítulo, conhecemos um pouco a respeito do locus onde foi realizada a investigação: o Centro de Formação Urbano-Rural Irmã Araújo (Cefuria), em Curitiba, PR. O Cefuria foi criado no início dos anos 1980 por um grupo de militantes cristãos com a finalidade de desenvolver projetos com comunidades e organizações, visando processos de formação e organização. O capítulo traz um detalhamento da dinâmica participativa, com suas diferentes mediações que foram compondo o leque de iniciativas realizadas em um verdadeiro mutirão de pesquisa (ver anexos ao final do livro).

A sistematização do processo foca a centralidade da pesquisa em torno de duas dimensões amplamente vivenciadas pela experiência empírica dessa Instituição: a organização política e econômica, tendo como horizonte a Economia Solidária, enquanto estratégia de capacitar as pessoas envolvidas para que tenham condições concretas de emancipação por meio da viabilização de empreendimentos solidários.

Na quarta parte do livro, os autores problematizam o conceito de emancipação no contexto histórico da modernidade europeia e da colonialidade gerada nos países colonizados

da América Latina onde se cunhou o termo libertação. O texto nos apresenta com uma reflexão crítica a respeito das contradições/tensões existentes nesse processo, trazendo contribuições importantes para a compreensão das implicações do que se busca hoje como transformação social num contexto de globalização. Por fim, o capítulo sintetiza os principais elementos utilizados como indicadores de emancipação na análise compreensiva/interpretativa realizada.

No capítulo 5, os autores trazem uma relação descritiva e analítica das diferentes experiências realizadas pelo Cefuria. Os autores colocam que emancipação não se restringe a um conceito, “não se resume a uma coisa abstrata, mas dá-se em lugares e com públicos concretos.” Assim, ao descrever as experiências suscitadas e acompanhadas com um processo de Educação Popular Solidária, foi possível perceber como era compreendida e trabalhada pelos educadores e educadoras da instituição. Para tanto, o texto traz relatos cotidianos que introduz o leitor e a leitora na rotina de trabalho dos carrinheiros, nas padarias comunitárias, nos clubes de troca, entre outros. Enfim, traz a vida em detalhes a partir das frentes de trabalho educativo e de ação produtiva dos grupos em questão (ADAMS & STRECK, 2014, p. 81). Ao final do capítulo podemos encontrar uma síntese de tensões emergentes como desafios e possibilidades institucionais de organizações que atuam no campo socioeducativo como o Cefuria, várias das quais são também questões pertinentes à academia, como: teoria e prática, estrutura e missão institucional, relação entre local e global, financiamento e autonomia.

Em relação à instituição, campo empírico e participante da pesquisa, a análise conclui no sexto capítulo que o Cefuria buscou atualizar-se dentro do campo dos movimentos e organizações sociais constituindo-se um modelo estruturante contribuindo no processo de emancipação, “ao mesmo tempo em que se modificou no ambiente das práticas desenvolvidas” (ADAMS & STRECK, 2014, p. 52).

O Cefuria caracteriza-se por uma instituição que teve coragem e soube repensar-se em função das exigências

dos novos tempos. Iniciou-se um processo de troca solidária onde a promoção da autonomia era o foco da ação pedagógica que ali se instaurou. Essa iniciativa se constitui em um exemplo de como a transformação pode acontecer a partir do que se realiza por meio de projetos sociais gestados em conjunto com o público-alvo. É fazer *com*, e não *para*.

E nesse processo de reafirmação de uma identidade a instituição parceira da pesquisa desenvolveu um plano de ações dialógicas em busca da autogestão dos grupos acompanhados. Dentro desta lógica, propõe-se a vislumbrar a possibilidade para que as pessoas envolvidas possam formar, ao longo deste processo, uma relação entre o micro e o macro da sociedade, onde tenham condições de perceber, de forma contínua, que possuem o poder de transformar a sociedade atual, e não apenas limitar-se a ser produto resultante dela. Tudo isso mediado por uma mística percebida como força privilegiada de mobilização do Cefuria e das pessoas e grupos que o constituem.

O último capítulo que encerra a presente obra busca sistematizar a experiência investigativa do Cefuria enquanto prática social, política e pedagógica. Na realização da pesquisa nessa organização, os pesquisadores precisaram construir relações de confiança a partir do que a própria pesquisa participativa propõe como metodologia: protagonismo dos participantes da pesquisa e compreensão

de seus “universos simbólicos” (ADAMS e STRECK, 2014, p. 110).

Os autores do livro explicitam, claramente, que a decisão por realizar a pesquisa no Cefuria foi de colaborar com o empoderamento e com a formação de sujeitos capazes de exercer sua real cidadania. O texto traz, como pressuposto desse objetivo maior, o desenvolvimento de três temas centrais de base da pesquisa: “a neutralidade como uma impossibilidade, a objetividade como busca de comunicação com o outro e a rigorosidade como compromisso profissional e ético” (ADAMS e STRECK, 2014, p. 112).

Adams e Streck posicionam a pesquisa como uma tarefa pública na construção da cidadania. A pesquisa participativa proporciona a reflexão contribuindo na formação de sujeitos conscientes que se inserem na vida social e interferindo direta ou indiretamente na mobilização social. Para pesquisadores, é de grande relevância que estejam conscientes da amplitude que as pesquisas podem atingir. Certamente esta possibilidade da contribuição efetiva da pesquisa aumenta a responsabilidade política, social e ética da pesquisa acadêmica, no sentido de realmente estar a serviço da emancipação social.

Por outro lado, a leitura também chama a atenção dos militantes dos diversos movimentos sociais, os quais desenvolvem um trabalho socioeducativo que articula muitas das dimensões aqui abordadas. Chama à responsabilidade também estes ato-

res, tanto quanto dos pesquisadores, para assumirem a corresponsabilidade nesse processo de construção. O compromisso ético, político e pedagógico deve orientar a ação de todos os atores como agentes da transformação social possível.

Encontramos nesse livro razões que justificam uma merecida recomendação para a leitura: com uma linguagem adequada, imbuída de clareza e simplicidade, os autores defenderam e explicitaram suas experiências de pesquisa de campo e reflexões teóricas de forma bastante objetiva. A leitura torna-se agradável ao leitor devido a uma escrita direta utilizando-se de recursos, tais como exemplos acessíveis, relatos de experiências e problematização, tendo por base um referencial teórico-metodológico crítico.

A obra segue como uma sugestão aos pesquisadores que necessitam conhecer mais a respeito do grupo metodológico de pesquisas participativas, podendo suscitar inspirações para recriá-las em suas próprias pesquisas empíricas em diálogo com as teorias das ciências humanas e sociais. Também poderá servir como base aos que querem aprofundar seus conhecimentos a respeito de conceitos como emancipação e (des) colonialidade, dimensões estas fundamentais para educadores e educadoras, pesquisadores e pesquisadoras, mas também para militantes dos movimentos sociais populares que lutam por um mundo melhor. Boa leitura!

LEIA OS CADERNOS IHU

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Tema
de
Capa

Destques
da Semana

**IHU em
Revista**

Entrevista de Evento

Internet – parte e ferramenta para construir, mostrar e medir a economia pós-capitalista

A economista Gláucia Angélica Campregher aborda as mudanças nas relações sociais e de mercado engendradas pela articulação e conectividade em rede

POR ANDRIOLLI COSTA

Em uma lógica de eficiência produtiva, aumento da produção em escala e capacidade de inovação estimulada pela concorrência, o Capitalismo traz em seu bojo uma grande racionalidade dos meios. No entanto, para a economista Gláucia Angélica Campregher, nesta racionalidade há também “uma grande irracionalidade em relação aos seus fins”. Isto porque, para ela, é fácil esquecer que o fim não é o próprio Mercado, mas sim o outro. “Uma sociedade baseada na hipermercantilização faz exatamente isso: transforma o meio em fim. Vender, independentemente do que ou para quem”.

Para Campregher, a emergência de uma sociedade mais consciente de seus laços sociais e de interdependência e mais promotora da real liberdade individual, dá origem a uma sociedade pós-capitalista. Um dos grandes sintomas que permitem vislumbrar esta situação, para ela, é que “atualmente não são apenas os analistas que denunciavam os abusos do capitalismo”, provoca; “não são mais os comunistas, os deserdados que denunciam a sua irracionalidade”. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ela aborda a relação da economia solidária com a economia da internet, o lu-

gar do não-trabalho na sociedade, discute a “imaterialidade” das relações de trabalho contemporâneas e a atualidade do pensamento marxista.

Gláucia Angélica Campregher é graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Viçosa – UFV, com mestrado e doutorado na mesma área pela Unicamp, estudando os desdobramentos lógico-históricos da ontologia do trabalho em Marx e uma crítica da economia política do “não-trabalho”. Atualmente é professora da UFRGS e pesquisa temas relacionados às novas formas de articulação do trabalho, tanto em arranjos produtivos locais ou na internet, articulando o trabalho empírico com a reflexão do modo como estes arranjos implicam na construção de formas de sociabilidade pós-capitalista.

A professora ministrou, em 29-05-2014, a palestra *Internet – parte e ferramenta para construir, mostrar e medir a economia pós-capitalista*, parte do III Seminário preparatório ao XIV Simpósio Internacional IHU – *Revoluções tecnocientíficas, culturas, indivíduos e sociedades. A modelagem da vida, do conhecimento e dos processos produtivos na tecnociência contemporânea*.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – O que você compreende por uma sociedade pós-capitalista?

Gláucia Campregher – Uma sociedade mais consciente de seus laços sociais e de interdependência e mais promotora da real liberdade individual. Veja, o capitalismo é a sociedade onde todo mundo trabalha para todo mundo. Isto é o tal do produzir para o mercado. O mercado é todo mundo e qualquer um, e por isso ele tem uma dimensão de promotor de valores positivos, pois não discrimina ninguém. No entanto, se há algo bom em trabalhar para o outro indeterminado, há também um risco muito grande, o de que nos esqueçamos que o outro é o fim, que façamos do mercado (uma mera instância de mediação) um fim ele mesmo.

Não nos esqueçamos de que só há capitalismo quando terra e trabalho são mercantilizados. Este, em uma sociedade baseada na hipermercantilização, faz exatamente isso: transforma o meio em fim. Vender, independentemente do que, para quem, trabalhar, acumular, consumir, sem parar, sem levar em conta o que se destrói no caminho, a nossa saúde ou o planeta inteiro. O capitalismo carrega, assim, dentro de uma racionalidade dos meios – representada pelo uso cada vez mais eficiente dos fatores, a escala produtiva cada vez maior, a capacidade de inovar superestimulada pela concorrência, etc. – uma irracionalidade muito grande em relação aos seus fins.

Crítica ao capitalismo

Atualmente, não são apenas os analistas que denunciam os abusos do capitalismo, mas é de conhecimento geral os excluídos postos fora e os donos do capital que põem e dispõem todos aqueles. Esse para mim é o primeiro grande sintoma de que o pós-capitalismo já está sendo engendrado: não são mais os comunistas, os deserdados que denunciam a sua irracionalidade.

Os filmes de Hollywood são um bom exemplo. Não falo de filme francês “cabeça” (como o fantástico *O Capital*, de Gravas¹), falo de *O Se-*

nhor da Guerra (dir. Andrew Niccol, 2005), *O Sol de Cada Manhã* (dir. Gore Verbinski, 2005), *Huckabees – A Vida é uma Comédia* (dir. David O. Russell, 2004), todos mostrando quão vazia e ilógica anda a nossa sociedade. Mas aí é que está: por que a própria matriz da indústria cultural se permite ganhar dinheiro vendendo tais mensagens? A resposta é porque apenas a consciência de que os fins postos por este sistema não nos serve. Não é suficiente os trocarmos por outros. Enquanto ninguém coloca o Outro efetivamente na roda, não há porque não ganhar dinheiro com a denúncia.

Acredito que além de sabedores dos problemas da antiga (ainda que atual) sociedade, nós estamos efetivamente experimentando novos modos de produção e de troca que vão além das mediações colocadas pelo mercado. E, aliás, o mesmo vale para o estado, que é, ao contrário do que muita gente pensa, a instituição irmã do mercado no capitalismo. Ou seja, toda forma de experimentação de poder mais participativo, toda forma de driblar as formas de representação, de organização (como os partidos), de estabelecimento de lideranças que vêm sendo experimentadas mundo afora, são amostras grátis da sociedade pós-capitalista que estamos inventando neste exato momento.

IHU On-Line – De que formas a internet colabora para reconfigurar as relações capitalistas tradicionais?

Gláucia Campregher – Não permitindo que as trocas que ocorram na rede sejam plenamente mercantis. Veja, a internet em si não é boa ou ruim, é porque ela disputa com o mercado ser uma instância de mediações entre humanos que ela é genial. Na rede, os usuários trocam informações, dados, arquivos, fotos, que constroem ali elos, sociedade, mobilizações, festas, jogos, partidos, etc. Que a in-

aborda a relação dos cidadãos do século XXI como escravos do Capital. O filme acompanha o trabalhador Marc Tourneuil (Gad Elmaleh) que se aventura no mundo feroz do Capital. Ao mesmo tempo, o chefe de um importante banco de investimentos europeu se apega ao poder, quando uma empresa americana tenta comprá-lo.

ternet siga sendo não plenamente mercantil.

Mas veja que interessante: a internet tem o lado bom do mercado, isso de ser global, de o outro ao qual nos dirigimos não ser o outro conhecido. Isso é bom! Veja que há um certo pensamento crítico que ao fazer a crítica do capitalismo faz o elogio de sociedade mais fechada que este. Nem sempre visar o outro como fim é um valor positivo. Se o outro é muito próximo, a chance de você estar visando a si mesmo é muito grande. A alteridade real exige o mundo. Para mim esta mensagem é antiga, começa com a cristandade, o Deus uno do amor universal é bem isso, um convite ao outro distante.

Vejo a internet como positiva porque também traz o outro distante para perto de nós, isso nos faz menos autocentrados. Enquanto hoje o mercado aposta na infantilização (o que é o mesmo que autocentramento), a internet é a nossa aposta na socialização. O mercado já foi isso um dia, mas aí foi dominado, dirigido (sob justo a fantasia do contrário, de que era livre) a tal ponto de Braudel² chamar o capitalismo de “o antimercado”. Pois bem, hoje está na nossa vez de chamar a internet de “o anticapitalismo”. Mas insisto, ela não é isto em si e por si, mas porque nós a temos feito assim, como nós brasileiros recentemente, votando um marco legal fiel a estes propósitos. Sem nossa luta, a internet cai na gravitação mercantil.

IHU On-Line – Como o pensamento marxista se atualiza na contemporaneidade? O que precisa ser superado e quais reconciliações devem ser feitas?

Gláucia Campregher – O melhor do marxismo é, ao meu modo de ver, o seu método. O que sequer vale só para esta corrente do pensamento, mas para todas as demais. Isso por causa mesmo do que eu dizia acima.

² **Fernand Braudel** (1902-1985): historiador francês, sua obra é focada especialmente em três projetos: *The Mediterranean* (1923-49, then 1949-66), *Civilization and Capitalism* (1955-79), and *the unfinished Identity of France* (1970-85). É considerado um dos grandes historiadores modernos. (Nota da IHU On-Line)

¹ *Le Capital* (2012): filme francês dirigido por Constantin Costa-Gavras,

O pensamento de alguém só é bom se te coloca a pensar com ele, não se te diz o que pensar. Se for bom mesmo, pensando com ele você pode pensar além dele. Ninguém diz a palavra final aqui, não há palavra final se o objeto, o mundo que estamos a pensar, está sempre em movimento.

Mas quando saber se algum pensamento já deu tudo o que tinha de dar? O marxismo já deu tudo o que podia? Acho que não. Acho que a descrição da lógica do movimento deste mundo subjugado aos fins da acumulação capitalista que Marx³ faz é ainda superatual. Basta ler o *Manifesto Comunista* (como muito capitalista fez nos anos recentes do pós-2008). É atual, mas não é suficiente. Imagine se nós não devemos completar o quadro do mundo de hoje com as descrições sobre a financeirização da riqueza que me permite o keynesianismo⁴, por exemplo. Imagine que não devamos incorporar o indivíduo de maneira mais radical que o que o Marx fez, nós que temos agora o fantástico universo

da psique desvendada por um Freud⁵ e um Lacan⁶.

Para mim, o marxismo só tem a ganhar se abrindo para um diálogo com outros pensamentos fora do seu círculo, do seu núcleo duro. E o que ele quer é ganhar o mundo para os trabalhadores, não algum torneio acadêmico. Dentro do marxismo esse núcleo tem de derreter para que novas fundições sejam possíveis, e armas mais úteis sejam forjadas.

Um exemplo (que tem tudo a ver com a leitura que faço de que estamos já experimentando o pós-capitalismo)

5 **Sigmund Freud** (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 179 da IHU On-Line, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível para consulta no link <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível em <http://bit.ly/ihuon207>. A edição 16 dos **Cadernos IHU em formação** tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da IHU On-Line)

6 **Jacques Lacan** (1901-1981): psicanalista francês. Realizou uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas este é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. Confira a edição 267 da revista IHU On-Line, de 04-08-2008, intitulada *A função do pai, hoje. Uma leitura de Lacan*, disponível em <http://bit.ly/ihuon267>. Sobre Lacan, confira, ainda, as seguintes edições da revista IHU On-Line, produzidas tendo em vista o **Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer "não cedas de teu desejo"?** [*ne cède pas sur ton désir*], realizado em 14 e 15 de agosto de 2009: edição 298, de 22-06-2009, intitulada *Desejo e violência*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon298>, e edição 303, de 10-08-2009, intitulada *A ética da psicanálise. Lacan estaria justificado em dizer "não cedas de teu desejo"?*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon303>. (Nota da IHU On-Line)

é a "rigidificação" da dialética entre forças produtivas e relações sociais, ou seja, a rígida oposição base x superestrutura. Perry Anderson⁷, que nos anos 1980 nos brindou com o fantástico *A crise da crise do marxismo* (São Paulo: Brasiliense, 1985), tem um parágrafo numa outra obra sua em que afirma:

Uma das conclusões mais importantes a serem tiradas de uma análise da derrocada do feudalismo europeu é que, ao contrário do que geralmente se acredita em círculos marxistas, a "figura característica" de uma crise de um modo de produção não é aquele em que vigorosas forças produtivas (econômicas) emergem triunfantes das relações de produção (social) decedentes e, de repente, levam a uma maior produtividade e a uma sociedade mais avançada de suas ruínas. Na verdade, as forças produtivas normalmente tendem a perder tempo e a serem barradas por estas relações de produção. Somente após estas relações serem radicalmente transformadas e reordenadas, novas forças produtivas poderão acumular-se e combinar-se para dar lugar a um novo modo de produção a nível mundial. (Perry Anderson em *Passagens da antiguidade ao feudalismo*. Porto: Afrontamento, 1989) [Tradução livre].

Isso mostra que não existe isso de forças produtivas novas e vigorosas nascerem rasgando o tecido social evidentemente retrógrado, que é muito mais plausível acontecer que estas forças novas sejam frágeis no início e só muito aos poucos vão esgarçando o tecido social que, por sinal, vai mudando junto e propiciando ao final, mais que impedindo, que estas novas forças vinguem. De modo geral, acho que o que precisa ser superado são todas as oposições rígidas demais, onde se perde a boa dialética das mediações na tentativa de superpositivar um lado frente a outro⁸.

7 **Perry Anderson** (1938): historiador marxista, professor de História e Sociologia da Universidade da Califórnia em Los Angeles - UCLA e editor da *New Left Review*. (Nota da IHU On-Line)

8 **Nota da entrevistada**: recentemente escrevi com um aluno meu um texto que apresento semana que vem no encontro da Sociedade Brasileira de Economia Política, que se chama *Vulgaridades teóricas debilitadoras do marxismo: "a mais-valia é um roubo", "o capitalista não trabalha", "o Estado é o escritório*

3 **Karl Marx** (Karl Heinrich Marx, 1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. A edição número 41 dos **Cadernos IHU Ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título *A (anti) filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://bit.ly/173lFh0>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da IHU On-Line, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em <http://bit.ly/rhygyP>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da IHU On-Line, de 03-05-2010, disponível em <http://bit.ly/JwXRSa>. (Nota da IHU On-Line)

4 **John Maynard Keynes** (1883-1946): economista e financista britânico. Sua *Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro* (1936) é uma das obras mais importantes da economia. Esse livro transformou a teoria e a política econômica e ainda hoje serve de base à política econômica da maioria dos países não comunistas. Confira o **Cadernos IHU Ideias** nº 37, *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes*, de Fernando Ferrari Filho, disponível em <http://bit.ly/ihuid37>. Leia, também, a edição 276 da **Revista IHU On-Line**, de 06-10-2008, intitulada *A crise financeira internacional. O retorno de Keynes*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon276>. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – Como a imaterialidade das relações de trabalho e produção, proporcionadas pelo ambiente em rede, reconfiguram também o espaço fora do virtual?

Gláucia Campregher – Antes de qualquer resposta, quero dizer que não gosto muito da ideia do imaterial. Para mim a materialidade está aí igual. Se eu falo com você via Skype, a sua imagem foi materializada. Se você me diz, ok, mas meu corpo não estava ali, eu te digo que você não é só seu corpo, mas suas expressões, seu tom de voz, isso é material também, mas só dada tecnologia (material) traz essa materialidade para mim. Na época das cartas isso não era possível. Eu teria de me virar com a minha imaginação. Se você me disser que isso tinha seu lado bom, que a imaginação era mais ativa, então eu te diria que não necessariamente. A imaginação perde função quando certas funções são assumidas por dispositivos materiais fora de nós, mas, sim, isso pode ser um risco. Só que também a época das cartas tinha seus riscos, e muita gente ficava presa em seus castelos de cartas sem ver a realidade a sua volta.

A meu ver, os espaços de produção de vida (seja de meios de subsistência, seja de meios de convivência) devem ser simplesmente variados. Se forem os mais variados podem possibilitar os mais indicados (a esta ou àquela situação ou finalidade). Vai ter um momento que, de tanto falar contigo, ver suas expressões, saber pelo seu jeito que eu apenas vejo numa tela que você está triste ou alegre, eu vou querer te tocar, quer isso seja possível então!

Sobre o espaço não virtual, vejamos as cidades, por exemplo. Faz tempos que elas são espaços ao mesmo tempo atolados de gente e solitários (não à toa o automóvel é a melhor metáfora do capitalismo que conheço). Eu quero crer que a rede virtual possibilita pensar a rede de tráfego, de praças, os circuitos musicais, de modo a nos apropriarmos mais da cidade. Não à toa eventos como o *Comida de rua*, os piqueniques, as feiras de trocas, o carnaval de rua, estão

da burguesia". Disponível aqui - <http://bit.ly/gcampihu>. Acho que este artigo seria justamente uma resposta para sua pergunta.

voltando à moda, como as quermesses da minha infância. Eu reputo isso também à internet porque aproxima os outros distantes que gostam destas coisas, apresentam estas coisas para quem nunca as viu. Tomara consigamos destronar os carros, aí sim a mediação humana das trocas humanas vai reconfigurar geral os espaços.

IHU On-Line – Sua pesquisa acompanha por um lado os empreendimentos solidários e arranjos produtivos locais e por outro os arranjos em rede, promovidos pela internet. É possível traçar algum paralelo entre eles?

Gláucia Campregher – Claro, é justo isso que quero mostrar. A Economia Solidária tem uma história muito antiga. Há uma economia da troca não mercantil que sobreviveu como franja no capitalismo que vem de sociedades já há muito desaparecidas. Do mesmo modo, quando a economia da troca mercantil vai mal, estas formas pretéritas (que ainda fazem laços por debaixo dos laços mercantis) salvam as pessoas de sucumbirem. Por isso mesmo, essa economia nunca morre, mas também já mostrou que convive com a economia da troca mercantil sem a revolucionar ou desbançar.

Para piorar, há estudiosos e militantes que acreditam que os valores positivos desta economia alternativa têm a ver com ela não se “sujar” com os valores, práticas, do mercado. Há gente que, acredito eu, romantiza demais o seu lado passado, pequeno, e mesmo o seu lado de derrotado pela troca mercantil. Eu discordo. Quero mais é viabilizar o futuro, o grande, e a vitória sobre o mercado, o que exige que façamos melhor que ele o que ele faz: a mediação com o outro distante. Ou seja, a economia solidária tem de crescer, em escala de produção, de troca, de eficiência mesmo, e a gente só faz isso de um jeito alternativo ao do mercado (e do assalariamento alienante no chão de fábrica/escritório) se sairmos da coisa paroquial. A nossa paróquia tem de ser o mundo.

Economia Solidária

Costumo dizer que a Economia Solidária há tempos cuida dos pobres e que estas formas novas de produção e trocas viabilizadas pela internet

é coisa de gente fina, de “gurizada” classe média para cima. Mas estes dois outros já se amam, inclusive por compartilhar experiências comuns. O jovem que não gosta de chefe, de rotina, de diversão falsa, de consumismo exibicionista, em resumo, quer ser mais ativo sobre todos os pontos de vista. Não quer entrar no piloto automático do mercado e morrer de infarto, obeso e triste, mas já sabe também que não pode ficar eternamente no parque cantando *When the moon is in the seventh house*⁹.

Sem um plano alternativo ele sabe que vai virar suco¹⁰ ou pilha¹¹. Pois bem, o plano alternativo é trabalhar, já que não dá para ser *hippie forever*. E isso é o que sabem bem os “pobres” da economia solidária. Mas isso, que estes dois têm tudo a ver, é minha hipótese de trabalho. Posso estar errada e a “economia colaborativa” dos novos nerds não ter nada a colaborar com a economia solidária das classes populares, velhas vítimas da troca mercantil. Ou que ela tenha o que colaborar, mas haja um rancor irracional da parte do pessoal da economia solidária que atrapalhe o romance.

IHU On-Line – Em sua tese de doutoramento, em 2001, você identificou novas formas de organização do trabalho que estavam surgindo e cujo significado não estava dado naquele momento. O que percebeu?

Gláucia Campregher – Acho que ainda hoje este significado não está dado. Na melhor das hipóteses nós o estamos construindo. A própria crise de 2008 para cá parece estar atuando de modos opostos: de um lado promovendo um refluxo e de outro propiciando e até exigindo novos experimentos. No primeiro caso, por exemplo, podemos pensar na confrontação/identificação com o outro distante. É o caso do crescimento dos grupos xenófobos na Europa, trazendo de volta o velho (bode expiatório de sempre) em vez de tra-

⁹ Referência à música *Aquarius*, de *Hair*, musical da Broadway que estreou nos cinemas em 1979. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ Referência ao filme *O Homem que Virou Suco* (dir. João Batista Andrade, 1981). (Nota da IHU On-Line)

¹¹ Referência ao filme *Matrix* (dir. Andy e Lana Wachowski, 1999). (Nota da IHU On-Line)

zer o novo. No segundo caso, pode-se pensar nos compartilhamentos de comida, dinheiro, trabalho na Espanha, na Itália, etc.

IHU On-Line – Em que consiste pensar o lugar do não-trabalho na sociedade?

Gláucia Campregher – O não-trabalho que incomoda o capital é o trabalho que não pode ser apropriado, é todo aquele não passível de virar valor coisa (algo vendável) ou que, ao se tornar coisa, não tem seu valor reconhecido (não é vendido). Mesmo quando busca diminuir a quantidade de trabalho necessária a produzir tal ou tal coisa, o que persegue o capitalista é que essa economia de trabalho possibilite a ele comprar mais trabalho alheio. Daí a neurose da acumulação.

O curioso é que se o sistema está sempre a perseguir a poupança de trabalho, está sempre a produzir não-trabalho. Para os que não conseguem viabilizar o seu potencial de trabalho e não tem acesso a ganhos de propriedade, o não-trabalho significa não poder viver (no limite morrer de fome ou de insignificância social). Mas também há os que não sabem viver “sem trabalhar” mesmo tendo ganhos de propriedade (os que não sabem ficar sem fazer nada, os que não sabem se divertir sem ter o trabalho de comprar, ou o capitalista que não sabe se afastar com a idade, etc.).

Acontece que a velocidade e radicalidade das transformações tecnológicas vão cada vez mais produzindo

um outro tipo de não-trabalho, aquele efetivamente tornado redundante. Pode até ser que se cai a participação direta do trabalho nos processos produtivos cresce a sua participação indireta (mormente nos processos organizativos), mas a tendência é que mesmo esta diminua. Não acredito que isto signifique em si mesmo o fim do capitalismo, mas explica porque tantas pessoas vêm ganhando tempo (horas e horas de seus dias) e recuperando o desejo de fazer estes experimentos, ou seja, inventar um novo trabalho.

IHU On-Line – Deseja acrescentar mais alguma coisa?

Gláucia Campregher – Queria acrescentar apenas que todas estas notícias que vemos esparsas sobre economia solidária, economia colaborativa, iniciativas de cooperação para consumir, produzir serviços, organizar mobilizações, todas as transformações tecnológicas que barateiam sobremaneira o próprio capital (ou seja, máquinas e equipamentos) além de reduzir seu volume físico (pense o que vai significar as tais impressoras 3D), tudo isso pode – mas não necessariamente – significar ao mesmo tempo uma maior possibilidade de nos tornarmos produtivos individualmente, fora das relações normais de assalariamento, e ainda abre, principalmente via internet, a possibilidade de nos articularmos socialmente.

Na produção podemos compartilhar modelos, projetos e fazer muitas

coisas sozinhos em casa. Nas finanças podemos dar materialidade à confiança fora dos sistemas bancários tradicionais e democratizarmos muito mais o crédito (como as iniciativas de *crowdfunding*), podemos criar mesmo moedas alternativas¹², na política podemos viabilizar a discussão, a participação e o debate com mais facilidade e tirar da mão dos políticos tradicionais as definições centrais (como o 5 Estrelas¹³ faz na Itália); e tudo isso tem por base o superpartilhamento do conhecimento. Quero crer que continuando assim vão cair as leis de copyright e aí o pós-capitalismo vai ficar evidente.

Leia mais...

- *A indústria top (e pop!) do mundo moderno*. Entrevista com Gláucia Angélica Campregher publicada na edição 211 da **IHU On-Line**, de 12-03-2007, disponível em <http://bit.ly/ihuon211>.

¹² Para saber mais sobre moedas alternativas, acesse a matéria “Número de moedas ‘alternativas’ dobra no país em 5 anos”, publicada no G1 em 03-04-2014, disponível em <http://bit.ly/maltg1>. (Nota da **IHU On-Line**)

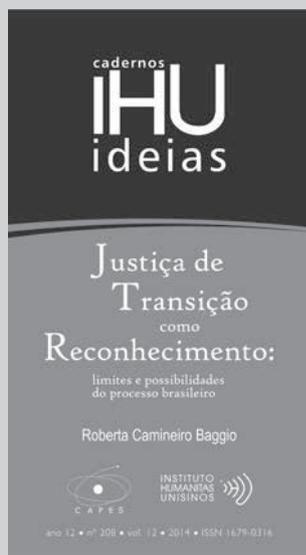
¹³ **MoVimento 5 Stelle**: Movimento e partido político italiano, nascido em 2009 pelo comediante Beppe Grillo com a finalidade de deslocar os partidos tradicionais para colocar cidadãos comuns no poder e estabelecer uma democracia direta por meio do uso da Internet. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Publicações em destaque

Confira algumas das publicações mais recentes do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

Cadernos Teologia Pública

O feminino no Gênesis

A partir de Gn 2,18-25

André Wénin

ISSN 1807-0590

ano XI • número 87 • volume 11 • 2014

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



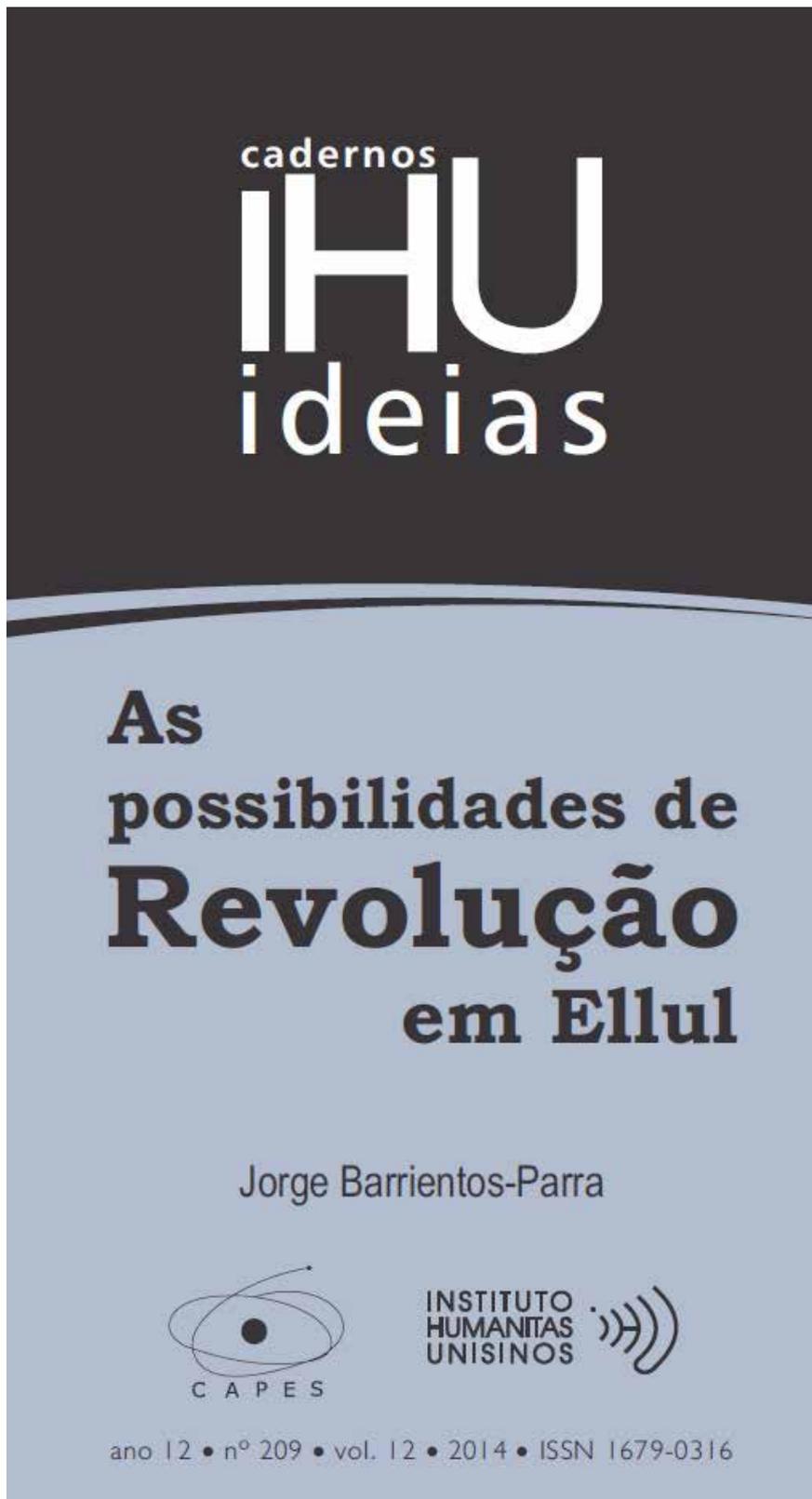
JESUITAS

UNISINOS
Somos infinitas possibilidades

O feminino no Gênesis

Cadernos Teologia Pública nº 87 publica o artigo *O feminino no Gênesis. A partir de Gn 2, 18-25*, do teólogo André Wénin, professor da *Université Catholique de Louvain*. Este artigo oferece novas perspectivas sobre o livro do Genesis, a partir da análise de sua construção narrativa. Ao iniciar seu relato com Javé afirmando “Não é bom que o humano esteja sozinho. Vou fazer para ele um socorro que lhe seja como um face a face” (Gn 2, 18), propõe-se um debate sobre a “alteridade” feminina face ao homem e a falha do reconhecimento do homem no primeiro momento em que são apresentados. A narrativa do Gênesis ilustra um modo muito humano de fazer fracassar o encontro com o outro ao cantar os louvores do outro – com toda a boa fé – e colocá-lo num pedestal, sem perceber que esta ação visa neutralizar a alteridade do outro para se proteger de sua inquietante estranheza.

Esta e outras edições dos Cadernos Teologia Pública podem ser obtidas diretamente no **Instituto Humanitas Unisinos – IHU** ou solicitados pelo endereço humanitas@unisinos.br. Para outras informações, utilize o telefone (51) 3590-8247. A publicação também está disponível no link <http://bit.ly/teologiapublica>.



As possibilidades da Revolução em Ellul

O Cadernos IHU ideias nº 209 traz o artigo *As possibilidades da Revolução em Ellul*, de Jorge Barrientos-Parra. O autor é doutor em Direito pela *Université Catholique de Louvain*, Bélgica, e atualmente é professor do Departamento de Administração Pública da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp, campus Araraquara. Tendo como base a obra *Mudar de Revolução - o inelutável proletariado* (Rio de Janeiro: Rocco, 1985), Parra discorre sobre o que Jacques Ellul entende como o *estrutural* e o *existencial* numa revolução marxista.

Analisando as principais experiências desse tipo, o pensador francês constata o seu fracasso a partir da opção pela tecnicização da sociedade. No entanto, Ellul constata também a validade dos objetivos de Marx de superação do proletariado e da alienação. Assim, um socialismo revolucionário e libertário seria possível dentro de determinadas condições. No plano existencial, Ellul questiona em cada um de nós o arraigo dos valores da eficácia, do poderio e da busca do dinheiro como principais finalidades da vida, propondo uma autêntica e radical transformação antes da tomada do poder. Dessa forma, o autor desenvolve o conceito elluliano da *revelação de Deus em Jesus Cristo* como alavanca e ponto de apoio da revolução.

Esta e outras edições dos Cadernos Teologia Pública podem ser obtidas diretamente no **Instituto Humanitas Unisinos - IHU** ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Para outras informações, utilize o telefone (51) 3590-8247. A versão digital em PDF deste artigo será publicada no dia 06/07/2014. Acesse as edições anteriores em www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias.

Leia algumas das edições já publicadas da **IHU On-Line**.



A potência das ruas em debate

Edição 434 – Ano XIII – 09-12-2013
Disponível em <http://bit.ly/ihuon434>

Nos meses de junho a outubro, o Brasil foi sacudido pela movimentação das ruas. As grandes manifestações de junho não cessaram nos meses seguintes e esta edição da **IHU On-Line** retoma esta discussão. Pesquisadores e professores discutem as mobilizações e a violência que têm acompanhado as mesmas. Contribuem para o debate Ricardo Antunes, Jorge Barcellos, Giuseppe Cocco, Bruno Lima Rocha, Bruno Cava e Hugo Albuquerque.

Copa do Mundo. Para quem e para quê?

Edição 422 – Ano IX – 10-06-2013
Disponível em <http://bit.ly/ihuon422>

Enquanto governos e patrocinadores enaltecem a realização dos megaeventos no Brasil, um contingente de milhares de brasileiros vem sofrendo as mais variadas violações de direitos humanos. Neste contexto era publicada esta edição da **IHU On-Line**, que precedia em uma semana o início da Copa das Confederações. Para debater a realização de megaeventos, a revista entrevistou Orlando Alves dos Santos Jr., Arlei Damo, Roberto Liebgott, Paulo Lemos, Cláudia Favaro, Júlia Ávila Franzoni, Caio Bruno de Oliveira Barbosa, Argemiro Ferreira de Almeida, Eloisa Varela Cardoso de Arruda e Vasconcelos Filho.



Movimentos sociais. Perspectivas e desafios

Edição 325 – Ano X – 19-04-2010
Disponível em <http://bit.ly/ihuon325>

Na atualidade, os movimentos sociais são distintos dos ocorridos do final da década de 1970 e parte dos anos 1980. Analisar as transformações que marcaram os movimentos sociais na última década, assim como as limitações e desafios desses atores sociais é o tema que inspira a matéria de capa desta edição da **IHU On-Line**. Contribuem para a discussão Maria da Glória Gohn, Rudá Ricci, Sílvio Caccia Bava, Ivo Lesbaupin, Marcus Abílio Gomes Pereira e Ivo Poletto.



XIV Simpósio Internacional IHU - 21 a 23 de outubro

A modelagem da vida, do conhecimento e dos processos produtivos na tecnociência contemporânea

A convocatória para envio de trabalhos para o *XIV Simpósio IHU Revoluções Tecnocientíficas, Culturais, Individuais e Sociedades* está aberta e pode ser feita até o dia 15 de setembro, conforme os eixos temáticos abaixo. Para acessar a Convocatória com as normas acesse <http://bit.ly/trabXIVSimp>.

1. Tecnociência, governo da vida e biopolítica



As implicações entre biopoder, biopolítica, sociedade tecnológica, domínio da técnica, tensão entre controle total e democracia virtual, impactos da tecnociência no conceito de natureza humana e dos novos modos de produção na vida humana e no Planeta.

2. Saúde coletiva e tecnocientíficos



Os impactos da medicalização da vida, das produções tecnológicas e biomédicas, das questões de gênero e dos processos de subjetivação, incidência das tecnologias relacionadas à saúde nos processos de subjetivação e nos modos de vida, as tecnologias e o imperativo de ser saudável, conexões da medicina com outras áreas, tecnificação versus humanização do parto, soluções sintéticas, biologia sintética, farmacologização da saúde e da psiquiatria.

3. Desafios jurídicos na tecnociência contemporânea



O encontro da autonomia, do corpo, da subjetividade e das coletividades com direitos, distinções e impactos das novas tendências tecnocientíficas da sociedade. Especialmente no que se refere aos debates sobre propriedade intelectual e common rights, copyleft, produção de conhecimento, direitos tradicionais, defesa do sujeito na sociedade tecnológica.

4. Processos produtivos e revoluções tecnocientíficas



As aplicações de processos produtivos contemporâneos como nanotecnologia, biotecnologia, automação, robótica, neuroinformática e Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs em novas modelagens do conhe-

cimento em rede, dos impactos da internet e dos modelos e técnicas de gestão. Assim como as implicações econômicas, as possibilidades da mobilidade urbana, os impactos ambientais, e o conceito de cidades sustentáveis na atualidade.

5. Educação no contexto das novas tecnologias



As novas formas dos indivíduos de perceber a si mesmos no contexto de uma sociedade midiaticizada, outros modelos de ontologias tecnológicas e de processos de subjetivação, modelos de ensino-aprendizagem cinestésica, impacto das Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs na aprendizagem, nas relações e nas técnicas pedagógicas, educação conectiva, desafios da educação frente a novas modelagens da vida e do conhecimento, reprodutibilidade livre de conhecimento, conhecimento compartilhado.

6. Processos midiáticos e conectividade



Os impactos das tecnologias telemáticas na sociedade, crescente midiaticização das relações virtuais, midiaticização como processo social, midiaticização como novo ambiente existencial e cultural, lógica conectiva, iniciativas colaborativas via internet, estudos de redes, cybercomunicação, web e modos de ser, redes sociais, revolução digital.

7. Ética e sociedade tecnocientífica



Os desafios, os problemas e os dilemas éticos de viver num mundo em que as tecnologias não são apenas instrumentos a usar, mas nosso próprio viver em comum, implicações éticas dos processos socioculturais de subjetivação sobre a identidade das pessoas, sobre o modo como elas se autocompreendem e sobre o modo de viver em sociedade, o humano na idade da técnica, niilismo e esperança.